

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

AUGUSTO RODRIGUES PARADA

**PORTAIS: PLATAFORMAS DE PRODUÇÃO, CONTROLE E
COMÉRCIO DO CONHECIMENTO PÓS-MODERNO**

Porto Alegre

2008

AUGUSTO RODRIGUES PARADA

**PORTAIS: PLATAFORMAS DE PRODUÇÃO, CONTROLE E
COMÉRCIO DO CONHECIMENTO PÓS-MODERNO**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação Social, pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^ª. Dr. MÁGDA RODRIGUES DA CUNHA

Porto Alegre

2008

AUGUSTO RODRIGUES PARADA

**PORTAIS: PLATAFORMAS DE PRODUÇÃO, CONTROLE E
COMÉRCIO DO CONHECIMENTO PÓS-MODERNO**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação Social, pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada pela Banca Examinadora em de de 2008.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª. Dr. MÁGDA RODRIGUES DA CUNHA

Prof^ª. Dr. LÚCIA MARIA MARTINS GIRAFFA

Prof^ª. Dr. DORIS FAGUNDES HAUSSEN

*Dedico este trabalho à
Jane Piazer, minha grande amiga,
e ao meu irmão Agnaldo Parada,
eternamente em meu coração e lembrança.*

AGRADECIMENTOS

Aos professores e colegas do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

À minha orientadora, Prof^a. Dr. Mágda Rodrigues da Cunha, pelo norte, pela amizade e pelos conselhos nesta trajetória; por auxiliar na busca do que realmente sou e posso ser como pesquisador.

Ao Prof. Dr. Eduardo Campos Pellanda, por despertar em mim, há alguns anos, por meio de seus estudos e aulas, a paixão pela comunicação on-line e todas as suas ramificações.

Aos meus alunos e colegas da FACCAT e Unisinos, por serem a inspiração a tudo isso. Em especial à professora Janaína Gomes.

Aos colegas, amigos e companheiros Verônica de Giácomo, Ticiano Paludo e Bruna Paulin, que, por meio de risadas nervosas e angústias, estiveram presentes nestes últimos momentos e, sem dúvida, marcaram esta trajetória.

À Magda de Souza, pelo conforto, amizade, confiança e amor incondicional a mim.

À Rosiani Borba, Rafaela Borba, Patrícia Nascimento, Mirela Lopes, Juliana Fortes, Janaína Lima e Lisandro Godoy, por serem exatamente como são, e estarem sempre aqui, comigo, ao meu lado, cada vez mais próximos e definitivos.

À minha família, em especial, Tia Zaira, Maíra, Tio Miguel, Tia Silvana, Pedro, Gabriel, Nanda, Kiko, Tia Marta, Tio Edilson, Miguelzinho, Fernanda, Diego, Rafaella e Otávio, por serem o porto seguro da minha vida.

À minha mãe, Adelaide, pela generosidade e bondade, pelo incentivo e orgulho; por não medir esforços para que meus objetivos sejam realizados e por me ensinar a colocar Deus em primeiro plano em minha vida.

Ao meu pai, Adriano, meu amigo, por, a cada dia, me mostrar que o caminho da felicidade que precisamos percorrer não pode ser abalado pelo que os outros julgam.

A minha irmã Bruna, por ter surgido como um novo foco de alegria e amor; pela grandiosidade em querer ser um pedaço de todos nós; pelo despudor em me encher de abraços e carinhos.

A minha irmã Adriana, responsável por meus sorrisos, minhas lágrimas, minha vida. Meu maior encanto, meu maior amor, minha força constante para deixar mais simples o que eu insisto em dificultar.

RESUMO

Neste trabalho são abordadas as possibilidades de produção, controle e comércio do conhecimento pós-moderno em portais na internet. Com a revisão de conceitos e a estrutura de parâmetros, busca-se observar como estas plataformas têm servido para representar o tratamento do conhecimento na sociedade. Partindo das idéias de pós-modernidade e do olhar de Maffesoli sobre o conhecimento comum, passa-se pela cultura digital, internet, interfaces e portais, sempre com a dinâmica de perceber, por meio da forma, como estas categorias de tratamento do conhecimento pós-moderno vêm sendo configuradas em portais na rede mundial de computadores. Com referência à história do conhecimento social, trabalha-se com a observação específica de um portal religioso, um acadêmico, um estatal e um de imprensa – instituições apontadas como pioneiras na apropriação do conhecimento ao longo dos tempos.

ABSTRACT

This work deals with the possibilities of production, control and commercialization of post-modern knowledge portals on the Internet. With the revision of concepts and structure of parameters, we want to observe how these platforms have served to represent the treatment of knowledge in the society. Using the ideas of post-modernity and the concept of Maffesoli on shared knowledge and through digital literacy, Internet, Portals and interfaces always with the dynamics to understand through the shape, how these categories of treatment of post-modern knowledge Portals have been set up in the global network of computers. Referring to the social history of knowledge, this search works with the observation of specific religious, academic, governmental and media portals – institutions identified as pioneers in the appropriation of knowledge over time.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Portal da UFBA.....	70
Figura 2 – Abertura do Portal da Igreja Adventista do Sétimo Dia.....	72
Figura 3 – Portal da Igreja Adventista do Sétimo Dia.....	74
Figura 4 – Portal de Serviços e Informações do Governo.....	75
Figura 5 – Portal de Notícias do G1.....	77
Figura 6 – Visão do menu do Portal da UFBA.....	79
Figura 7 – Lista de discussão do Portal da UFBA.....	80
Figura 8 – Cadastro para a lista de discussão.....	81
Figura 9 – Sistemas da UFBA.....	82
Figura 10 – Editora da UFBA.....	83
Figura 11 – Visão do menu do Portal da Igreja Adventista do Sétimo Dia.....	84
Figura 12 – Apresentação da Igreja Adventista do Sétimo Dia.....	85
Figura 13 – Bíblia <i>On-line</i>	86
Figura 14 – <i>Links</i> de opções da Igreja Adventista do Sétimo Dia.....	87
Figura 15 – Rede Adventista.....	88
Figura 16 – Opções da Rede Adventista.....	89
Figura 17 – Esperança Blog.....	90
Figura 18 – Visão e menu do Portal de Serviços e Informações do Governo.....	91
Figura 19 – Lista de serviços.....	92
Figura 20 – Lista de pesquisas escolares.....	93
Figura 21 – Visão do menu superior do Portal de Notícias do G1.....	94
Figura 22 – Globo Esporte no Portal.....	95
Figura 23 – Envie a sua notícia.....	96
Figura 24 – <i>Fotolog</i> no G1.....	97

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Resultado dos buscadores sobre os portais.....	14
Quadro 2 – A divisão dos portais.....	44

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 TRATADO METODOLÓGICO.....	15
2 PREFÁCIO: PÓS-MODERNIDADE, CONHECIMENTO PÓS-MODERNO E MODELO FORMISTA.....	18
2.1 UM PANORAMA DA PÓS-MODERNIDADE.....	18
2.2 UM ACORDO SOBRE O CONHECIMENTO PÓS-MODERNO.....	21
2.3 O PRESSUPOSTO FORMISTA COMO MODELO DE OBSERVAÇÃO.....	25
3 CULTURA DIGITAL, HIPERTEXTO, HIPERMÍDIA, PORTAL.....	29
3.1 A CULTURA DIGITAL E O CIBERESPAÇO: O COSMOS DA INTERNET.....	29
3.2 HIPERTEXTO E HIPERMÍDIA: UM CAMINHO NÃO-LINEAR DO CONHECIMENTO NO CIBERESPAÇO	32
3.3 O TRAJETO DA INTERNET ATÉ OS PORTAIS.....	41
3.4 APRESENTANDO O PORTAL.....	42
4 PRODUÇÃO, CONTOLE E COMÉRCIO DO CONHECIMENTO: DA HISTÓRIA À CIBERCULTURA.....	45
4.1 A HISTÓRICA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO: O UNIVERSO DOS HOMENS DAS LETRAS.....	45
4.2 SOCIALIZAÇÃO, INTERAÇÃO E COMUNIDADES VIRTUAIS: UM NORTE DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NO AMBIENTE <i>ON-LINE</i> ...	49
4.3 CONTROLANDO O CONHECIMENTO: A IGREJA E O ESTADO COMO FONTES DE ARMAZENAMENTO E BUSCA DE INFORMAÇÕES.....	56
4.4 ORGANIZANDO O CONHECIMENTO: A BUSCA E ARMAZENAMENTO NA INTERNET.....	59
4.5 A IMPRENSA NA HISTÓRIA DO COMÉRCIO DO CONHECIMENTO.....	62
4.6 O GIRO DA ECONOMIA NOS PORTAIS.....	64
4.7 PORTAIS: UMA OBSERVAÇÃO DAS FUNCIONALIDADES DE SOCIALIZAÇÃO, INTERAÇÃO, BUSCA, ARMAZENAMENTO E COMÉRCIO DO CONHECIMENTO.....	66
5 OS QUATRO PORTAIS: UM OLHAR GENERALISTA.....	69
5.1 www.portal.ufba.br – A REPRESENTAÇÃO DA ACADEMIA NA INTERNET.	69
5.2 www.igrejaadventista.org.br – A IGREJA NA WEB.....	71
5.3 www.e.gov.br – PORTAL DE SERVIÇOS E INFORMAÇÕES DO GOVERNO.	74
5.4 www.g1.globo.com – PORTAL DE NOTÍCIAS NA INTERNET.....	76
5.5 O UNIVERSO CONTROLADO DO PORTAL ACADÊMICO.....	78
5.6 CONHECIMENTO POR TODOS OS LADOS: A IGREJA E O ESTÍMULO À PARTICIPAÇÃO.....	83
5.7 PORTAL DO ESTADO: UM PROTOCOLO DE SERVIÇOS AOS CIDADÃOS.	90
5.8 BALCÃO DE CONTEÚDO, DE LINGUAGENS, DE INTERAÇÃO: A DIVERSIDADE NO PORTAL DE NOTÍCIAS.....	93
5.9 PORTAIS E OS ACORDOS PRÉ DEFINIDOS.....	98

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
6.1 REVISITANDO CONCEITOS APÓS A ANÁLISE.....	104
6.2 UM OLHAR PARA O FUTURO.....	106
REFERÊNCIAS.....	109

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, é comum nas pesquisas em comunicação, estudos da cibercultura estruturados a partir das idéias da pós-modernidade, revolução tecnológica e Era da Informação. O entendimento dos processos de mutação evolutiva das sociedades e, por consequência, das inteligências que esta dispõe, é necessário para a ampliação do entendimento das relações. A existência de suportes tecnológicos é uma realidade entre os humanos, e a abstração destes referenciais causa lacunas na compreensão social e, por sua vez, na comunicação e produção em rede.

Este trabalho está inserido na realidade descrita, porém, com algumas situações peculiares. Os portais são as primeiras. Ferrari (2003) apresenta um olhar generalista sobre os portais, apontando o que os caracteriza:

Para ser chamado de portal, um site precisa reunir certas características. [...] Os portais tentam atrair e manter a atenção do internauta ao apresentar, na página inicial, chamadas para conteúdos díspares, de várias áreas e de várias origens. A solução ajuda a formar “comunidades” de leitores digitais, reunidas em torno de um determinado tema e interessadas no detalhamento da categoria do conteúdo em questão e seus respectivos hyperlinks [...], que surgem em novas janelas de browser (FERRARI, 2003, p. 30).

Na seqüência dos relatos, a autora cita, especificamente, funcionalidades que caracterizam os portais, como as plataformas de busca, o comércio eletrônico, *chat*, entre outros. Mesmo assim, sente-se a necessidade da busca por um fundamento mais específico sobre a estrutura dos portais, e principalmente, sobre o que está publicado neles.

Se nem tudo o que está publicado em portais são notícias, que categoria de conteúdo é esta? Com a reflexão acerca disso, surge a segunda peculiaridade da pesquisa: o conhecimento. E o argumento é apresentado em vários momentos da obra de Lévy (1993). Na introdução do livro, já são dadas as primeiras pistas que levaram a esta reflexão:

Novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da informática. As relações entre os homens, o trabalho, a própria inteligência depende, na verdade, da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos. Escrita, leitura, visão, audição, criação, aprendizagem são capturados por uma informática

cada vez mais avançada. Não se pode conceber a pesquisa científica sem uma aparelhagem complexa que redistribui as antigas divisões entre experiência e teoria. Emerge, neste final do século XX, um *conhecimento por simulação* (sic) que epistemologistas ainda não inventariaram (LÉVY, 1993, p. 07).

O caminho de desenvolvimento da pesquisa começa a ser traçado: o objeto são os portais e, o assunto, o conhecimento.

Na busca por uma visão de conhecimento que contemplasse o caráter sensível da pós-modernidade, encontrou-se no pensamento de Michel Maffesoli o norte para a definição do pressuposto de conhecimento que será abordado. Entende-se o conhecimento como algo passional, fruto, também, das conquistas e relações cotidianas, sem desconsiderar aquele conhecimento tido como científico.

A fim de se esclarecer e conceituar, abertamente, os pré-requisitos para esta pesquisa, optou-se por apresentar um prefácio. Neste, conceitua-se a pós-modernidade – espaço de configuração deste conhecimento e da sociedade em rede – por meio de autores como Jean François Lyotard, David Harvey, Gilles Lipovetsky, Mauro Wilton de Sousa, David Lyon, entre outros. Além disso, aprofunda-se a visão de conhecimento comum, tratada por Maffesoli, criando desta forma as arestas para este trabalho.

Por Ferrari (2003) trabalhar os portais sob a análise das ferramentas formadoras dos mesmos, a forma tornou-se uma escolha para a estrutura de observação desta pesquisa. No prefácio, é apresentado o formismo, como modelo observatório para esta análise. Neste sentido, mais uma vez são extraídos da obra de Maffesoli (1988, p. 28) os tratados sobre o formismo, em uma tentativa de se “mostrar que pode ter, *sticto sensu*, uma função de coerência ainda que ‘deixe ficar como está’ aquilo mesmo que analisa”.

A idéia de trabalhar com um modelo vem das considerações de Santaella (2001):

[...] o conceito de modelo é mais específico do que o de teoria, de modo que modelos podem fazer parte de teorias, assim como, na maior parte das vezes, pressupõem teorias, dado o poder explicativo que estas possuem. De fato, enquanto o traço definidor de teoria está em seu poder explicativo, o de modelo está em sua abstração imitativa, isto é, na sua capacidade para abstrair caracteres relevantes de dados fenômenos ou processos, funcionando como um simulacro abstrato e permitindo, desse modo, a experimentação

simulada do fenômeno ou processo com o qual o modelo tem uma relação de similaridade (SANTAELLA, 2001, p. 49).

Após essa elucidação de termos da pós-modernidade, visão de conhecimento e apropriação do modelo formista, apresentadas no prólogo, o primeiro capítulo está calcado na idéia de contextualizar o conhecimento dentro da cultura digital, seguindo os passos das interfaces, hipertextos e hipermídias, com os argumentos de autores reconhecidos sobre o tema, como André Lemos, Manuel Castells, Pierre Lévy e outros. Além disto, um panorama dos portais e suas características são apresentados.

Logo a seguir, no segundo capítulo, outras particularidades do trabalho passam a ser contratadas de forma clara e justificável. A definição das estruturas sob as quais o conhecimento será percebido dentro dos portais é extraída do levantamento histórico feito por Burke (2003). O autor levanta, na essência de seu relato, três momentos de abordagem do assunto: a produção, o controle e a comercialização. Esta contextualização é confrontada com as funcionalidades dos portais, a fim de se identificar a forma como se produz, controla e comercializa o conhecimento nessas plataformas *on-line*.

A análise dos portais é apresentada na terceira parte do trabalho. Com uma detalhada descrição dos mesmos, busca-se visualizar as funcionalidades formadoras do portal que se encaixam nas três categorias de observação do conhecimento. Tenta-se, desta forma, responder a pergunta norteadora deste trabalho, que é: os portais podem ser considerados plataformas de produção, controle e comercialização do conhecimento pós-moderno?

Desde já deve ficar claro que, historicamente, Burke contextualiza a institucionalização do conhecimento pela academia, pela igreja, pelo estado e pela imprensa. Todavia, quando da seleção de portais, buscou-se, nestas instituições, as exemplificações do uso de ferramentas formadoras do conhecimento. Para tal, foram selecionados os portais que tivessem maior representatividade dentro dos seus segmentos.

Essa representatividade foi estabelecida por meio da indicação de plataformas de buscadores na própria internet. O critério de seleção de portais dentro dos segmentos institucionais apresentados na história foi a indicação dos buscadores Aonde, BrBusca, Cadê, Google, Radar UOL, Terra e MSN. Em cada um deles, a pesquisa foi realizada da seguinte

maneira: foram digitadas as expressões “portal universidade”, “portal de igreja”, “portal do governo” e “portal de imprensa”. O resultado é apresentado no Quadro 1, a seguir:

Buscadores	Portal Universidade	Portal de Igreja	Portal do Governo	Portal de Imprensa
Aonde	Universidade Federal da Bahia	Adventista do Sétimo Dia	Serviços e Informações do Governo	G1
Br Busca	Universidade Federal de Goiás	Pentecostal Deus é amor	Estado do Amazonas	Imprensa Nacional
Cadê	Universidade de Pernambuco	Adventista do Sétimo Dia	Serviços e Informações do Governo	G1
Google	Universidade de Brasília	Apostólica Romana	Republica Federativa do Brasil	G1
Radar Uol	Universidade Federal da Bahia	Apostólica Romana	Estado de São Paulo	G1
Terra	Universidade de Brasília	Adventista do Sétimo Dia	República Federativa do Brasil	G1
Msn	Universidade Federal da Bahia	Adventista do Sétimo Dia	Serviços e Informações do Governo	G1
MÉDIA	Universidade Federal da Bahia	Adventista do Sétimo Dia	Serviços e Informações do Governo	G1

Acesso em 18/08/08

Quadro 1: Resultado dos buscadores sobre os portais

Fontes: Google. Disponível em: <<http://www.google.com.br>>; Cade Yahoo. Disponível em: <<http://cade.search.yahoo.com>>; Aonde. Disponível em: <<http://www.aonde.com.br>>; BRBusca. Disponível em: <<http://www.brbusca.com.br/>>; Busca UOL. Disponível em: <<http://busca.uol.com.br>>; Buscador Terra. Disponível em: <<http://buscador.terra.com.br>>; Search Live. Disponível em: <<http://search.live.com>>.

A escolha dos portais foi feita pela média dos mais citados em primeiro lugar em cada um dos buscadores. É válido ressaltar que em todos os buscadores os mesmos portais ocupavam posições entre os cinco primeiros citados. Por isto, a média é feita pelo que foi indicado, na data da pesquisa, na primeira posição. Assim, foram eleitos o Portal da Universidade Federal da Bahia, da Igreja Adventista do Sétimo Dia e do G1 (Globo).

1.1 TRATADO METODOLÓGICO

Claramente, o objetivo principal é a análise das possibilidades funcionais dos portais serem plataformas de produção, controle e comércio do conhecimento pós-moderno. Porém, pretende-se analisar alguns objetivos secundários. São estes: abrir um primeiro passo para a discussão das várias formas de conhecimento que podem ser encontradas nos portais, perceber e apontar a incidência de funcionalidades que permitam a efetiva identificação das mesmas práticas históricas do conhecimento que Burke sinaliza e, claro, suscitar, ao final, outras hipóteses que só podem ser apontadas após a pesquisa.

Metodologicamente, após estar com objetivos bem determinados, busca-se definir estratégias que contemplem esses quesitos. A primeira delas, pelas características atuais da pesquisa a que se propõe, é a de não se trabalhar com hipóteses pré-definidas, e sim, explorar o que se pode ter como tendências para o futuro. Assim, Teixeira (2005) mostra a visão do estudo exploratório quando nos diz que:

Permite ao pesquisador aumentar sua experiência em torno de certo tópico-problema, podendo servir como ponto de partida para futuros levantamentos onde o pesquisador poderá aprofundar melhor o que estudou neste primeiro tópico-problema (TEIXEIRA, 2005, p. 126).

Ainda sobre o estudo exploratório como trabalho em que se evidencia a totalidade do objeto a fim de se traçar um panorama sobre o assunto, Gil (2007) aponta que é usada principalmente quando o tema de pesquisa é ainda pouco explorado e torna-se difícil formular hipóteses precisas e operacionalizáveis sobre ele:

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, tendo em vista a reformulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores [...] (GIL, 2007, p. 43).

Assim, os capítulos específicos de panorama bibliográfico são as bases exploratórias sobre o universo que se pretende entender até se chegar à especificidade onde os objetivos específicos desta pesquisa poderão ser analisados.

Quanto ao critério de finalidade prática, o estudo caracteriza-se como uma pesquisa aplicada, com o propósito de resolver o problema ligado à estrutura representativa do

conhecimento pós-moderno dentro do universo de portais estabelecidos. Esta aplicabilidade da pesquisa, na visão de Moreira e Calfe (2006, p. 71), é a abordagem “realizada com o propósito de resolver um problema”.

Fundamentalmente, a metodologia aplicada será a qualitativa. Ainda assim, vale lembrar que, para Moreira e Calfe (2006, p. 73), as pesquisas qualitativas e quantitativas não são dicotômicas, mas, ao contrário, são complementares, uma vez que “se colocam no extremo oposto de um contínuo”, podendo ser utilizadas no mesmo estudo.

No tocante à pesquisa qualitativa, Teixeira (2005, p. 137) afirma que nela “o pesquisador procura reduzir a distância entre a teoria e os dados, entre o contexto e a ação, usando a lógica da análise fenomenológica, isto é, da compreensão dos fenômenos pela sua descrição e interpretação”. Seu objeto de abordagem é “o nível dos significados, motivos, aspirações, atitudes, crenças e valores, que se expressa pela linguagem comum e na vida cotidiana” (TEIXEIRA, 2005, p. 140). Deve ser utilizada quando se pretende saber qual a percepção, o significado, o processo, a trajetória, o percurso, os conhecimentos, os saberes ou as práticas utilizadas em determinado caso.

Difere de outras formas de pesquisa, segundo Moreira e Calfe (2006, p. 79), sobretudo, porque “a apresentação dos resultados e a análise das informações na pesquisa de avaliação estão vinculadas intimamente com os propósitos da pesquisa”. Como seu objetivo principal é determinar o valor ou mérito relativo, o pesquisador “deve tentar responder a pergunta de pesquisa sobre o valor geral do produto ou processo, fazer interpretações e propor recomendações” (MOREIRA e CALFE, 2006, p. 80).

O eixo epistemológico que guia nosso estudo é o fenomenológico-hermenêutico, uma vez que, segundo Teixeira (2005, p. 127-128), “o problema de pesquisa aponta para uma relação entre o fenômeno e a essência, ou seja, a relação entre o fenômeno vivido e aquele que vivencia a essência do fenômeno”. Neste enfoque, a “interpretação como fundamento da compreensão dos fenômenos é o eixo da explicação científica” (TEIXEIRA, 2005, p. 128).

Completando e complexificando a idéia, Demo (1995) destaca:

A fenomenologia, entre outras pretensões, é uma postura que prima pela modéstia do respeito à realidade social, sempre mais abundante que os esquemas de captação. Em vez de partir de métodos prévios, dentre os quais se ensaca a realidade, faz-se o caminho contrário. Primeiro tentou compreender a realidade social em sua intimidade, que reconhece como algo existencial, irredutível à realidade natural. A partir daí segue a consciência crítica de que os métodos usuais são pobres e empobrecem a realidade captada (DEMO, 1995, p. 250).

Assim como fica subentendida, tanto na aplicabilidade da exploração, a hermenêutica sugere, também, que este diálogo interpretativo só pode ser concebido a partir de um prévio conhecimento do assunto. Todavia, o levantamento bibliográfico é o ponto de partida para se buscar a eficiência da pesquisa a que se propõem. Assim, conforme Demo (1995):

É diálogo no sentido mais legítimo do termo. Em qualquer interpretação pode-se interpretar mal, pode-se deturpar, pode-se mesmo inventar, porque o ponto de partida é este: se a comunicação fosse totalmente interpretada, em completa fidedignidade, não teríamos a necessidade da ciência (DEMO, 1995, p. 249).

Neste sentido, busca-se, com este trabalho, o “afunilamento” dos assuntos, partindo da estruturação de conceitos macro de pós-modernidade, conhecimento, modelo formista, para a segunda etapa de especificação sobre cultura digital, internet, hipertextos, hipermídia e portais, até chegar às ferramentas de produção, controle e comércio de conhecimento presentes. Com esta revisão bibliográfica existente de correlatos e dados numéricos básicos de representação geral, busca-se traçar uma noção momentânea da realidade, ressaltando novamente, tratar-se de um objeto inacabado, sem muitas referências e de pouca pesquisa, até então.

Em resumo, a busca de dados básicos, como a incidência de algumas funcionalidades de difusão, produção, controle e comércio do conhecimento nos portais, ajudará a traçar uma estimativa atual. Porém, a exploração do portal, desta funcionalidade e a observação de como se formam estruturas para que o conhecimento se configure são a essência metodológica desta pesquisa.

2 PÓS-MODERNIDADE, CONHECIMENTO PÓS-MODERNO, MODELO FORMISTA

Para a construção desta pesquisa são necessários alguns acordos conceituais que esclareçam, de forma específica, em qual realidade, e de que conhecimento está se tratando. Assim, a descrição da pós-modernidade e o entendimento do conhecimento são tratados neste prefácio, que traz, ainda, a explicação sobre o modelo formista como ferramenta de observação metodológica. Busca-se, desta maneira, traçar os parâmetros gerais onde se encontram os portais e o conhecimento, estabelecendo, ainda, o ponto de partida desta análise.

2.1 UM PANORAMA DA PÓS-MODERNIDADE

Fragmentação. Caos. Ambiência. Velocidade. Instantaneidade. Globalização. Mídia-tização. Estas são algumas palavras corriqueiras de estudiosos sobre como definir esta fratura do mundo, que, ao mesmo tempo, permite inúmeras leituras. Dentro desta perspectiva de conceitos múltiplos – vale lembrar que a abundância de ofertas também é característica da pós-modernidade – tratar-se-á do tema por meio das narrativas de alguns autores. A escolha de algumas visões não anula outras posições. As narrativas co-existem na pós-modernidade e na própria conceituação da mesma.

Inicia-se este “costurar de idéias” com aquilo que Souza (2001), na obra *Novas Linguagens*, citou como o primeiro traço do projeto de modernidade, que se distancia das características instantâneas da pós-modernidade. Para o autor, estamos em um período de transição entre os dois momentos e, por isto, vale-se de um para entender o outro:

Modernidade é todo um projeto social. [...] É uma ambiência, um modo de ser, um modo de sentir a vida baseado num princípio: o fundamental é organizar racionalmente a própria vida. Modernidade significa ter o futuro como condicionante do presente. Somos uma geração que está ainda dentro do processo da modernidade. Fomos e continuamos a ser educados a reproduzir os ideais da modernidade. [...] O passado é utilizado por nós racionalmente como elemento que sustenta o presente em vista do amanhã (SOUZA, 2001, p. 15).

Seguindo essa idéia, a modernidade não está totalmente ultrapassada pela pós-modernidade. Vive-se um período de transição onde tendências e comportamentos oscilam entre a linearidade e o prazer imediato. O autor levanta, inclusive, a consideração de que Igrejas, Escolas e a própria família, neste momento de transposição pós-moderna, perderam sua função formadora do conhecimento humano, “buscam-se tribos, ou pequenos grupos de curta duração, mas que dêem a dimensão do hoje, a dimensão do presente” (SOUZA, 2001, p. 21).

Todavia, o que poderia ser o discurso da pós-modernidade é questionado por algumas razões, como a crise dos argumentos, a deslegitimação das autoridades e, principalmente, pelo fato de se estar inserido neste contexto. Lipovetsky (2004) mostra uma posição onde entende que se ultrapassou o tempo moderno e o pós-moderno era exatamente esta fase de transição. Para ele vigora a hipermodernidade:

O neologismo pós-moderno tinha um mérito: salientar uma mudança de direção, uma reorganização em profundidade do modo de funcionamento social e cultural das sociedades democráticas avançadas [...] era preciso dar um nome à enorme transformação que se desenrolava no palco das sociedades abstratas, livres do peso das grandes utopias futuristas da primeira modernidade. [...] No momento em que triunfam a tecnologia genética, a globalização liberal e os direitos humanos, o rótulo pós-moderno já ganhou rugas, tendo esgotado sua capacidade de exprimir o mundo que se anuncia (LIPOVETSKY, 2004, p. 52).

A hipermodernidade é o tempo atual, onde se transfiguram no espectro social as referências de hiperrealismo, de hiperofertas, de hipermidiatização, de hipertecnologia e, claro, de hiper-capitalismo. Ou seja, é a era dos extremos. Nesta mesma lógica, a hipermodernidade tem em sua essência diversas outras concepções, que se complementam para o entendimento do todo. De acordo com o autor, é o momento da desconstrução e construção, da modernização da modernidade e da racionalização do racional. “Por toda a parte, a ênfase é na obrigação do movimento, a hipermudança sem o peso de qualquer visão utópica, ditada pelo imperativo da eficiência e pela necessidade da sobrevivência” (LIPOVETSKY, 2004, p. 57).

Na hipermodernidade existe uma dicotomia de sensações que nutre, indiscutivelmente, a configuração existencial: a angústia e o prazer. Aquela, associada à existência humana e às

necessidades de respostas, enquanto este, intimamente ligado às mudanças, à reinvenção das aventuras do cotidiano.

Mesmo extremista, o indivíduo apresenta outras vertentes relacionadas aos sentimentos: é individualista, mas ao mesmo tempo relacionável. É racional, mas tende ao afetivo. É passional, ao mesmo tempo em que é, freneticamente, ativo. Existe a busca pelo sucesso profissional imediato, ao mesmo tempo em que se tem uma grande vontade em desfrutar da qualidade de vida e o lazer:

[...] a sociedade ultramoderna não é unidimensional: assemelha-se a um caos paradoxal, uma desordem organizadora. [...] A cultura hipermoderna se caracteriza pelo enfraquecimento do poder regulador das instituições coletivas e pela autonomização correlativa dos atores sociais em face das imposições de grupo, sejam da religião, sejam dos partidos, sejam das culturas de classes. Assim, o indivíduo se mostra cada vez mais aberto e cambiante, fluido e socialmente independente. Mas essa volatilidade significa muito mais a desestabilização do eu do que a afirmação de um indivíduo que é senhor de si mesmo (LIPOVETSKY, 2004, p. 83).

Por mais multifacetado que possa parecer o conceito, é visível, entretanto, que ele faz parte do pensamento social e das transformações culturais que vêm ocorrendo na sociedade ao longo do último século. Destas transformações, a nova ordem industrial tem um papel de destaque, no que se refere à emergência dos meios de comunicação como exemplo de mediadores de relações sociais e representações da realidade.

Aliás, a realidade, sua falta ou multiplicidade, é um dos temas recorrentes nas discussões sobre a pós-modernidade. Lyon (1998) levanta considerações sobre o real:

O niilismo é o conceito nietzscheano que mais de perto corresponde a este sentido de realidade fluido e oscilante. Quando a irrequieta atitude de dúvida da razão moderna se volta para a razão em si, o resultado é o niilismo (LYON, 1998, p. 18).

O questionamento do racional moderno na pós-modernidade invoca, entre outras coisas, a fragmentação do absoluto. O caos e a descontinuidade ganham corpo. Quando se entende a pós-modernidade como uma hipermodernidade por aceleração dos fundamentos são inevitáveis os conflitos, a mensuração de valores, a emergência de hipóteses e, especialmente, o questionamento da verdade. Assim, o próprio conhecimento e suas formas de produção

foram repensados em virtude desta nova realidade. Lyotard (2002) levanta esta, entre outras considerações. A legitimação do saber, científico ou não, coloca-se à prova na pós-modernidade. Mais do que isto, a “deslegitimação”, como o próprio autor cita, é o que caracteriza o movimento que o conhecimento executa na atualidade social.

Para fins de utilização nesta pesquisa, a pós-modernidade será trabalhada a partir desse costurar de idéias, finalmente argumentada e definida por Harvey (2000) de forma organizada. Segundo o autor, o termo em que se reúnem todas as características da pós-modernidade é o da flexibilidade:

A flexibilidade pós-moderna, por seu turno, é dominada pela ficção, pela fantasia, pelo imaterial (particularmente do dinheiro), pelo capital fictício, pelas imagens, pela efemeridade, pelo acaso e pela flexibilidade em técnicas de produção, mercados de trabalho e nichos de consumo; no entanto, ela também personifica fortes compromissos com o Ser e com o lugar, uma inclinação para a política carismática, preocupações com a ontologia e instituições favorecidas pelo neoconservadorismo (HARVEY, 2000, p. 304-305).

Dessa visão de caos, fragmentação, crise das narrativas, prazeres imediatos e passionalidade, trata-se, a seguir, da configuração de conhecimento pós-moderno, que é relevante para a pesquisa proposta.

2.2 UM ACORDO SOBRE O CONHECIMENTO PÓS-MODERNO

Tendo estabelecido este recorte de construções que, ao longo do tempo, e por meio de diferentes concepções, entendem a pós-modernidade, a questão a ser levantada é como perceber o conhecimento dentro destas perspectivas. A existência é vinculada ao pensamento, e mais, ao que se faz com este pensamento. Porém, não só o conhecimento foi ampliado e descentralizado ao longo dos séculos, mas a existência humana atingiu níveis cada vez mais complexos. Com o enfrentamento e crise do etnocentrismo, culturas não-ortodoxas e não-ocidentais foram reconhecidas como diferentes e não mais inferiores. No percorrer dos tempos, evidenciou-se, cada vez mais, os plurais sociais que envolviam regiões, estruturas e sociedades. Esta relativização estende-se ao campo do conhecimento.

Toda a referência e experiência, toda a técnica de que dispõem e toda a situação social que presenciam deve ser levada em consideração por aqueles que, de certa forma, tentam compreender e analisar o conhecimento em diferentes aspectos. Tal situação pode ser considerada primordial para o entendimento do que vem a ser compreendido como combustível para a formação do conhecimento humano. Esta tese é defendida por Morin (2005):

Se a noção de conhecimento diversifica-se e multiplica-se quando a consideramos, podemos legitimamente supor que comporta diversidade e multiplicidade. Desde então, o conhecimento não seria mais passível de redução a uma única noção, como informação, ou percepção, ou descrição, ou idéia, ou teoria; deve-se antes concebê-lo com vários modos ou níveis, aos quais corresponde cada um desses termos (MORIN, 2005, p. 18).

Tal proposta pluralista de considerar o todo como promotor de conhecimento tem como base a necessidade de se perceber a complexidade que envolve as bagagens cognitivas do ser humano. Este olhar tem dimensões em todos os tempos, pois através da história (passado) entendemos a realidade moderna que não se sustenta (presente) pelo cansaço dos valores culturais. Este esgotamento social projeta-se no que se entende como um “design” do devir (futuro).

Historicamente, não é tarefa difícil perceber movimentos coletivos da espécie humana, seja na formação de sociedades, comunidades agrárias, na própria força do trabalho e religiões. Com suas especificidades, os grupos foram se reunindo em torno de eixos comuns para dividir experiências, individuais ou não. Estas relações sociais não são periféricas, no sentido de produção do conhecimento, mas eixos principais, inclusive para o processamento dos mesmos.

Nesse campo de entender a socialização como processo imprescindível para a aquisição do conhecimento, Maffesoli (1998) é enfático ao considerar, entre tantas concepções, que, na pós-modernidade, o conhecimento por meio da vivência retoma a importância significativa que a modernidade tirou. Se na modernidade o conhecimento era concebido a partir da formalidade do estudo e da pesquisa, na pós-modernidade a experiência cotidiana, o contexto comum é considerado na apropriação do conhecimento. O autor busca

reacender a discussão em aproximar a experiência humana e o senso comum como expressão do conhecimento.

Assim, conforme o autor, não se pode separar um objeto de todo o social que o rodeia e, por consequência, o influencia. É preciso entendê-lo à mercê das paixões e da não-razão. Ou seja, as pessoas e coisas são o que são, e não podem ser analisadas pelo racionalismo puro. O contexto deve ser levado em consideração. Uma proposição não substitui a outra. Elas andam em sintonia e podem compreender inúmeros aspectos. É o pluralismo de idéias em oposição ao racionalismo fechado:

Ao tornar-se um sistema fechado sobre si mesmo, o racionalismo traiu a ambição, sempre renovada, da racionalidade. Ele se torna uma dogmática morta, seca e esclerosada, um corpo de doutrinas frígidas incapazes de perceber aquilo que faz a vida em seu desenvolvimento. Havendo acordo quanto a uma hipótese tal, não haverá dificuldade em compreender, facilmente, que convém superar, sem nostalgia alguma todas as ideologias que se arvoram em premissas racionalistas (MAFFESOLI, 1998, p. 36).

Assim como o próprio entendimento da pós-modernidade, o conhecimento tem por referencial as assertivas sobre o caos e a desconstrução. Como realidade social plural, o conhecimento contemporâneo compreende, entre outros fatores, aqueles que, *a priori*, a modernidade tratou de excluir: a experiência volátil. Na defesa da pluralidade de relações e, por consequência, da multiplicidade de conhecimentos, Maffesoli (1988) reintegra o pensamento mítico e imaginário, além da própria ideologia ao conhecimento:

É em função de tal atitude que se verifica, no dia-a-dia, ser difícil discriminar com certeza o verdadeiro do falso, a ciência da “ideologia”. Talvez fosse preciso considerar que nosso conhecimento do mundo é uma mistura de rigor e poesia, de razão e paixão, de lógica e mitologia. Numerosos pensadores puseram em relevo essas antinomias; é preciso então delas extrair todas as consequências (MAFFESOLI, 1988, p. 90).

A generosidade, ou olhar abrangente, dos espíritos tudo deve aceitar, por não sermos, nós, integrantes do corpo social cerrado, entidades individuais intocáveis, inacessíveis e enclausuradas na intimidade monocromática:

Com efeito, considero que a variabilidade e a pluralidade dos sistemas de organização e de representações sociais têm base, justamente, no aspecto fragmentado, plural, coletivo e polifônico do corpo social. As histórias

humanas nos mostram à sociedade que não chegamos nunca a unificar, a uniformizar, a reduzir à diferença (MAFFESOLI, 1988, p. 80).

Aglutinam-se nas academias os saturados valores da modernidade, conceitos e conceituadores fechados, engessados e assentados sobre “suas criações”. A verdade não está em jogo, mas o verdadeiro semelhante. O próprio termo conceito significa algo fechado, pertinente quando se isola o objeto, quando se concretiza um produto finito. Assim, o conceito é um termo inflacionado que não quer dizer nada, pois não se aplica ao viver.

Essa superação do conceito deve, entre outras considerações, perceber a própria paranóia; porém, dando espaço para as metáforas, para as criações e para os pensamentos que acompanham e entendem a realidade, mas não a criam por si só. A paranóia entende a crítica como grande incentivadora da produção intelectual. Mas, o intelecto pensamento deve se ajustar, ou melhor, abraçar o gesto criativo, que não pode ser onipotente, mas um contemplador das naturezas. A crítica pela paranóia cria um pensamento radical, e não, propriamente, crítico:

Seja como for, é importante reconhecermos que a paixão e sua gesta continuam sendo suportes essenciais para a vida societal. Depois é que vêm as justificações, as teorizações e as racionalizações. O que está em primeiro lugar é a pressão que impele a ação, que incita a dizer (MAFFESOLI, 1988, p. 86).

Na própria concepção da cultura digital, Lemos (2004, p. 65) levanta essa característica plural da ciência pós-moderna. “A ciência pós-moderna torna-se uma espécie de ciência do descontínuo, do catastrófico, do caótico, do complexo e do paradoxal”. As realidades plurais e multifacetadas ganharam um espaço determinado na ascensão de novas tecnologias. Sendo assim, a manipulação destas ferramentas, e, mais ainda, a influência que elas exercem sobre o conhecimento deve ser atestada para a composição da estrutura do pensamento pós-moderno, conforme Lyotard (2002):

É razoável pensar que a multiplicação de máquinas informacionais afeta e afetará a circulação dos conhecimentos do mesmo modo que o desenvolvimento dos meios de circulação dos homens (transportes), dos sons e, em seguida, das imagens (*media*) o fez (LYOTARD, 2002, p. 4).

Viver é um recomeço constante. Este movimento é calcado pelo que não há: as verdades absolutas. O relativismo incita as verdades parciais que se relacionam – Sabedoria Relativista – pelo pressuposto da vida social pelo que ela é:

É porém necessário observarmos que serve de ponto de junção entre este grande conjunto que tem a ver com a correspondência, com o meio circundante, com a natureza, com o local etc. – e este outro conjunto que engloba múltiplos elementos da vida cotidiana, do hedonismo, do ceticismo, e em resumo, promove a valorização do vivido (MAFFESOLI, 1988, p. 175).

Não se abstém, assim, o pensamento intelectual, mas o saber relativo ou as verdades relativas abrangem os valores desgastados da modernidade, os costumes vacilados do corpo social e repudia, de certa forma, o moralismo do “deve ser”. Soma-se a este viver, ou melhor, pensamento do viver, o caos, o sombrio, as emoções e afetos. Aquilo que Maffesoli chama de Saber Dionisíaco – coragem para recusar as teorias científicas, para considerar paradoxos, sentimentos, liberdades.

Feitas essas considerações sobre o conhecimento pós-moderno (pressuposto que se observa nesta pesquisa), trabalhar-se-á este sob a perspectiva dos autores apresentados, ou seja, não se dispensará as manifestações científicas; todavia, são as considerações do senso comum, das experiências cotidianas, das práticas em sociedade que recebem, neste trabalho, o olhar mais atento e exploratório e são entendidas como conhecimento pós-moderno.

2.3 O PRESSUPOSTO FORMISTA COMO UM MODELO DE OBSERVAÇÃO

Primeiramente, a própria metodologia da pesquisa em ciências sociais vem legitimando, ao longo do tempo, o caráter fundamental da cientificidade para a produção do conhecimento; porém, admitindo a existência essencial do senso comum e da ideologia. Demo retrata os dois itens como critérios intrínsecos da ciência:

É sempre mais fácil dizer o que não seria ciência. Simplificadamente, não são ciência a ideologia e o senso comum. Mas não há limites rígidos entre tais conceitos, pelo que aparecem sempre mais ou menos misturados. A ciência está cercada de ideologia e senso comum, não apenas como

circunstâncias externas, mas como algo que está já dentro do próprio processo científico, que é incapaz de produzir conhecimento puro, historicamente não contextualizado (DEMO, 1995, p. 18).

Nesse sentido, o autor entende que em relação à pesquisa científica das ciências sociais o maior problema é a realidade, que não pode ser vista como algo evidente. Na tomada da mesma dentro de um processo histórico, elucida-se a presença da forma:

[...] existem estruturas na realidade social que são como formas (“fôrmas”), o que permite tomá-la como fenômeno regular, até certo ponto previsível e planejável; são estruturas, por exemplo, o complexo de necessidades materiais (a infra-estrutura), o conflito social, formas de comunicação e expressão simbólica, etc. (DEMO, 1995, p. 17).

Assim, o formismo – apresentado como um dos pressupostos do conhecimento comum – sustenta o prevaletimento da forma sobre o conteúdo, principalmente nos estudos que a sociologia, enquanto ciência, desenvolve. Maffesoli (1988) propõe uma organicidade por meio da forma, e não do formalismo.

A sociologia estuda as formas da vida social enquanto continentes opostos a seus conteúdos. A noção de formismo não mais permite os contra-sensos habitualmente induzidos pela idéia da “Forma” (sic). E esta me parece bastante adequada para descrever, de dentro, os contornos, os limites e a necessidade das situações e das representações constitutivas da vida cotidiana (MAFFESOLI, 1988, p. 26).

Entre a experiência e a essência, entre o vivido e as representações sociais, existe um vínculo inseparável, que suscita a “lógica da forma”. O prevaletimento das aparências considera nos âmbitos do pensar societal aquilo que conceituadores consideram frívolo. Ao defendermos a multiplicidade da matéria, a aparência tem importante aspecto, estético, essencial e refletor do corpo. Segundo Maffesoli (1998, p. 85), “há de fato uma lógica da forma sem deixar de valorizar o corpo, as imagens, a aparência, ela é ‘formante’, isto é, ela forma o corpo social, em outras palavras, ela é fazedora da sociedade”.

Reconhece-se no entendimento do pensamento societal as múltiplas verdades que compõem esse corpo. Das desconfigurações e desconfortos permanentes dos valores modernos positivistas e acirrados em seus absolutismos científicos à relativização das emoções do indivíduo formados deste escopo. O banal é valorizado à medida que forma este organismo através de tendências, estéticas e signos advindos deste inconformismo. A natureza

dos conhecimentos ganha destaque na composição deste complexo emaranhado de redes que fomentam o dorso societal, mas multicolores a existência de um viver.

Essa busca epistemológica por meio do formismo sustenta-se na concepção de Maffesoli (1988) sobre a condição randômica e variável do conteúdo, e que a sustentação das formas é o que permite compreender as realidades essenciais para o conhecimento:

Se levarmos em conta as formas, isto fará com que possamos destacar, com maior nitidez, as múltiplas criações e situações da vida cotidiana, sem que, no entanto, as encerremos nos estreitos limites do finalismo. Neste aspecto, é o formismo uma reação à monovalência racionalista: ele destaca a polissemia do gesto, o aspecto variegado da vida de todos os dias (MAFFESOLI, 1988, p. 127).

Em concordância com esse conhecimento plural, o autor defende o formismo, não como método, mas como uma função coerente de organização do pensamento e, por consequência, do conhecimento. “É cada vez mais evidente que a ordem e a desordem acham-se intimamente mescladas; trata-se, portanto, de encontrar meios de, epistemologicamente, dar conta desta relação orgânica” (MAFFESOLI, 1988, p. 27).

Dessa maneira, essa proposta de observação formista ressoa na idéia de modelo de pesquisa nas ciências sociais aplicadas que é, antes de tudo, um conceito contemplador da singularidade observatória do pesquisador. A idéia de trabalhar com um modelo vem das considerações de Santaella. Sobre o modelo é preciso, antes de tudo, salientar que, mesmo se tratando de um conceito contemplador da singularidade observatória, já apresentado na introdução deste trabalho, ele – o modelo – pode se enquadrar dentro de uma categoria já definida anteriormente. Em sua apresentação de modelos existentes, Santaella destaca os modelos interativos alavancados pela cibernética e pela teoria dos sistemas:

Em diversas versões, com mais ou menos ligeiras transformações, o modelo tem se preservado muito provavelmente graças a sua aplicabilidade a fenômenos bem heterogêneos, quer o processo comunicativo se verifique entre máquinas, entre humanos, entre humanos e máquinas, assim como entre microorganismos biológicos. Graças à forma geral do esquema e graças à sua essencialidade e à sua simplicidade, ele se fixou como um sistema comunicativo geral (SANTAELLA, 2001, p. 55).

Sendo assim, essa reflexão da possibilidade de se entender o pressuposto formista como modelo de pesquisa dos conhecimentos pós-modernos pode sustentar-se, por exemplo, em considerações sobre a necessidade de se perceber a transformação e o impacto técnico das máquinas do ciberespaço na realidade social. Em outras palavras, é o que Lévy (1999) aponta como desencadeador do caráter nômade dentro de um labirinto do ciberespaço, onde a forma é igualada ao conteúdo quanto à necessidade de observação:

Além de certas repercussões comerciais, parece-nos urgente destacar os grandes aspectos civilizatórios ligados ao surgimento da multimídia: novas estruturas de comunicação, de regulação e de cooperação, linguagens e técnicas intelectuais inéditas, modificações das relações de tempo e espaço, etc. A forma e o conteúdo do ciberespaço ainda são especialmente indeterminados (LÉVY, 1999, p. 13).

Portanto, sob fios condutores dos saberes díspares que se desenvolve o conhecimento pós-moderno. A reflexão continua sobre o olhar que se pretende ter acerca deste assunto e como questionamento fica a idéia de Maffesoli, em se perceber a forma da realidade social como propulsora do entendimento deste social com suas características pós-modernas. Mais do que isto, incita-se a busca pelo pressuposto formista enquanto modelo de observação para esta pesquisa da pós-modernidade, abrindo-se, assim, um caminho para a legitimação do entendimento societal acerca do pluralismo e de todas as crises recorrentes deste estado de espírito. A prática deste modelo de observação dar-se-á a partir do momento em que se consideram as funcionalidades formadoras dos portais como instrumentos para que se perceba a ocorrência, ou não, de produção, controle e comercialização do conhecimento pós-moderno.

3 CULTURA DIGITAL, HIPERTEXTOS, HIPERMÍDIAS, PORTAIS

Estabelecida essa visão geral de pós-modernidade e de conhecimento, neste capítulo, o ambiente em os portais estão inseridos é o ponto principal. Percorre-se a cultura digital por meio da observação de vários autores, dando uma atenção especial ao hipertexto, como catalisador desta cultura. Neste sentido, apresentam-se, ainda, as considerações sobre os portais com um olhar mais específico sobre o que os caracteriza como tais.

3.1 A CULTURA DIGITAL E O CIBERESPAÇO: O COSMOS DA INTERNET

A relação homem e máquina está cada vez mais presente nas configurações sociais da atualidade. Em um ambiente intermediado por aparatos digitais, a sociedade estabelece sua rotina por meio da manipulação direta dos mesmos. Transações bancárias, pesquisas, compras, entretenimento, trabalho, e relações com outras pessoas, hoje, têm como cenário plataformas em rede que permitem esses serviços.

Mas, pensar a nova estrutura social simplesmente com a intermediação do computador, ou com o acesso à Internet, é um equívoco. A cultura digital vai além disto e compõe-se em outras esferas. Aqui, busca-se da compreensão macro ao detalhamento, para fins da pesquisa.

Não é tarefa difícil perceber em nosso ambiente inúmeras plataformas digitais que cumprem o papel de interligar nossas relações, sejam elas quais forem. Esta é uma das características da cultura digital. Costa (2003) complementa:

Há ainda outro elemento na cultura digital que não se pode deixar de mencionar. Trata-se da convergência de vários aparelhos, como eletrodomésticos, computadores, telefones, impressoras, televisão, etc., que terão algumas de suas funções interligadas através da Internet e da tecnologia sem-fio Bluetooth. [...] De fato, o termo “digital” carrega uma série de conotações, dentre as quais não se poderia deixar de mencionar o acúmulo de dados, a possibilidade de manipulação de informações e, sobretudo, a ampliação de nossa participação e comunicação nos mais

variados aspectos, através de um fax, de um celular ou da Internet (COSTA, 2003, p. 15-17).

Todavia, assim como não se pode diminuir a cultura digital ao simples intermédio computacional, tem-se que observar a complexidade da rede de interconexões que rodeia a sociedade nos mais diversos aspectos. A tecnologia sugere um novo olhar sobre estas relações em rede. Sugere, principalmente, uma mudança no comportamento que se adota ao relacionar a tecnologia com o homem. Bruno (2001) apresenta esta peculiaridade em observar a relação máquina e homem.

No artigo intitulado “Mediação e Interface: incursões tecnológicas nas fronteiras do corpo”, a autora discorre sobre experiências em algumas intervenções tecnológicas sobre o corpo humano. Com uma crítica sobre esta relação, Bruno alerta para uma “mudança no estatuto da tecnologia”, que não se configura mais como um objeto técnico a serviço das necessidades do homem:

Reduzidos a instrumentos, os objetos técnicos são como intermediários passivos entre o pólo humano / cultural e o pólo natural / material que pouco intervêm sobre as fronteiras que os diferenciam e os definem. [...] O que se torna a tecnologia e suas relações com o humano, com a sociedade e a cultura, quando não mais cumpre a função de intermediário, mas de mediação não apenas entre o homem e a natureza, mas entre o homem e ele mesmo e o meio sócio-cultural? [...] conceber a tecnologia como mediação implica lhe conferir uma atividade que, ao mesmo tempo em que põe em relação e permite trocas entre dois domínios distintos, neles engendra ou possibilita transformações (BRUNO, 2001, p. 193).

Nesse sentido, mas com uma visão didática de estabelecer as referências dessa mediação entre o homem e o social, Morin estabelece um contrato aproximativo entre a tecnologia e o computador. Ao refletir usando a máquina e o homem, o autor engendra uma minuciosa busca da formação cognitiva e mediada. Em um primeiro momento ele transcreve o entendimento da construção do computador, mas alertando que a computação, ou linguagem computacional, já existira como tratamento de símbolos (MORIN, 2005, p. 45).

Ainda caminhando por essas considerações, enumera a diversidade de atividades que os computadores podem executar:

[...] as suas computações podem dirigir atividades práticas, [...] atividades organizadoras [...] e as atividades propriamente cognitivas como perceber (reconhecimento de formas), diagnosticar (por exemplo uma doença) e raciocinar (através de linguagem e idéias) (MORIN, 2005, p. 45).

Pensar na evolução tecnológica, nas infinitas atividades construídas através de aparatos midiáticos de última geração significa, pensar em movimento, pensar em uma cultura digital que representa a já citada manipulação dos meios, o que, por sua vez, permite uma maior interatividade do usuário. A possibilidade atrativa que as interfaces oferecem aos usuários pode, segundo Costa (2003), ser vista como um outro fator determinante para esta cultura:

Outro aspecto que caracterizaria a cultura digital está ligado ao poder dessas mesmas interfaces de prender nossa atenção. O que já era conhecido no caso da televisão tornou-se ainda mais evidente com o computador e toda a família de telas e terminais que o acompanham: as janelas luminosas exercem uma atração especial sobre nós (COSTA, 2003, p. 13).

A interação com outros aparatos tecnológicos também entra neste rol de artefatos que circundam o entendimento da cultura digital.

Aparelhos como eletrodomésticos, computadores, televisores, telefones, automóveis, etc. ligam-se à rede e têm em comum o impulso da comunicação para estabelecer esta relação. Comunicação que extrapola a convencional entre indivíduos e se firma entre pessoas, serviços e sistemas disponíveis: avisos de compromissos, datas importantes, reposição de produtos, entre outros. Assim, a cultura digital apresenta seus primeiros parâmetros, que vão desde o acúmulo de dados até à manipulação de informações, à ampliação participativa dos usuários e, por fim, à comunicação em diversos aspectos.

O ciberespaço ilustra discussões sobre novas tecnologias. A idéia que se faz é de estarmos tratando de um aglomerado de centros de telecomunicações criado com o processo digital de circulação de informações. Mas a ligação estreita que se faz entre o ciberespaço e a Internet tem muito a ver com o alcance da rede no ambiente doméstico. O uso indiscriminado do termo ajuda a tornar mais complexo o seu entendimento.

Porém, deve-se estar disposto a perceber que toda cultura, política, economia e conhecimento já passam pelo processo de relações que abrange uma nova dimensão de espaço

e tempo comunicativos e informativos, e que isto constitui o ciberespaço. Assim, estes novos meios de comunicação criam um espaço sobreposto aos fluxos tradicionais que conhecemos quando coligem, enviam, processam e armazenam informações. O ciberespaço compõe em sua imersão tecnológica o mundo paralelo de mitos e símbolos do imaginário coletivo que sempre acossou o homem. Conclui Lemos (2004, p. 138) dizendo: “O ciberespaço é, em consequência, uma casa da imaginação, o lugar onde se encontram a racionalidade tecnológica, o vitalismo social e o pensamento mágico”.

3.2 HIPERTEXTOS E HIPERMÍDIAS: UM CAMINHO NÃO-LINEAR DO CONHECIMENTO NO CIBERESPAÇO

Das vértices que culminam no entendimento do ciberespaço, erra-se fundamentalmente ao restringir isto tudo ao domínio da máquina sobre o homem. Deve-se entender a comunhão do homem com a possibilidade da máquina em seu auxílio intelectual e funcional. Para tal, os hipertextos tecnológicos surgem para ampliar a possibilidade de captação, de relações, de transmissões de idéias; de edificação dos nós de compartilhamento cognitivos.

Os pólos de funcionamento das redes digitais são as provas de que as convergências de sentidos e ações (transmissão, recepção, codificação...) podem ser e são infinitas quando somadas ao movimento humano. A possibilidade da informática de adaptação de programas compõe o universo de circulação de interfaces através de hipertextos convergentes de imagem, criação, transmissão, armazenamento, cálculos; enfim, todos os recursos de difusão de informações. E, sobre o hipertexto, Lévy (1999) destaca:

Tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, seqüências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertexto [...]. Navegar em um hipertexto significa portanto desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível, porque cada nó, pode, por sua vez, conter uma rede inteira (LÉVY, 1999, p. 33).

Assim, pode-se entender e visualizar a rede mundial de computadores e a criação de seu ambiente gráfico *World Wide Web*: um grande hipertexto, um hiperdocumento com uma infindável rede de nós, interligados por afinidades, informações, disparidades; qualquer grau de aproximação ou referência, mesmo que contrária, onde usuários do mundo inteiro navegam constantemente.

Outra visão complementar do hipertexto é sugerida por Nojosa (2007). Com um resgate histórico sobre a representação da escrita e da oralidade, o autor, no artigo “Da rigidez do texto à fluidez do hipertexto”, concebe o deslocamento do “centro de circulação da informação para redes de significações discursivas” (NOJOSA, 2007, p. 74).

O hipertexto diante da comunicação escrita também denuncia a separação entre emissor e receptor, pois a impossibilidade de interação no contexto da construção do texto torna-se frágil à comunicação escrita. O hipertexto é um conjunto de nós de significações interligados por conexões entre palavras, páginas, fotografias, imagens, gráficos, sequências sonoras, etc. Dessa forma, as narrativas digitais superam as limitações da tradição da oralidade e da escrita, pois não buscam sentido em isolar ou fragmentar o sentido do texto ou do discurso, mas, ao contrário, em ampliar a rede de significações (NOJOSA, 2007, p. 74).

Nesse sentido também vão as considerações de Santaella (2003). Com a proposta de percorrer o caminho da comunicação até a cibercultura, a autora sugere uma passagem pelas seis eras da comunicação que ela identifica: cultura oral, cultura escrita, cultura impressa, cultura de massa, cultura das mídias, e, por fim, a cultura digital.

Essa visão sugere, entre outras coisas, que o processo cultural não é linear e que a cultura das mídias é um momento de transição entre a cultura das massas e a cultura digital. Esta, tendo como essência a interconexão de redes, tem somado o hipertexto como catalizador destas redes. Santaella analisa o advento e importância do hipertexto:

[...] alguns idealizadores de programas informáticos, principalmente na *Apple*, trabalhavam no aperfeiçoamento de hipertextos que pudessem ser utilizados facilmente pelo grande público. A informação apresentava-se sob forma de pilhas de cartões dotados de ponteiros. Nesse caso, bastava clicar em um deles para passar para outros cartões que continham informações ligadas às anteriores. Foi a associação do conceito de servidores de informação ligados em uma teia de alcance mundial (a *web*) e o hipertexto que produziu um efeito bola de neve. A partir de um documento presente em um servidor, o usuário tem a possibilidade de navegar de um texto (e de um

servidor) para outro ao clicar nos ponteiros, verdadeiras encruzilhadas de informação [...] (SANTAELLA, 2003, p. 20-21).

Assim, antes de se entrar consideravelmente nas aberturas que o hipertexto e a hipermídia têm na configuração do conhecimento na rede, o próprio ciberespaço merece uma atenção maior quanto às suas representações. Na verdade, o termo ciberespaço foi inventado em 1948 pelo escritor Willian Gibson, no romance *Neromancer*. Para ele, o “ciberespaço é um espaço não-físico ou territorial composto por um conjunto de redes de computadores através das quais todas as informações (sob as mais diversas formas) circulam” (LEMOS, 2004, p. 127)¹.

O termo, obviamente, evoluiu e adaptou-se ao longo do tempo. Lemos acompanha a evolução do termo cunhado por Gibson. Para o autor, existem duas perspectivas para se observar e entender o ciberespaço: “como o lugar onde estamos quando entramos em um ambiente simulado (realidade virtual), e como o conjunto de redes de computadores interligados, ou não, em todo o planeta, a internet” (LEMOS, 2004, p. 128).

Dentro dessas perspectivas, muito se tem analisado sobre o ciberespaço. Na sua descrição sobre os movimentos sociais, Ribeiro (2001) faz uma observação sobre a fusão do homem e da máquina na composição do ambiente do ciberespaço e das trocas sociais. No artigo “Um breve olhar sobre a sociabilidade no ciberespaço”, o autor anuncia esta integração:

Através de um interessante e complexo processo que poderíamos chamar de simbiótico entre o ser humano (usuário) e a tecnologia (computador), o cibernauta e seu mundo virtual vão sendo configurados em um novo ambiente (o ciberespaço), no qual se apresenta uma diversidade de práticas sociais incipientes [...] (RIBEIRO, 2001, p. 141).

Esse espaço, esse ambiente, na visão de Santaella (2004), é um universo paralelo representativo, dotado de inúmeras infra-estruturas que vão desde algumas redes institucionais privadas de empresas, de centros de informações estatais, redes de conexões individuais, entre outros. E, assim, estabelece uma referência de identificação do ciberespaço:

[...] o ciberespaço deve ser concebido como um mundo virtual global coerente, independente de como se acede a ele e como se navega nele. [...]

¹ Trecho extraído da obra *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*, de ANDRÉ LEMOS. Ver descrição completa nas referências bibliográficas.

independe das configurações específicas que o usuário particular consegue extrair dele. Além disso, há várias maneiras de se entrar no ciberespaço. Pelas animações sensíveis de imagem no monitor do vídeo controlado pelo *mouse*, passando pela tecnologia da realidade virtual, que visa recriar o sensorio humano tão plenamente quanto possível, até os eletrodos neurais diretos (SANTAELLA, 2004, p. 40-41).

O sentido múltiplo do ciberespaço também é apontado por Lévy (1999). Segundo a visão do autor, a navegação na web se compreende pela multiplicidade de ofertas, de assuntos, de pesquisas. São necessários, assim, filtros, que podem ser definidos pela própria rede, uma vez que esta já ajuda o usuário a se localizar. Além desta vastidão de assuntos e correntes, o ciberespaço atua como um ambiente onde a armazenagem de informações é possível de forma mais expandida. Mas, para ser categórico, Lévy conceitua:

Eu defino o ciberespaço como o *espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores*. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de redes hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas a digitalização. [...] esse novo meio tem a vocação de colocar em sinergia e interfacear todos os dispositivos de criação de informação, de gravação, de comunicação e de simulação (LÉVY, 1999, p. 92-93).

Entendendo-se o ciberespaço como um ambiente paralelo virtual de representações, onde, por meio de uma interconectividade de redes, as relações de trocas, pesquisas, buscas, informações e entretenimento se apresentam para o usuário, uma importante consideração deve ser feita. Da mesma forma que as possibilidades vastas do meio se instauram nas observações, é de valia lembrar que o excesso pode ser um dificultador apresentado pelo mesmo, assim como a credibilidade do que se encontra:

O ciberespaço, no entanto, não é um lugar asséptico permeado por informações precisas, objetivas ou utilitárias. O grande interesse sociológico e antropológico do ciberespaço reside, justamente, no vitalismo social que ele permite canalizar. Todas as formas de socialidade contemporâneas encontram-se, neste ambiente rizomático, um potencializador, um catalisador, um instrumento de conexão. O ciberespaço não é uma entidade puramente cibernética (no sentido de controle ou pilotagem), mas uma entidade abstrata, efervecente e vitalista (LEMOS, 2004, p. 132).

Refletindo, assim, sobre os olhares do ciberespaço, volta-se, agora para a questão dos hipertextos e hiperfídias, na tentativa de se traçar um panorama da configuração do conhecimento no ciberespaço por meio destas estruturas. Esta proposta é aberta com a

consideração de Lévy (1999). Para ele, “funcionalmente, um hipertexto é um tipo de programa para a organização de conhecimentos ou dados, a aquisição de informações e a comunicação” (LÉVY, 1999, p. 33).

Aprofundando essa posição, é salientada pelo autor a característica expansionista do hipertexto em relação às interfaces da escrita. Lembrando que as interfaces são presentes na comunicação há algum tempo, Lévy destaca o exemplo das impressões, que, mesmo tendo o poder de multiplicar determinado documento, é uma “interface padronizada extremamente original: página de títulos, cabeçalho, numeração regular, sumários, notas, referências cruzadas” (LÉVY, 1999, p. 34).

Assim, o hipertexto é um acumulado de interfaces que são consultadas por meio de índices e caminhos personalizados e com características bem específicas:

Algumas particularidades do hipertexto (seu aspecto dinâmico e multimídia) devem-se a seu suporte de inscrição ótica ou magnética e a seu ambiente de consulta do tipo “interface amigável”. [...] As possibilidades de pesquisa por palavras-chaves e a organização subjacente das informações remetem aos bancos de dados clássicos. O hipertexto também desvia em seu proveito alguns dispositivos próprios da impressão: índice, thesaurus, referências cruzadas, sumários, legendas... [...] uma enciclopédia com seu thesaurus, suas imagens, suas remissões de um artigo a outro, é por sua vez uma interface reticular e “multimídia”. Pensemos na forma de consultar um dicionário, onde cada palavra de uma definição ou de um exemplo remete a outra palavra definida ao longo de um circuito errático e virtualmente sem fim (LÉVY, 1999, p. 37).

Ainda neste movimento de perceber o hipertexto e hipermídia como plataformas de navegação nas interfaces, Santaella (2003, p. 91) lembra da origem do termo até seu emprego como algo que “refere-se à conexão humana com as máquinas e mesmo à entrada humana em um ciberespaço que se autocontém”.

Esta entrada do homem no ambiente ciber, como já fora dito, compreende a imersão de caminhos sem fim por onde as mais diversas formas de interação, de informação, de dados circulam. Apontando a isso, Nojosa (2007) complementa:

Para compreendermos o hipertexto, um dos melhores arquétipos é a idéia de rizoma como um modelo de crescimento orgânico caótico, em que não precisa seguir hierarquia de informação, e é interceptado e ramificado pela contaminação em diversos meios, de forma que todos os extremos, meios e

estradas funcionem como uma comunicação em rede (NOJOSA, 2007, p. 75).

Uma fórmula compreendida por Santaella (2004) para se ter a visão clara do hipertexto é entender o seu sistema. Ou a já citada proeminência de nós. A autora esclarece o sistema de uma forma simples e dá as primeiras pistas da associação com as mídias:

Em vez de um fluxo linear de texto como é próprio da linguagem verbal impressa, no livro particularmente, o hipertexto quebra essa linearidade em unidades ou módulos de informação, constituindo de partes ou fragmentos de textos. Nós e nexos associativos são os tijolos básicos de sua construção. [...] Cada vez mais os hiperdocumentos estão constituídos apenas de texto verbal, mas estão integrados em tecnologias que são capazes de produzir e disponibilizar som, fala, ruído, gráficos, desenhos, fotos, vídeos etc. Essas informações multimídias também constituem os nós (SANTAELLA, 2004, p. 49).

Um pouco mais a frente das considerações sobre o hipertexto, a criação do acrônimo hipermídia pode estar calcado em algumas observações errôneas. Facilmente, pode-se apenas abrir o conceito de hipertexto e se transfigurar para o universo das mídias. Porém, o cuidado com isto deve ser grande. Existem particularidades, apontadas por diversos autores, sobre o entendimento da hipermídia. Santaella aponta que

[...] hipermídia é uma nova linguagem em busca de si mesmo. Essa busca depende, antes de tudo, da criação de hipersintaxes que sejam capazes de refuncionalizar linguagens que antes só muito canhestamente podiam estar juntas [...] (SANTAELLA, 2003, p. 95).

Também em busca de um conceito da hipermídia e sua complementação ao hipertexto, Silva Júnior (2001) engendra um amplo debate sobre a conceituação do termo. Passando por algumas considerações de multimídia, rede, interconectividade, ele completa esta busca no artigo “Do Hipertexto ao algo mais: usos e abusos do conceito de hipermídia pelo jornalismo on-line”:

Hipermídia: é a modalidade sugerida da convergência entre as características do hipertexto e da multimídia. Porém com a navegação aberta, e a capacidade, graças à digitalização, de ser disseminada em suportes e plataformas os mais mais distintos, criando o que denominamos de estado de disseminação e disponibilização hipermidiática (SILVA JÚNIOR, 2001, p 134-135).

Enfim, para que fiquem esclarecidas as proximidades e disparidades entre hipertexto e hipermídia, busca-se entendê-los da seguinte forma: o hipertexto é o modo de conceber a não-linearidade textual, de se perceber os nós que os mais diversos recursos levam o usuário da internet. Já a hipermídia é o conglomerado de recursos técnicos e estruturas de linguagens que servem como recurso para se percorrer a não-linearidade dos hipertextos.

Resumindo a proposta de entender a importância desses dois movimentos na rede mundial de computadores, o conhecimento passa a ser tratado como um dos mais complexos e dinâmicos processos que a rede cultiva. Lévy (1999) destaca:

As tecnologias intelectuais situam-se fora dos sujeitos cognitivos, como este computador sobre a minha mesa ou este livro em suas mãos. Mas elas também estão entre os sujeitos como códigos compartilhados, textos que circulam, programas que copiamos, imagens que imprimimos e transmitimos por via hertziana. Ao conectar os sujeitos, interpoem-se entre eles, a técnica de comunicação e de representação estruturam a rede cognitiva coletiva e contribuem para determinar as suas propriedades. As tecnologias intelectuais ainda estão nos sujeitos através da imaginação e da aprendizagem (LÉVY, 1999, p. 173-174).

Os *media*, mais notadamente a Internet, segundo Silva (2001, p. 166), têm “grande importância na expansão do saber”.

Há um *Big Bang Cognitivo* com a expansão dos *media*, dado que os conhecimentos que possuímos acerca das ciências, da política, etc... provêm muito mais dos *media* do que da escola e do sistema formal de difusão de conhecimentos. [...] Logo, está-se diante de uma cultura mediática e de mosaico, porque é a partir dos fragmentos mediatizados que se forma uma representação da realidade social em que se está inserido (SILVA, 2001, p. 166).

Nesse sentido, Castells aponta para um novo panorama da cultura na internet, Dividida, segundo o autor, por uma estrutura de quatro camadas: “cultura tecnomeritocrática, a cultura hacker, a cultura comunitária virtual e a cultura empresarial. Juntas, elas contribuem para uma ideologia da liberdade que é amplamente disseminada no mundo da Internet” (CASTELLS, 2003, p. 34).

Sem o intuito de percorrer a definição dessas culturas, em Castells abre-se o leque de observações sobre a configuração a que se propõem. Enquanto as tecnoelites têm a

proximidade com a ciência, com a experimentação científica, a cultura *hacker* espalha valores, hábitos e conhecimentos:

Suprema nesse conjunto de valores é a liberdade. Liberdade para criar, liberdade para apropriar todo o conhecimento disponível e liberdade para redistribuir esse conhecimento sob qualquer forma ou por qualquer canal escolhido pelo hacker. [...] Para a maioria dos hackers, a liberdade não é o único valor (a inovação tecnológica é a meta principal e o deleite pessoal da criatividade é ainda mais importante que a liberdade), mas é sem dúvida um componente essencial de sua visão do mundo e de sua prática como hacker (CASTELLS, 2003, p. 42).

Percorre-se a definição de *hacker* e a distinção com *cracker*. Estes são exatamente o que a mídia vende: irresponsáveis viciados em quebrar códigos de sistemas ilegalmente (CASTELLS, 2003, p 38). Ainda nesta corrente, Mattelart (2005) faz sua ponderação, tratando esta liberdade como diversidade cultural inserida nesta nova realidade digital e, por sua vez, reestabelecendo um novo movimento social e institucional:

Não por acaso a Unesco inscreveu entre suas linhas prioritárias de ação materializadas em sua “Declaração universal sobre a diversidade cultural” um conjunto de objetivos vinculados à democratização do ciberespaço. Promoção da diversidade linguística, “letramento digital”, acesso universal às tecnologias, luta contra a “exclusão digital” em vista de eliminar as disparidades de acesso à informação, à cultura e ao saber entre os países industrializados e os países em desenvolvimento e no próprio interior dessas sociedades (MATTELART, 2005, p. 144).

Mas não só de inserção digital têm se falado. Hoje, comunicação, conhecimento, informação estão cada vez mais sofrendo impactos desse desenvolvimento tecnológico. Quando se pensa na rede, enquanto espaço da internet, são muitas as considerações sobre a diversidade do meio, as possibilidades interativas, as trocas instantâneas, o excesso de informações, entre outros. Mas as novas tecnologias fazem com que se potencialize estas discussões, inclusive sobre esses novos movimentos sociais, surgidos principalmente com a comunicação móvel. O acesso e troca de conhecimento vêm configurando uma nova representação desta sociedade, conforme concluem Castells, Ardévol, Qiu e Sey (2007):

La comunicación inalámbrica expande el terreno de la autonomía frente a los medios de comunicación de masas que caracteriza a internet. Las redes horizontales de comunicación y las múltiples fuentes de información a escala global permiten una difusión relativamente autónoma y el intercambio de

información, ideas e iniciativas² (CASTELLS, ARDÉVOL, QIU e SEY, 2007, p. 391).

Todavia, o ciberespaço tem um caráter potencializador das formas de se produzir, transmitir e armazenar o conhecimento, embutidos nessa sensação de autonomia e de velocidade. Lévy (1999) destaca que o saber, no ambiente da internet, pode, à primeira vista, compreender três constatações. A primeira delas é sobre a velocidade com que surgem e se renovam os saberes. A segunda, “diz respeito à nova natureza do trabalho, cuja parte de transação de conhecimentos não pára de crescer” (LÉVY, 1999, p. 157). A terceira delas, segundo o autor:

O ciberespaço suporta tecnologias intelectuais que amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas: memória (banco de dados, hiperdocumentos, arquivos digitais de todos os tipos), imaginação (simulações), percepção (sensores digitais, telepresenças, realidades virtuais), raciocínios (inteligência artificial, modelização de fenômenos complexos) (LÉVY, 1999, p. 157).

Os saberes, para Lévy apresentam-se de forma simulada no ciberespaço, como uma forma de memória auxiliar, que a internet possibilita, graças às dinâmicas complexas da rede. Para ele, “os saberes encontram-se, a partir de agora, codificados em bases de dados acessíveis on-line, em mapas alimentados em tempo real, pelos fenômenos do mundo em simulações interativas” (LÉVY, 1999, p. 166).

São essas dinâmicas complexas. Essas tecnologias intelectuais que Lévy defende como exteriorizadoras e modificantes dos saberes que se percorrerá na segunda parte deste trabalho. Antes, porém, para continuar no processo de “afunilamento”, um olhar sobre os portais, suas definições e particularidades se apresenta como antecessor do desdobramento das ferramentas e suas representações acerca do conhecimento.

3.3 O TRAJETO DA INTERNET ATÉ OS PORTAIS

² “A comunicação móvel expande o terreno da autonomia frente aos meios de comunicação de massa que caracterizam a internet. As redes horizontais de comunicação e as múltiplas fontes de informação em escala global permitem uma difusão relativamente autônoma e o intercâmbio de informações, idéias e iniciativas” (CASTELLS, ARDÉVOL, QIU e SEY, 2007, p. 391).

Como já citado anteriormente, é errôneo pensar a cultura digital e o ciberespaço como definições exclusivas da Internet. A rede mundial de computadores compreende um nó importante deste universo digital. Uma visão mais datada possibilita que se tenha a noção mais ampla da insistência na associação destes vetores à rede e uma visão mais segura de sua relevância social. O nascimento da Internet foi no ambiente acadêmico-militar, em 1969, com o nome de Arpanet.

Essa era uma rede nacional de computadores que servia para garantir a comunicação emergencial caso os Estados Unidos fossem atacados por outros países, em especial, a União Soviética. O projeto foi concebido pela *Advanced Research Projects Agency*, uma agência de pesquisas e projetos avançados do Departamento de Defesa norte-americano.

Em 1975, com o controle total da Arpanet, o tráfego de dados cresceu rapidamente e, entre os usuários, havia acadêmicos pesquisadores da área de segurança e defesa. A *National Science Foundation* (Fundação Nacional de Ciência) desenvolveu uma rede de conexão entre os pesquisadores do país. Esta contribuição foi essencial para a expansão da Internet. As redes trafegavam em sua espinha dorsal, ou seja, a principal via de interligação de sub-redes da Internet, dados computadorizados, voz, *link* de satélites. As redes conversavam entre si e disponibilizavam serviços ao governo, à comunidade acadêmica e aos usuários.

Com o auxílio de capital federal, universidades conversavam e trocavam informações entre si. Foi estabelecido um entrelaçamento global e um comum acordo de transmissões, que resultou, de imediato, no surgimento do correio eletrônico. No final dos anos 80, o cenário da rede já era composto por diversos computadores conectados, sendo que ainda eram maioria aqueles para fins acadêmicos instalados em laboratórios e centros de pesquisa.

Mesmo com essa expansão, havia uma característica latente na Internet: o aspecto visual nada chamativo. A interface dos *sites* era simples, quase todas monocromáticas – um tom de cinza – e com os menus muito primários. Porém, nesta mesma época, um grupo de pesquisadores concebia em segredo a *World Wide Web*, o suporte gráfico onde é possível

armazenar as páginas da rede, e, por sua vez, uma melhor e mais criativa concepção visual das mesmas.

Esse aparato gráfico incentivou a saída da rede mundial de computadores do âmbito acadêmico e permitiu que a mesma se espalhasse rapidamente pelo mundo. O fenômeno de popularização da Internet, datado da década de 90, foi possível com a essencial formatação deste recurso gráfico, que teve como grande entusiasta Marc Andreessen, participante de uma lista de discussão com muitos pesquisadores, onde estava também Tim Berners Lee, o inventor da *Web*. Em 1993, o Mosaic, criado por Andreessen, era a interface gráfica da *web* essencial para a instalação de um *site*: estável, fácil de manipular e instalar e com a possibilidade de trabalhar com imagens simples. Assim, começa a expansão galopante da WWW.

Em 1996, já existiam 56 milhões de usuários no mundo. As mensagens eletrônicas enviadas nos Estados Unidos já contabilizavam 95 bilhões. A dimensão do crescimento da Internet pode ser verificada pelos dados da *Computer Industry Almanac*: em 1993 eram 1,7 milhão de usuários; em 1997, vinte milhões.

Os números avançam vertiginosamente graças às adequações nos aparatos gráficos, que possibilitaram a contextualização da Internet no universo comunicativo, e com o início do processo de linguagem própria. O determinante crescimento da rede também é resultado do elevado investimento publicitário no meio e com o surgimento da banda larga, que estimulou a convergência mais eficaz de determinadas mídias.

Mesmo com a definição inicial de Ferrari (2003), apresentada na introdução deste trabalho, outras características são fundamentais para que se conheça a estrutura de um portal.

3.4 APRESENTANDO O PORTAL

Normalmente, existe uma incoerência no uso dos termos “portal” e “*site*” para se fazer referência às plataformas de informação e conteúdo encontradas na Internet. Ferrari (2003)

citada na introdução deste trabalho, faz algumas considerações iniciais, que são complementadas por meio de outras funcionalidades como: ferramentas de busca, comunidades, comércio eletrônico, *e-mail* gratuito, entretenimento e esportes, notícias, previsões do tempo, *chat*, discos virtuais, *homepages* pessoas, jogos *on-line*, páginas amarelas, mapas, cotações financeiras, canais, mapa do *site*, personalização. Estas categorias, criadas por Ferrari, são muito aplicadas aos *sites* de conteúdos informativos e noticiosos, mas podem, com um olhar mais amplo, representar as estruturas em outros segmentos.

Com um olhar mais preciso sobre a questão jornalística dos portais, Barbosa (2001) faz algumas considerações pertinentes sobre o portal como estratégico repasse de informações das empresas de comunicação e de filtro por parte dos usuários:

Os portais são mesmo emissores de grande conteúdo. [...] A oferta casada de informação (banco de dados, hipertextos, áudio, vídeos) + serviços e produtos num só lugar além de gerar volume de acessos, aumentando a audiência, é o ponto de partida para se engendrar os usuários, lhes permitindo participar de uma comunidade. [...] o modelo dos portais pode ser uma alternativa para o excesso de informação disponíveis na rede, atuando como intermediários, mediadores (BARBOSA, 2001, p. 4).

Dessa forma, pode-se concluir que os portais são as plataformas que apresentam funcionalidades de uso aos internautas. Ou seja, a oferta de serviços, as possibilidades de usabilidade são as características que tornam a plataforma portal e não *site*. Com uma visão paralela e complementar, em seus estudos sobre portais corporativos, Dias (2001) complementa a conceituação de portal público dizendo que

[...] provê ao consumidor uma única interface à imensa rede de servidores que compõem a Internet. Sua função é atrair [...] o público em geral [...]. Quanto maior o número de visitantes, maior a probabilidade do estabelecimento de comunidades virtuais (DIAS, 2001, p. 4).

A autora apresenta, ainda, um quadro de características dos portais³:

³ O quadro (p. 4) apresentado pela autora é construído a partir da identificação de Eckerson e está presente no complemento da conceituação de portal público.

GERAÇÃO	CATEGORIA	CARACTERÍSTICAS DAS GERAÇÕES NOS PORTAIS PÚBLICOS
Primeira	Referencial	Máquina de busca com catálogo hierárquico de conteúdo da <i>web</i> . Cada entrada do catálogo possui uma descrição do conteúdo e um <i>link</i> .
Segunda	Personalizado	O usuário, por meio de um identificador e uma senha, pode criar uma visão personalizada do conteúdo do portal, conhecida como “Minha Página”. Esta visão mostra apenas as categorias que interessam a cada usuário. O portal pode avisar ao usuário sempre que um novo conteúdo foi adicionado às categorias por ele assinaladas.
Terceira	Interativa	O portal incorpora aplicativos, tais como correio eletrônico, <i>chats</i> , listas de discussão, cotação da bolsa, comércio eletrônico, leilões, permitindo ao usuário interagir com o portal e seu provedor de conteúdos. Os usuários podem selecionar esses aplicativos para as suas páginas pessoais.

Quadro 2: A divisão dos portais
 Fonte: DIAS, 2001, p. 4.

Assim, dentro dessa realidade conceitual, parte-se, a seguir, para a especificação das categorias escolhidas para a análise do conhecimento pós-moderno e como, por meio das funcionalidades tecnológicas dos portais, as mesmas podem ser identificadas no ambiente da cibercultura.

4 PRODUÇÃO, CONTROLE E COMÉRCIO DO CONHECIMENTO: DA HISTÓRIA À CIBERCULTURA

Ao sair do contexto macro que envolve o ambiente digital, este capítulo destina-se a construir um paralelo entre a história e a atualidade. Partindo sempre da revisão histórica da produção, controle e comércio do conhecimento, pela visão de Burke (2003), busca-se mostrar o mesmo movimento no ambiente dos portais. Para tal, no início de cada item, destinam-se algumas páginas à história, seguidas da contextualização atual do tema, e, por fim, à identificação das funcionalidades nos portais que levam à produção, ao controle e ao comércio do conhecimento.

4.1 A HISTÓRICA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO: O UNIVERSO DOS HOMENS DAS LETRAS

Apesar das diferentes afirmativas sobre o real momento em que surgiram os intelectuais na história das sociedades, recebiam este nome aqueles cuja atividade principal era produzir, organizar e disseminar o conhecimento. Na Antigüidade, este grupo de letrados eram leigos cultos, vindos das áreas médicas e jurídicas que eram supervalorizadas nas universidades da época.

Porém, na Idade Média, os professores e alunos – homens de letras – em sua maioria, tinham procedência clerical e, em processos de intercâmbio entre as próprias universidades, faziam a troca de conhecimentos, tentando, todavia, estimular a produção entre os pares. Dentro deste contexto, levantou-se, no Renascimento, uma classe desdenhada pelos letrados, os chamados humanistas, que se caracterizavam pelos seguidores de um novo currículo dentro das universidades, as humanidades:

Estes humanistas eram um novo tipo de letrados. Alguns estavam na ordem religiosa, mas muitos eram leigos, e ensinavam em escolas ou universidades, ou atuavam como tutores privados, ou ainda, dependiam da liberalidade de seus patronos ou mecenas. Para alguns deles, o ensino era uma sina e não uma vocação. [...] A baixa remuneração geral dos professores nas escolas e

universidades [...] torna fácil entender essa reação. Ensinar oferecia um modo de ganhar a vida com o conhecimento, mas não era uma boa vida (BURKE, 2003, p. 28).

Todavia, mais tarde foram estes humanistas que fundaram academias ou sociedades. Antes disto, é válido lembrar que a invenção da prensa tipográfica expandiu a área de atuação destes letrados, podendo eles trabalhar como impressores ou mesmo como terceiros para editoras. Um outro momento destes letrados, que é de importante destaque, é na Reforma de Martinho Lutero. O prestígio dos intelectuais é disseminado na Igreja e no Estado e as universidades passam a formar uma legião de estudantes treinados para o clero das igrejas e, também, para os cargos de confiança no governo.

Contudo, escritores e professores, ao longo do tempo, consolidaram o contato entre si, fomentando, assim, o agrupamento de seus interesses e mais, passaram a administrar o conhecimento adquirido, coletando informações e organizando-as. Foi o alavanque das organizações:

A partir de 1700, aproximadamente, passou a ser possível seguir uma carreira intelectual não só como professor ou escritor, mas também como membro assalariado de certas organizações dedicadas à acumulação do conhecimento, notadamente as Academias de Ciências fundadas e financiadas em Paris, Berlim, Estocolmo e São Petersburgo, ainda que a limitação dos fundos disponíveis em geral levasse os que os recebiam a complementar seus salários com outras formas de emprego (BURKE, 2003, p. 32).

A facção humanista surgida no Renascimento veio em oposição àquele saber convencional, típico da Idade Média. Favoráveis à discussão, praticavam seus debates fora das universidades, onde as idéias defendidas eram rejeitadas. Criaram, para fomentar estas discussões, a academia. Esta era uma forma de associação menos rígida que os ambientes universitários e que, aos poucos, tornaram-se instituições de debates freqüentes com integrantes regulares e normas.

Desses debates humanistas, porém, não participavam apenas acadêmicos. Escultores, matemáticos e engenheiros com interesses diversos eram freqüentadores destes círculos de discussão. Muitos deles tinham experiências como viajantes e acabaram por fundar academias apoiadas pelos governos, a fim de que fossem repassadas informações sobre outras terras.

Conforme Burke (2003), deve-se levar em consideração que o ambiente universitário não era de todo contrário às idéias humanistas. Mais que isso, também não era privilégio das academias a formulação de novas idéias. Houve uma fusão gradual:

As idéias humanistas se infiltraram gradualmente nas universidades, especialmente no sentido de influenciar mais que os regulamentos oficiais, os currículos não oficiais. Quando isso aconteceu, contudo, a fase mais criativa do movimento humanista chegava ao fim. O desafio ao saber constituído vinha agora da “nova filosofia”, em outras palavras, do que hoje chamamos de “ciência” (BURKE, 2003, p. 42).

A Revolução Científica foi um movimento mais radical de repúdio às tradições clássicas e medievais. Os seguidores do cientificismo buscavam rotas alternativas para incorporar outros conhecimentos aos saberes ditados. Mesmo com grande número de líderes trabalhando dentro das universidades, novamente os acadêmicos rejeitaram esta nova filosofia. Conseqüentemente, a rota de fuga para estes cientistas foi a fundação das próprias sociedades, muito parecidas com as humanistas; porém, enfatizando muito mais o estudo da natureza.

Os cientistas respondiam à hostilidade das universidades afirmando a pouca contribuição científica destas instituições para o desenvolvimento da ciência, exceto pela Escola de Medicina. Em contrapartida, as próprias universidades defendiam que ciências como a matemática e a filosofia natural tinham espaço de discussão garantido. Assim, Burke (2003) sugere o equívoco em tentar fazer a oposição entre uma facção mais tradicional e outras mais progressistas e apresenta considerações relevantes:

Como no caso do movimento humanista, a proliferação de novas formas de instituições dá a impressão de que número considerável dos próprios participantes do movimento de reforma da filosofia natural percebia as universidades como obstáculos à reforma, pelo menos nos primeiros estágios do movimento. Esses lugares ofereciam microambientes ou bases materiais apropriadas para as novas redes [...]. São necessárias distinções entre essas formas de instituições. Algumas delas foram fundadas dentro das próprias universidades, por exemplo, jardins botânicos, anfiteatros de anatomia, laboratórios e observatórios – todos ilhas de inovação dentro de estruturas mais tradicionais (BURKE, 2003, p. 44).

É necessário, contudo, entender que as instituições merecem uma reflexão mais aprofundada em relação à história do conhecimento, seja pela crítica em torno do papel da

universidade no monopólio do conhecimento ou por causa do advento de centros de pesquisa preocupados com o fomento da experiência. Junto a isso, aqueles considerados homens de letras estavam, cada vez mais, determinados com as questões sociais e políticas, ou seja, o Iluminismo.

Os intercâmbios complementavam os saberes recebidos, inclusive pelas instituições alternativas, sobretudo nos estudos das artes. Investia-se em escolas que fornecessem instruções específicas para a formação diplomática dos nobres que se lançariam para o exército ou para a representação de seus Estados. As academias surgiam, paulatinamente, com funções específicas de estudos da botânica, química, física, mecânica, história, engenharias. Em muitas delas, como afronta declarada às clássicas universidades, o ensino era proferido em língua inglesa, e não em latim.

Em meados do século XVIII, são os institutos de fomento à pesquisa que ganham destaque no cenário institucional do conhecimento. Estes institutos eram voltados para a experiência da “necessidade de buscas para que o conhecimento fosse sistemático, profissional, útil e cooperativo” (BURKE, 2003, p. 48). E não era só a pesquisa das exatas, mas as humanas, como história e política, também foram incorporadas nos centros de pesquisa, como mosteiros e academias, muitas delas patrocinadas pelo governo.

Um outro fenômeno descrito pelo autor para se compreender a institucionalização do conhecimento são os agrupamentos voluntários em torno de interesses com a reforma. Um exemplo é o advento de lojas maçônicas que “ilustra essa nova tendência e também a tradição mais antiga do conhecimento secreto” (BURKE, 2003, p. 50). Bares, salões e cafés também serviam de ponto de encontro para que simpatizantes da reforma discutissem e disseminassem seus fundamentos. A própria imprensa se encarregava de, em muitas vezes, incentivar as novas idéias propostas.

Mesmo com a permanência das universidades, outros agrupamentos alternativos passaram a desempenhar um papel importante para o entendimento da institucionalização do conhecimento. Contudo, é preciso estar ciente que, do mesmo jeito que o ensino tradicional estimulou a revolução humanista e científica intensificada com a formação de academias, foram estas mesmas que propiciaram, em muitos casos, uma modernização das universidades:

Os grupos criativos, marginais e informais de um período regularmente se tornaram organizações formais, dominantes e conservadoras da próxima geração ou da seguinte. Isso não quer dizer que a reforma ou renovação das organizações tradicionais seja impossível [...]. As universidades, especialmente na Alemanha, recuperariam a iniciativa, saltando à frente das academias (BURKE, 2003, p. 51).

4.2 SOCIALIZAÇÃO, INTERAÇÃO E COMUNIDADES VIRTUAIS: UM NORTE DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NO AMBIENTE ON-LINE

Em toda a descrição histórica levantada por Burke quando da produção de conhecimento, a relação dos letrados entre si fez emergir as associações e instituições do conhecimento. Formalmente, os relacionamentos entre classes e suas necessidades despertaram na sociedade acadêmica a necessidade de estimular determinada produção de conhecimento. A internet alavancou, em sua emergência, uma série de discussões a respeito do novo modelo de socialização mediado pelo computador e amparado pelas possibilidades interativas. Não são poucos os estudos que se dedicam à pesquisa de tais questões. Castells (2003) já destacara em sua obra tal novidade:

A emergência da internet como um novo meio de comunicação esteve associada a afirmações conflitantes sobre a ascensão de novos padrões de interação social. Por um lado, a formação de comunidades virtuais, baseadas sobretudo em comunicação on-line, foi interpretada como a culminação de um processo histórico de desvinculação entre a localidade e a sociabilidade na formação da comunidade: novos padrões, seletivos, de relações sociais substituem as formas de interação humana territorialmente limitadas (CASTELLS, 2003, p. 98).

Desse modo, a socialização, ou a sociedade em rede, é tida como uma nova forma desterritorializada de encontros e trocas. Neste sentido, a falta de cartografia do universo *on-line* potencializa relações onde a máquina tem um papel determinante de agregar e mediar estes encontros. Lemos (2004), analisando a vida social contemporânea, diz que “as novas tecnologias vão desempenhar um papel muito importante nesse processo. Ao invés de inibir as situações [...] imaginárias da vida social, elas vão agir como vetores potencializadores dessa situação” (LEMOS, 2004, p. 84).

Um dos aspectos mais comuns das práticas sociais intermediadas pelas novas tecnologias diz respeito à multiplicidade de informações e situações que podem ser geradas. Neste agrupamento de usuários que se conectam uns aos outros, ou ainda, de informações que são capturadas e trocadas no ambiente *on-line*, há uma potencial sinergia entre a falta de territorialidade e o desdobramento de muitas situações sociais.

Ribeiro (2001) aponta que:

Através de um interessante e complexo processo, que poderíamos chamar de simbiótico entre o ser humano (usuário) e a tecnologia (computador) o cibernauta e seu mundo virtual vão sendo configurados em um novo ambiente (o ciberespaço), no qual apresenta uma diversidade de práticas sociais incipientes, e onde se constata que muitas das suas características ainda estão em fase inicial de afloramento e de apreciação de seus efeitos na vida cotidiana de seus integrantes (RIBEIRO, 2001, p. 141).

Nessa linha de pensamento em que a sociabilidade e suas potenciais trocas se configuram no território *on-line*, uma das mais comuns e conhecidas práticas é a das salas de bate-papos. Possivelmente este tenha sido um dos primeiros espaços da nova socialização em rede, por configurar aspectos como o controle da identidade, expansão das relações, desconstrução do agrupamento físico, entre outros.

Nussbaumer (2001), no artigo *Fora do Armário: a cibersocialidade em uma lista de discussão GLS*, destaca a momentaneidade dessa prática como um dos aspectos mais fortes:

Jogar conversa fora, falar de assuntos banais do cotidiano ou daqueles que dizem respeito aos interesses comuns de determinado microgrupo, propiciam um sair de si, uma inter-relação que serve de base para o tribalismo [...]. A sociabilidade marca os agrupamentos urbanos atuais colocando ênfase no presente, no instante vivido, nos momentos não institucionais, racionais ou finalistas de todo o dia (NUSSBAUMER, 2001, p. 80-81).

Atento a isso, porém trazendo um novo olhar, Castells alerta para que não seja reduzido o espaço social e as possibilidades interativas da internet às salas de bate-papo. O autor argumenta que na explosão da internet em fins dos anos 80 e sua solidificação na década de 90, os *chats* construíram sim esse imaginário mascarados de identidades que trocavam suas experiências nessas plataformas. Porém, conforme foi se estabelecendo e evoluindo, a internet apresentou outras formas de socialização, ou, nas palavras de Castells (2003, p. 99), “embora

as salas de chat, os *new grupos* [...] fossem significativos para os primeiros usuários, sua importância quantitativa e qualitativa definiu com a propagação da internet”.

Ao passo que as salas de bate-papo puderam estabelecer esse novo processo da socialização, com o aprimoramento do uso das novas tecnologias, emergiu, a partir desta prática, uma nova configuração na internet: as comunidades virtuais. Para Lévy (1999), as comunidades virtuais são o segundo dos três princípios do ciberespaço, que compreendem, ainda, a interconexão e a inteligência coletiva. Segundo o autor:

[...] o desenvolvimento das comunidades virtuais se apóia na interconexão. Uma comunidade virtual é construída sobre afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de trocam tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais (LÉVY, 1999, p. 127).

Todavia, por mais que as comunidades virtuais estejam se configurando em torno de novas redes associativas, como os *sites* de relacionamentos, *chats*, *blogs* e seus derivados, fóruns de discussão, portais, *sites* de construção compartilhada de conteúdo, entre outros, não substituem as comunidades físicas. Primo (1997) salienta isso no artigo *A emergência das comunidades virtuais*:

É importante salientar que diferentemente das comunidades geográficas, que sempre existirão, as comunidades virtuais podem ser efêmeras. A comunidade de um bairro sempre existirá, pois o bairro não deixará de existir. Por outro lado, um *chat* só existe quando o sistema está funcionando. Ocorrendo algum problema, ele deixa de existir (PRIMO, 1997, p. 5).

Ainda nesse sentido, Castells discute a própria emergência do termo comunidade e suas fortes impressões sobre essa configuração social da rede. Segundo o autor, o termo sugere uma atenção especial para o “surgimento de novos suportes tecnológicos para a sociabilidade” (CASTELLS, 2003, p. 105). Mas sugere, por outro lado, alguns erros e discussões entre os entusiastas e os retrógrados das novas tecnologias:

[...] o termo “comunidade”, com todas as duas fortes conotações, confundiu formas diferentes de relação social e estimulou discussão ideológica entre aqueles nostálgicos da antiga comunidade, espacialmente limitada, e os defensores entusiásticos da comunidade de escolha possibilitada pela Internet. De fato, para sociólogos urbanos, essa é uma discussão muito velha, que reproduz debates anteriores entre os que viam o processo de

urbanização como desaparecimento de formas significativas de vida comunitária, para serem substituídas por laços seletivos e mais fracos [...] (CASTELLS, 2003, p. 105).

Aquecendo esse pensamento, Primo reproduz um olhar polêmico sobre essa questão, afirmando exatamente o contrário do que os sociólogos criticados por Castells sugerem. Para ele, as comunidades virtuais traduzem uma situação com muito mais laços emocionais e aproximativos, do que as físicas. Nas palavras do autor:

[...] as comunidades virtuais seriam baseadas em proximidade intelectual e emocional em vez de mera proximidade física. Os participantes de *chats* reconhecem-se parte de um grupo e responsáveis pela manutenção de suas relações. Dessa forma, pode-se inferir que essa percepção é, muitas vezes, maior nesses grupos que em situações de comunidades baseadas geograficamente, como um bairro ou condomínio. Baseadas na proximidade física, muitas dessas comunidades freqüentemente carecem de qualquer aproximação emocional (PRIMO, 1997, p. 4).

Uma das mais instigantes características das comunidades virtuais, lê-se agrupamento de internautas em torno de um interesse comum mediados pelos computadores, é a variedade de assuntos que sugerem a formação destas comunidades. Porém, mesmo com esta variedade, aquilo que Primo defendeu como a manutenção das comunidades também é alertado por Costa (2003, p. 55): “Há comunidades virtuais que reúnem interessados em esporte, entretenimento, política [...]. O ritmo em que elas se formam e se desfazem acompanha, basicamente, o mesmo de todos os grupos humanos”.

Essa variação de assuntos e de existência das comunidades virtuais serve, todavia, como argumento defensivo de emoções e sentimentos que são compartilhados. Assim como em relações humanas físicas, nas comunidades virtuais são as emoções que sugerem sua permanência e, em alguns casos, a extensão do encontro virtual para o físico. Lévy (1999) destaca:

Para aqueles que não as praticaram, esclarecemos que, longe de serem frias, as relações on-line não excluem as emoções fortes. Além disso, nem a responsabilidade individual nem a opinião pública e seu julgamento desaparecem no ciberespaço. Enfim, é raro que a comunicação por meio de redes de computadores substitua pura e simplesmente os encontros físicos: na maior parte do tempo, é um complemento ou um adicional (LÉVY, 1999, p. 128).

Além da congruência de interesses e de sentimentos, além dessa potencialização dos sentidos das relações humanas físicas, a comunidade virtual no ciberespaço traduz esse espaço de contato e comunhão. Em outras palavras, configura um espaço de trocas e compartilhamentos diversos. A estas trocas, soma-se a já citada característica de amplitude territorial, o que sugere a riqueza desta comunhão. Segundo Lemos (2004):

Neste sentido, as comunidades formadas a partir das redes telemáticas mostram como as novas tecnologias podem atuar não apenas como vetores de alienação [...] mas também como máquinas de comunhão, de compartilhamento de idéias e sentimento [...] (LEMOS, 2004, p. 139).

Contudo, não se deve pensar a comunidade virtual como algo imaginário, ilusório. Muito pelo contrário, por mais que se configure em um ambiente não-palpável, ela existe, tem sua configuração e regras – como o fato de se respeitar temáticas e tópicos das mesmas – e é organizada. As comunidades virtuais são uma extensão da vida, ou, são a própria vida em si. Na visão de Lévy (1999):

A cibercultura é a expressão da aspiração de construção de um laço social, que não seria fundado nem sobre links territoriais, nem sobre relações institucionais, sobre as relações de poder, mas sobre a reunião em torno de centros de interesses comuns, sobre os jogos, sobre o compartilhamento do saber, sobre a aprendizagem cooperativa, sobre os processos abertos de colaboração. O apetite para as comunidades virtuais encontra o ideal de relação humana desterritorializada, transversal, livre. As comunidades virtuais são os motores, os atores, a vida diversa surpreendente do universal por contato (LÉVY, 1999, p. 130).

De toda e qualquer forma, para que seja discutida a questão da socialização em rede e das formações comunitárias virtuais, uma característica não pode ser esquecida: a interatividade. Por meio desta possibilidade é que as trocas, associações e comunhões podem se estabelecer.

As mídias convencionais, através de cartas, telefonemas e enquetes já disponibilizavam a interação com o leitor/ouvinte/telespectador. Porém, o ápice da interatividade surge na Internet quando esta disponibiliza ao usuário a possibilidade de escolher o caminho no qual deseja receber (ler/ver/ouvir) a informação (notícia). Mais ainda: comentários são instantaneamente postados e, muitas vezes, respondidos também em tempo real, além da possibilidade de votar em enquetes e participar de grupos de discussões.

O básico de um *site* referente à interatividade geralmente funciona de acordo com o desenvolvimento de cada projeto. Mas a intenção é sempre deixar o ambiente mais personalizado, dinâmico e que atenda às necessidades do usuário. O conceito de interatividade aplicado a ambientes interferidos pelo computador foi desenvolvido por muitos pesquisadores. Visitá-los, rapidamente, ajuda na noção de importância desta característica no meio.

A cultura da atualidade liga-se intimamente à idéia de interação, interconexão e inter-relação entre homens, informações e imagens dos mais variados gêneros. A interatividade é a palavra de ordem no mundo dos eletrônicos. O termo remonta dos anos 60, para identificar o que os pesquisadores entendiam como as extensões da máquina, ou seja, os dispositivos de entrada e saída, como o teclado, as impressoras; enfim, o que resultou numa melhora na relação entre o usuário e o computador.

Desse primeiro passo surgiram as idéias de muitos autores. Alguns a pensam como um sinônimo de interação, outros de troca ou reação. Como explica uma pesquisa realizada pelo Grupo de Educação e Comunicação/NEPEC/FACED/UFBA⁴, a forma como alguns se referem à interatividade como uma simples troca é um conceito muito simplista se levarmos em consideração todo o campo de significação e acaba assim por relacionar o termo de forma difusa.

Segundo o artigo do referido grupo, Arlindo Machado já começa definindo como reação – reatividade – o escolher do indivíduo sobre duas ou mais opções, casos como a escolha de telespectadores por um entre dois finais, ou por um entre dois finalistas em programas de televisão. Já André Lemos compreende a interatividade digital como um tipo de relação tecno-social, ou seja, um diálogo entre o homem e a máquina, através de interfaces gráficas, em tempo real. Esta visão acaba sendo aprofundada com as constatações do filósofo Pierre Lévy, que rompe as barreiras desta máquina e entende como uma observação de refluxo informacional.

⁴ Este grupo, na tentativa de discutir o que viria a ser interatividade, participou de vários encontros que resultaram neste artigo, um trabalho desenvolvido por Alessandra de Assis Picanço, Andréa Ferreira Lago, Maria Helena Silveira Bonilla, Nelson de Lucca Pretto, Sidnei Álvaro de Almeida Lima e Tânia Maria Hetkowski. Disponível em: <http://www.faced.ufba.br/~dept02/sala_interativa/texto_grupo.html>. Acesso em: 11 set. 2008.

O estudo trata ainda da visão de Marco Silva, que a entende como a predisposição para a bidirecionalidade (fusão emissão-recepção), para a participação e intervenção, ou seja, não seria apenas um ato de troca, mas a abertura para mais comunicação, seja na interação entre usuários e tecnologias, seja na de usuários entre si.

As definições não se anulam, mas se complementam para que haja um posicionamento do que este trabalho entenderá por interatividade, ou seja, as características que o grupo aponta como sendo da mesma: reorientação do fluxo informal, participação do sujeito em tempo real, reciprocidade, ou seja, um dinamismo de onde emergem novos processos. Em outras palavras, como a própria análise do grupo compreende, a idéia de interatividade está ligada à produção coletiva, segundo afirma Lévy (1999):

O termo “interatividade” em geral, ressalta a participação ativa do beneficiário de uma transação de informação. De fato, seria trivial mostrar que um mesmo receptor de informação, a menos que esteja morto, nunca é passivo. [...] A possibilidade de reaproximação e de recombinação material da mensagem por seu receptor é um parâmetro fundamental para avaliar o grau de interatividade de um produto (LÉVY, 1999, p. 79).

Pensar na interatividade mediada pelo computador, significa, além do já citado, compreender a mudança constante do papel do emissor e do receptor. Tanto na troca alternada entre eles, como também na troca de identidades, Santaella (2004) aponta para esta singularidade interativa interferida pela presença da máquina computacional:

O que se tem por aí, portanto, não é só um tipo de interatividade interpessoal mediada pela máquina, mas também uma interatividade transindividual, em que a pessoalidade do cibernauta se pulveriza em tramas infinitas de nexos e passagens se pulveriza em tramas infinitas de nexos e passagens por situações e sítios virtuais, nos quais o emissor e receptor perdem seus limites definidos para ganhar uma face plural, universal, global (SANTAELLA, 2004, p. 163).

4.3 CONTROLANDO O CONHECIMENTO: A IGREJA E O ESTADO COMO FONTES DE ARMAZENAMENTO E BUSCA DE INFORMAÇÕES

Desde o processo apresentado anteriormente, a Igreja e o Estado já configuraram na formação e patrocínio dos letrados e das instituições. Porém, são estas duas esferas sociais que levantam para uma questão protagonista em relação ao conhecimento, a qual Burke elucida como “coleta, armazenamento, recuperação e supressão da informação pelas autoridades [...]” (BURKE, 2003, p. 109). A prática dos governos, por exemplo, no início da Idade Moderna, era de coletar informações específicas para solucionar crises mais específicas ainda. Não existia, a serviço do governo, um número eficiente de colaboradores capaz de capturar informações gerais sobre toda a sociedade.

Todavia, com a consciência de que o controle social se dava a partir do monitoramento das informações, levou o Estado a ascender o desenvolvimento da burocracia. Prova disto é o aumento no número de funcionários e a formatação física de espaços que funcionavam como repartição pública. Acumulavam-se, entre vários reinos europeus, pilhas de papéis e documentos com informações específicas da população daquelas sociedades, o que gerava, por outro lado, um temor latente entre os governantes:

O principal aqui diz respeito à acumulação de informações como formas tanto de reação como de auto-estímulo ao desejo crescente dos governantes de controlar as vidas do povo em geral, fosse para aumentar os impostos, alistá-lo no exército ou alimentá-lo em tempos de fome. Contudo, o fato de que o conhecimento se acumulava em algum lugar da administração não significava que chegava sempre ao governante ou ao funcionário que dele precisava. Quanto maior a organização, maior o perigo de que as informações obtidas não cheguem à cúpula (BURKE, 2003, p. 112).

A Igreja também se serviu da burocracia para mensurar seus domínios e garantir o poder. Desde a criação de departamentos específicos, até a criação de arquivos e, mais precisamente, depois do Concílio de Trento, datado de 1563, onde ficaram estabelecidas regras gerais aos párocos sobre o registro de nascimentos, casamentos e mortes. A partir daí, várias outras iniciativas de combate à heresia como, em especial, os registros da Inquisição, frutos de interrogatórios com os possíveis hereges.

O Estado percebeu outro viés da importância em deter informações: as dominações em outras partes do mundo. Não só o registro de informações por parte dos navegadores eram importantes para a descoberta de novas terras, mas a dominação propriamente efetivada levava os impérios a buscarem o conhecimento específico dos habitantes e recursos que dispunham.

Interessados em ter um domínio cada vez mais forte sobre a população, o Estado passou a investir em técnicas de captura de informação das mais diversas: a busca de registros de administradores que antecederam o governo atual, o direcionamento de funcionários específicos para a coleta de dados, a inserção de espiões entre a população a fim de denunciar irregularidades, e, até mesmo, a participação de populares, como em Veneza, onde a população podia alertar autoridades de possíveis infratores por meio de denúncias escritas depositadas em urnas.

Contudo, o modo mais comum do registro de informações apresentava-se em forma de mapas. O que veio a gerar uma nova necessidade: obter informações quantitativas em escala real. Era crescente o interesse em se obter informações numéricas de forma cada vez mais precisa por meio da realização de censos. Estes, todavia, não agradavam muito à população:

O interesse dos governantes em quantificar o povo e às vezes também a população animal, nem sempre era bem recebido pelos súditos, que suspeitavam, muitas vezes com razão, que tais investigações seriam seguidas pelo aumento de impostos ou do alistamento militar (BURKE, 2003, p. 127).

Fomentou-se, assim, outra necessidade latente que era o arquivamento desses registros de forma organizada. Na Idade Média, a descentralização das informações impedia, junto com a mobilidade dos monarcas, um agrupamento preciso do que era registrado. Porém, no Período Moderno, dois fatores são apontados como estimuladores do processo de arquivamento: a própria invenção da prensa tipográfica, que incentivou bibliotecas e acervos a destinar um espaço próprio para isso, e, claro, a centralização do governo, e, por consequência, dos seus documentos. A Igreja também teve sua parcela de pioneirismo neste processo de arquivamento quando, na Contra-Reforma, papas determinaram a criação de catálogos de armazenamento dos arquivos do Vaticano, e, mais tarde, a multiplicação desta prática entre as dioceses.

Contudo, é válido ressaltar que tanto os arquivos gerais do Estado, quanto dos registros canônicos, eram proibidos de acesso público, obrigando, inclusive, os funcionários das repartições criadas obterem a permissão especial junto ao rei ou ao papa para consultar as informações. Mas não só os levantamentos e experiências catalogadas pelo Estado e pela Igreja eram inacessíveis ao público. Estas duas esferas da sociedade se ocuparam, e muito, em controlar outros tipos de documentos à população.

Sob forma de catálogo, a Igreja Católica emitiu a mais famosa relação de livros proibidos, em sua maioria de teologias protestantes. O *Índex*, como era chamada esta lista, era comum em várias localidades; porém, o mais importante fora aquele emitido pelo Vaticano:

O *Índex* parece ter sido criado como um antídoto para o protestantismo e a imprensa. Na Reforma, os protestantes proclamavam que o conhecimento estava a seu lado. [...] Foi uma tentativa de enfrentar a imprensa com a imprensa, de controlar a publicação de livros. O *Índex* modelo, de 1564, começava com um conjunto de regras gerais proibindo três tipos principais de livros: os heréticos, os imorais e os de magia (BURKE, 2003, p. 130).

Mais tarde, pode ser verificado que a própria Doutrina Protestante também se valeu da censura para imprimir suas proibições; no caso, os livros de viés católico ou reformistas radicais. Assim como as Igrejas, o Estado utilizou a censura como forma de controle. A imprensa era o alvo principal da castração vinda do governo. Porém, não era totalitário entre os Estados europeus este tipo de regime. A República Holandesa e a Grã-Bretanha, por exemplo, tinham sistemas de informação relativamente abertos, enquanto outros países, como Espanha, Áustria e Rússia, eram mais fechados.

O controle da informação, contudo, era cada vez mais difícil, uma vez que existiam rotas extra-oficiais que acabavam por revelar segredos de Estado. O próprio governo, muitas vezes, burlava a regra da censura, pois trabalhava sempre na alternância entre divulgar, obviamente, leis e decretos, a fim de consolidar entre o povo suas decisões. Por outro lado, atentava em informar estritamente o necessário, para evitar questionamentos do povo acerca destas posições. O mercado de impressões e comercialização do conhecimento ganhou destaque neste cenário, com atenção especial para o papel da imprensa.

4.4 ORGANIZANDO O CONHECIMENTO: BUSCA E ARMAZENAMENTO DE INFORMAÇÕES NA INTERNET

De certa forma, a retenção do conhecimento e o armazenamento do mesmo serviram, historicamente, para o controle e o poder das instituições sobre a sociedade. Hoje em dia, a busca de qualquer que seja o conteúdo em buscadores e arquivos virtuais representa alguns aspectos singulares que têm ligação direta com a quantidade, a qualidade e a confiabilidade. As reflexões a seguir vão ao encontro destas três características na tentativa de se traçar um panorama das buscas, seleções e armazenamentos de conhecimento no ambiente *on-line*.

A primeira consideração é sobre os próprios movimentos de busca na Internet. Costa (2003) incita essa reflexão, lembrando da importância de se ter um parâmetro para que se localize determinado assunto ou dado na rede mundial de computadores:

Um dos grandes desafios atuais dos promotores da internet tem sido apresentar soluções para convencer os usuários de que estes podem encontrar o que buscam em meio ao excesso de informações [...]. Diante de uma quantidade quase sempre enorme de respostas, pode-se perder tempo precioso à cata de algum resultado que pareça mais pertinente. Por outro lado, sem o recurso desses buscadores ou de algo equivalente, seria praticamente impossível achar alguma coisa na rede, já que o internauta se veria literalmente enredado numa malha de links (COSTA, 2003, p. 36).

O excesso de informações, na verdade, deve ser tratado de forma mais complexa, do que simplesmente uma lógica representada pela seleção feita nos *sites* de busca. Eles, tendo em vista seus parâmetros próprios de indicação, servem como uma espécie de norte para chegar às informações. O processo que merece uma reflexão é sobre o excesso, ou explosão de conteúdos na Internet. Lemos (2004, p. 242) cita que “uma outra noção importante para compreendermos a cibercultura é a noção de despesa (*dépense*) e de excesso [...] Trata-se aqui do excesso de informação, tão falado, causado pela popularização global da internet”.

Ainda no processo de perceber esse excesso de informações como um aspecto inegável do ambiente da Internet, Lévy (1999) destaca que a própria ação de navegar no ambiente *on-line* sugere uma forma de captação de conhecimentos diferentes e múltiplos. Usa o termo pilhagem para se referir ao constante abastecimento deste imenso banco de dados:

A “pilhagem” na Internet pode apenas ser comparada com o vagar em uma imensa biblioteca-discoteca ilustrada, com acréscimo da facilidade de acesso, do tempo real, do caráter interativo, participativo, impertinente e lúdico. Essa midiateca é povoada, mundial e aumenta constantemente. Ela contém o equivalente a livros, discos, programas de rádio, revistas, jornais, folhetos, *curriculum vitae*, videogames [...] (LÉVY, 1999, p. 91).

Uma das explicações para esse dilúvio de informações e a necessidade do auxílio de buscar em bancos de dados algumas pistas de onde encontrar o conteúdo está na própria facilidade de se colocar uma página (*site*) no ar. Portanto, como cita Costa (2003, p. 38), este não é o problema, mas sim o de “conseguir descobrir quais seriam relevantes para os nossos interesses já que somos massacrados constantemente com informações inúteis ou irrelevantes”.

Essa consideração, por exemplo, compõe uma nova visão de como perceber esse grande volume de informações. Segundo Lévy (1999):

A emergência do ciberespaço não significa de forma alguma que “tudo” pode enfim ser acessado, mas antes que o todo está definitivamente fora do alcance. O que salvar do dilúvio? Pensar que poderíamos construir uma arca contendo o “principal” seria justamente ceder à ilusão da totalidade. (...) devemos substituir a imagem da grande arca pela de uma frota de pequenas arcas, barcas ou sampanas, uma miríade de pequenas totalidades, diferentes, abertas e provisórias, secretadas por filtragem ativa, perpetuamente reconstruídas (...). (LÉVY, 1999, p. 161).

Para estabelecer a referência que o usuário precisa para conter, ou melhor, se apropriar do conteúdo que mais lhe interessa, os buscadores assumem o papel de filtros de informações. Contudo, a sua abrangência ainda faz com que o internauta se perca por meio de *links*, documentos, referências e *sites* dos mais diversos e com as mais frívolas associações entre o que se procura e o conteúdo que publicam.

Como forma de conter, nas próprias funcionalidades de busca dos portais, esse ainda excesso de informações, além de filtros cada vez mais apurados, os agentes inteligentes compõem uma nova etapa na formatação de parâmetros que aproxime, de forma mais eficaz, o usuário de sua busca. Uma espécie de indicativo avançado, como sugere Costa (2003):

Os agentes inteligentes são, na verdade, facilitadores invisíveis, softwares que cada vez mais estarão presentes nas vidas das pessoas, desempenhando o

papel de assistente que assume as tarefas repetitivas, trazendo avisos ou sugestões sobre algo que aguardam ou de que gostam (COSTA, 2003, p. 43-44).

Ainda no contexto dessa organização das informações, os bancos de dados não só servem como espaço de armazenamento das informações, como fazem parte do trabalho de criação de composição do conhecimento, e da troca de informações. Lévy (1993, p. 108), ao estabelecer a relação das funções cognitivas do ser humano e as potencialidades da rede nesse sentido, destaca que “os processos de composição e de criação trabalham a partir de estoques: bancos de dados, bancos de ‘conhecimentos’ estruturados para a propagação de inferências, bancos de imagens e efeitos visuais [...]”. Contudo, após discorrer sobre formas físicas de armazenamento de informações, seja por disquetes ou por CD-ROM, são nos terminais inteligentes (máquinas) que o autor discorre sobre duas vertentes na sua utilização:

A vertente da *interatividade*, em primeiro lugar, conectando memórias densas fisicamente presentes ou ao estoque disponível na rede. [...] A *seleção*, por oposição à interação, constituiria a segunda vertente de utilização do terminal inteligente. O problema, aqui, é o de aproveitar a quantidade em vez de afogar-se nela. [...] Como já vimos quando falamos do papel dos sistemas especializados em hipertextos, seria possível ensinar um “módulo pessoal” do terminal a procurar, na rede, todos os tipos de documentos textuais e audiovisuais suscetíveis de nos interessarem: depois, hierarquizar, organizar, compactar e formatar os documentos em questão de acordo com as modalidades de interfaces que nos conviessem (LÉVY, 1993, p. 110-111).

Por outro lado, os portais desprendem de outras estratégias para disseminar as informações e organizá-las: são as funcionalidades restritas a determinados grupos. Se, por um lado existe, e é real, este dilúvio de informações presentes na *net*, e por sua vez, os portais que oferecem o serviço de busca servem como um primeiro filtro do que se quer acessar, por outro lado, existem as individualizações de conteúdo. As áreas restritas aos assinantes, aos usuários que precisam se “logar” fomentam práticas de controle, que muitas vezes mascaradas pela ilusão da segurança, servem de subterfúgio para que seja mensurada a participação dos usuários nas buscas. É o paradoxo presente nas plataformas de navegação: podem indicar uma variedade de documentos por meio de suas bases de dados, ou ligadas às bases de dados mais conhecidas, mas internamente, também oferecem conteúdos restritos, como uma forma de poder sobre a informação a ser acessada.

4.5 A IMPRENSA E A HISTÓRIA DO COMÉRCIO DO CONHECIMENTO

Ao mesmo tempo em que se comprova, ao longo da história, a tentativa de domínio, por parte de esferas sociais, do conhecimento, o surgimento da prensa topográfica serve para elucidar um novo tipo de comércio: o do conhecimento, tendo como seus expoentes principais as editoriais e a própria imprensa.

O ponto inicial para que se elucide essa questão passa pela propriedade intelectual. Conforme Burke explica, na Antiguidade, mais precisamente no tempo de Cícero, já se tinha a idéia do conhecimento enquanto propriedade. Na Roma Antiga, os plagiadores eram reconhecidos por aqueles que roubavam escravos. “Na Idade Média ‘compilar’ se tornou respeitável sugerindo que o sentido de propriedade intelectual se tornava menos agudo” (BURKE, 2003, p. 137). Os humanistas, no Renascimento, comumente se acusavam de roubo, sendo que os próprios defendiam a idéia de que praticavam a imitação, porém de forma mais criativa:

No que diz respeito à propriedade intelectual, o movimento hoje conhecido como “revolução científica” revela não só a ambigüidade, mas a ambivalência. De um lado, o ideal de tornar público o conhecimento para o bem geral da humanidade era levado muito a sério. De outro, é impossível ignorar a realidade das ásperas disputas sobre prioridades em descobertas que iam do telescópio ao cálculo (BURKE, 2003, p. 147).

Mas não só a propriedade intelectual fomenta a discussão em torno do comércio do conhecimento. A própria prática universitária e palestras registravam que os professores e palestrantes trocavam o saber que detinham por salários ou até mesmo cobrando ingressos do público. Mas o que disseminou, de forma alastradora, o comércio do conhecimento, foram as próprias informações comerciais.

E o impulso sobre a disseminação de informações referentes a tratados, feiras e preços de mercadorias foi dado com a impressão. Obras sobre comércio e negócios eram cada vez mais comuns e imprescindíveis para os comerciantes. Dicionários, obras literárias e, claro, periódicos especializados explodiram a disseminação de conhecimentos comerciais. Não demorou muito para que a própria prática da impressão fosse vista como um negócio atrativo.

“Uma consequência óbvia, mas significativa, da invenção da imprensa foi envolver os empreendedores de maneira mais direta no processo de difusão do conhecimento, ‘o negócio do Iluminismo’” (BURKE, 2003, p. 145).

As impressoras estimulavam a publicação dos mais diversos tipos de conhecimento. Muitos dos impressores editoriais estavam ligados aos movimentos intelectuais e, outros, trabalhavam de forma mercenária tanto para católicos quanto para protestantes. Livros e revistas muitas vezes traziam publicidades sobre outros livros e revistas vendidos pelo mesmo impressor. E na mesma velocidade em que aumentava o lucro deste comércio, mais se tendia a proteger a propriedade intelectual. Ao mesmo tempo em que se promulgam as primeiras leis de direito autoral, a pirataria de obras também crescia. Nesta realidade, surgiram também os grandes centros editoriais: Veneza, Amsterdã e Londres, respectivamente nos séculos XVI, XVII e XVIII.

Nesse contexto, jornais e revistas publicados depois do século XVI assumem o papel de gênero literário que melhor ilustra o comércio de informações:

Gazetas de notícias impressas, registradas por primeira vez na Alemanha em 1609, ganharam impulso na República Holandesa em princípios do século XVII e no século XVIII já estavam espalhadas pela maior parte da Europa. Os primeiros jornais a serem publicados em inglês e francês, em 1620, eram impressos em Amsterdã [...]. O novo gênero foi um sucesso imediato [...]. A partir da década de 1660, um jornal semanal em francês, a *Gazette d'Amsterdam*, oferecia a seus leitores não só informações sobre assuntos europeus mas também críticas abertas à Igreja Católica e à política do governo francês (BURKE, 2003, p. 152).

Além desses assuntos, era comum que, periodicamente, revistas cultas especializadas publicassem os conhecimentos dos tipos acadêmicos. Estas revistas podiam ser uma boa fonte de lucro, exemplo confirmado pelo pirateamento, em Amsterdã, de um importante jornal deste tipo lançado na França, o *Journal des Savants*.

Entre outras considerações acerca da comercialização do conhecimento por parte dos periódicos é, sem dúvida, a credibilidade, assunto já discutido naquela época. Na verdade, esta dúvida sobre a realidade dos fatos já havia sido despertada na análise de relatos de viagens que colocavam em dúvida se o descrito era fruto de alguma experiência verídica ou de uma reprodução de algo já divulgado. Os impressos passaram pela mesma dúvida:

Os panfletos, e acima de tudo os jornais tinham o mesmo efeito. No século XVI, panfletos rivais, por exemplo, os milhares de panfletos publicados durante a reforma alemã ou a revolta holandesa contra a Espanha, demoliam mutuamente os argumentos adversários diante do público. Para usar uma expressão cara ao período, cada lado “desmascarava” as mentiras e os verdadeiros motivos do outro, encorajando, assim, o leitor a suspeitar de ambos os argumentos [...] (BURKE, 2003, p. 180).

4.6 O GIRO DA ECONOMIA NOS PORTAIS

Da mesma forma como algumas relações de socialização, interatividade, buscas e armazenamento de informações foram suscitadas com as práticas sociais da Internet, o próprio comércio e a economia também sofreram impactos com as novas tecnologias. Voltou-se para este ambiente, alavancando uma demanda de ofertas de produtos e serviços. Com o advento desta forma de negociação amparada pelo computador, compõe-se algumas reflexões. Como sugere Diniz (1999):

Na prática, a Internet criou uma revolução nos meios de comunicação global; está alterando dramaticamente as possibilidades de se transacionar comercialmente em todo o mundo. A Web está cada dia se consolidando como o canal mais eficiente de interligação entre empresas e consumidores, sejam eles indivíduos ou outras organizações. As possibilidades de se acrescentar valor com a utilização da Internet existem e estão sendo exploradas por empresas pioneiras. O comércio eletrônico já existe na prática e está em expansão [...] (DINIZ, 1999, p. 13).

Não só do comércio eletrônico advindo de *sites* especializados em vendas, mas o próprio comércio sugerido pela publicidade nos portais. Nesta linha da expansão dos negócios pela internet, Cardoso (2001), no artigo *Cadeias cooperativas nos negócios eletrônicos* diz que:

O comércio eletrônico é apenas a parte mais visível de um processo mais amplo de posicionamento estratégico das empresas no novo mercado criado pela internet, processo esse que chamamos aqui de negócios eletrônicos. Os diversos ciclos de investimentos em informática evoluíram muito desde os primeiros sistemas centralizados e altamente codificados para transformarem-se nos atuais sistemas distribuídos, instalados sobre plataformas de processamento cooperativo em rede (CARDOSO, 2001, p. 39).

Além do processo cooperativo, esse comércio eletrônico advém ainda de lógicas de mercado muito comuns: inovação e acesso. Aliás, é no que se refere ao acesso às informações que Castells desdobra uma análise sobre as negociações no ambiente *on-line*. Segundo o autor, esta não é uma economia *on-line*, mas uma economia intermediada pelo computador e que carece de uma inter-relação com aspectos criativos e de acessibilidade:

E o processo de inovação é também transformado na economia eletrônica, já que os usos da internet desempenham papel fundamental no modo como ela é alcançada. Numa economia eletrônica baseada no conhecimento, na informação e em fatores intangíveis (como imagem e conexões), a inovação é a função primordial. A inovação depende de geração de conhecimento facilitada por livre acesso à informação. E a informação está *on-line* (CASTELLS, 2003, p. 85)

Ainda nesse pensamento da criatividade e inovação, Lévy (2004) cunha o termo *cibermarketing* para construir o argumento da atenção como sendo o imprescindível para as negociações virtuais. Uma vez que todos os locais de socialização estão a um clique de distância, a publicidade passa pela facilidade em chegar aos públicos, porém sofre de uma concorrência muito mais acirrada. E dá uma dica sobre a importância de “atrair, canalizar, estabilizar a atenção” (LÉVY, 2004, p. 179) por meio da prestação de serviços, orientações:

O objetivo é sempre engendrar o tráfico: indexar e se indexar, trocar *hiperlinks*, prestar o melhor serviço para ter o máximo de conexões, ser um centro, ao menos um pequeno centro, um nó da imensa rede policentrada da consciência coletiva. No meio ubíquo da *Web*, disputam-se as batalhas comerciais de sempre para estar nos centros das redes *semânticas* [...] (LÉVY, 2004, p. 178).

Em meio a essa constatação, fica evidente que, ao se buscar argumentar uma nova publicidade que inove e prenda a atenção, se está concordando que os potenciais comerciais na internet são evidentes. A cada dia os números de usuários da rede crescem e se percebe a internet como este novo ambiente de transações comerciais. E de cada transação, muitas outras relações se estabelecem, muitas outras redes se formam:

Materializadas por fluxos de visitas nas taxas da *Web* e taxas de participação nas comunidades virtuais, a atenção coletiva sobe, desce, desloca-se, divide-se em milhões de canais e correntes largamente distribuídas no espaço virtual de significações de uma humanidade em via de unificação. [...] Esse movimento desenha a imagem virtual, labiríntica, hipertextual, multidimensional e viva do que queremos, do que procuramos coletivamente. O espaço da atenção coletiva se abre cada dia mais à

extraordinária diversidade do que pode interessar à humanidade (LÉVY, 2004, p. 179-180).

Percebe-se, contudo, que antigamente a alavanca propulsora do comércio do conhecimento era por meio de práticas da imprensa. Hoje, porém, com todas as transformações comerciais sofridas ao longo dos anos, a estrutura comercial dos bens e serviços está ligada à publicidade, à inovação e à proximidade destes produtos com o mercado consumidor.

4.7 PORTAIS: UMA OBSERVAÇÃO DAS FUNCIONALIDADES DE SOCIALIZAÇÃO, INTERAÇÃO, BUSCA, ARMAZENAMENTO E COMÉRCIO DO CONHECIMENTO

Objetivamente, a tentativa é de identificar nos portais, algumas funcionalidades, tendo por base as características destes fenômenos tratados anteriormente. Partindo da história que esclarece a questão da aproximação e interesse social como propulsores destas práticas do conhecimento, no ambiente *on-line*, percebe-se que existem funcionalidades específicas que sugerem este mesmo movimento de comunhão social.

O primeiro a ser tratado é o próprio *chat*, ou salas de bate-papos. Estas práticas foram muito apreciadas no início da internet e acabaram por se configurar como um movimento adolescente na tentativa de se comunicar com pessoas em função de interesses em comum e sem respeitar cartografias. Os chats ou IRC (*Internet Relay Chat*) permitem o diálogo direto entre usuários. Há um desdobramento desta técnica com os programas de conversação como MSN e *Yahoo Messenger*. O que os diferencia dos *chat* é que os participantes dos grupos de contatos são previamente aceitos pelo dono da conta do programa, tendo ele o poder de bloquear ou deletar estes contatos quando não lhe interessam mais.

Nos *chats* e programas de conversação, existe, hoje, a possibilidade multimídia de se estabelecer conversas via voz, câmeras, fotos, grupos de discussão, conferências, entre outros. Esta funcionalidade, junto com o Skype, por exemplo, que é outro programa de conversação, traduzem a amplitude de possibilidades de trocas entre pessoas de qualquer parte.

Outra funcionalidade presente em portais e que facilita a socialização, e, em virtude disto, promove o conhecimento produzido por pares, é o simples *e-mail*. É um dos serviços mais usados na Internet e configura-se pela troca de correspondência de forma tão instantânea quanto as trocas de *chats* ou mesmo ao vivo. Em aditivo ao *e-mail* está a possibilidade de anexar arquivos das mais diversas extensões para compor de forma mais completa a troca de informações.

Nesse sentido de participação e troca, os *blogs* e todos os seus derivados (*fotologs*, *videologs*) surgem como uma nova febre da troca de informações, compartilhamento de conhecimento e fomento de comunidades virtuais. Na figura de um autor, aquele que “posta” o *blog* permite que trocas pessoais, reflexões íntimas, considerações e olhares particulares sejam tratados em um ambiente público, e mais: permite o *feedback* por meio dos participantes que podem comentar, discutir entre eles, sugerir novos olhares sobre o tema e suscitar novos assuntos. Os *blogs* partem de um desdobramento das *Homepages* pessoais, e ganham este tom de confiança, de estética do pessoal e do íntimo. E vem fascinando, possivelmente, por este tom jocoso e próximo dos usuários e frequentadores.

Enquetes, murais, fórum de discussão, espaços de relacionamento, enfim, tantas outras funcionalidades somam-se a estas na tentativa de promover a socialização interativa na internet. Para fins de pesquisa, levamos em conta os três principais aparatos tratados acima: listas de discussão, salas de bate-papo, *e-mail* e *blogs* com seus derivados.

Quanto à organização do conhecimento, os próprios serviços de busca serão levados em conta nesta pesquisa, uma vez que a funcionalidade é uma das características dos portais. Perceber o fornecimento do mesmo sugere que, além de se configurar como um portal, serve como referência de pesquisa para seus usuários. Por sua vez, cabe salientar a importância de se ter acesso a um banco de dados geral ou restrito ao conteúdo interno do portal.

Nesse sentido, o armazenamento entra no rol de observação, por permitir que o usuário tenha acesso aos conteúdos mais antigos, publicados ou referenciados no portal, uma vez que esta possibilidade contempla os internautas com a contextualização de conteúdos. Novamente, perceber a existência desta funcionalidade de armazenamento conduz, além desta interpretação, a uma co-relação com o aspecto levantado por Lévy, citado anteriormente, de

que são os bancos de dados, os “bancos de conhecimento”, os maiores fomentadores de práticas criativas.

Por fim, o uso da particularidade dos conteúdos restritos serve para que se tenha um panorama da exclusão e do controle que determinados *sites* podem fazer. Sem entrar especificamente no mérito comercial, busca-se perceber se a prática de indexar determinados conteúdos a usuários que preencham requisitos prévios dos portais nos aproximará de uma visão de restrição.

Quanto ao comércio do conhecimento eletrônico, as possibilidades de observação são inúmeras. Entre elas, a principal é a própria publicidade dos portais. Busca-se identificar expressões publicitárias que sugiram a compra de determinado bem ou serviço. Neste aspecto, entra também a essência destes produtos, se estão ligados diretamente ao conteúdo do portal ou se fazem parte de um grande balcão de ofertas.

Além de sugerir por meio da publicidade, verificar-se-á se os mesmos disponibilizam espaços para que as transações sejam efetuadas ou se apenas indicam o caminho, por meio de *links*, para que os usuários possam concluir as suas compras. Não obstante, a descrição de produtos e as impressões de outros usuários que já o adquiriram são de extrema valia para que se perceba a verdadeira troca comercial de conhecimento a fim de se promover a venda de determinado bem.

5 OS QUATRO PORTAIS: UM OLHAR GENERALISTA

Na primeira parte deste capítulo, os quatro portais escolhidos para análise serão apresentados, levando em consideração as impressões gerais em suas páginas de abertura e nos destaques apresentados⁵. Depois, serão percorridos os menus principais, apontando os assuntos mais comuns entre eles. Assim, pretende-se apresentar a estrutura básica e inicial dos mesmos. Logo a seguir, o olhar se fará pelas funcionalidades formadoras destes portais, dentro das considerações apresentadas no final do capítulo anterior, e, juntamente a isso, será feita a análise dos mesmos, dentro das categorias já apresentadas anteriormente.

5.1 www.portal.ufba.br – A REPRESENTAÇÃO DA ACADEMIA NA INTERNET

O portal da Universidade Federal da Bahia está vinculado à página do Ministério da Educação, referência explícita à condição pública federal que compete à instituição. Apontado entre os cinco primeiros portais mais visitados pelo público geral pelos buscadores, o portal pode ser considerado, à primeira vista, simples e direto.

⁵ Os portais foram analisados, formalmente, na semana entre 20 e 24 de outubro de 2008.

Figura 1: Portal da UFBA

Fonte: UFBA. Disponível em: <<http://www.portal.ufba.br>>.

Contemplando o que se vê como tendência na maioria das páginas da internet, dispõe de um menu de acesso principal na lateral esquerda, um cabeçalho animado com *links*, espaço central destinado às notícias acadêmicas e um rol de destaques no lado direito. Nesta página inicial, o uso de recursos multimídia é, também, o mais básico de todos: fotos, textos e animação (apenas na parte superior do cabeçalho).

Sem que se atente, neste momento, às funcionalidades e aos menus, o percurso dos destaques já pode mostrar uma tendência, que mais adiante tentar-se-á comprovar: trata-se de um portal de informações acadêmicas e formais, sem espaço para o conhecimento cotidiano.

O primeiro item de destaque é o da Universidade Nova, um plano diretor de desenvolvimento físico e ambiental da instituição. Ao acionar esse *link*, o visitante abre, automaticamente, um documento fechado com diretrizes e estratégias calcadas neste plano diretor. Logo abaixo, no segundo item, o mesmo se repete com resoluções de implantação do Reuni, portarias federais de competências à universidade.

As possibilidades de movimento do usuário dentro dos destaques do portal são feitas por meio de *links* como Educação à distância, Olimpíada Ibero-Americana de Matemática, Avaliação da Biblioteca Universitária Brasileira, Programa Água Pura, Biblioteca Virtual Anísio Teixeira. Todos os outros *links* servem para direcionar a documentos destaques, sua maioria em pdf, com conteúdos institucionais e legais referentes à universidade.

5.2 www.igrejaadventista.org.br – A IGREJA NA WEB

O portal da Igreja Adventista do Sétimo Dia é de abrangência Sul-americana. Apontado pelos buscadores como o mais acessado, na abertura já apresenta uma certa interação com o internauta, ao fazê-lo optar por acessar o portal em português ou em espanhol. Os ícones de opção são animados e ao clicar abre a página da abertura do mesmo.

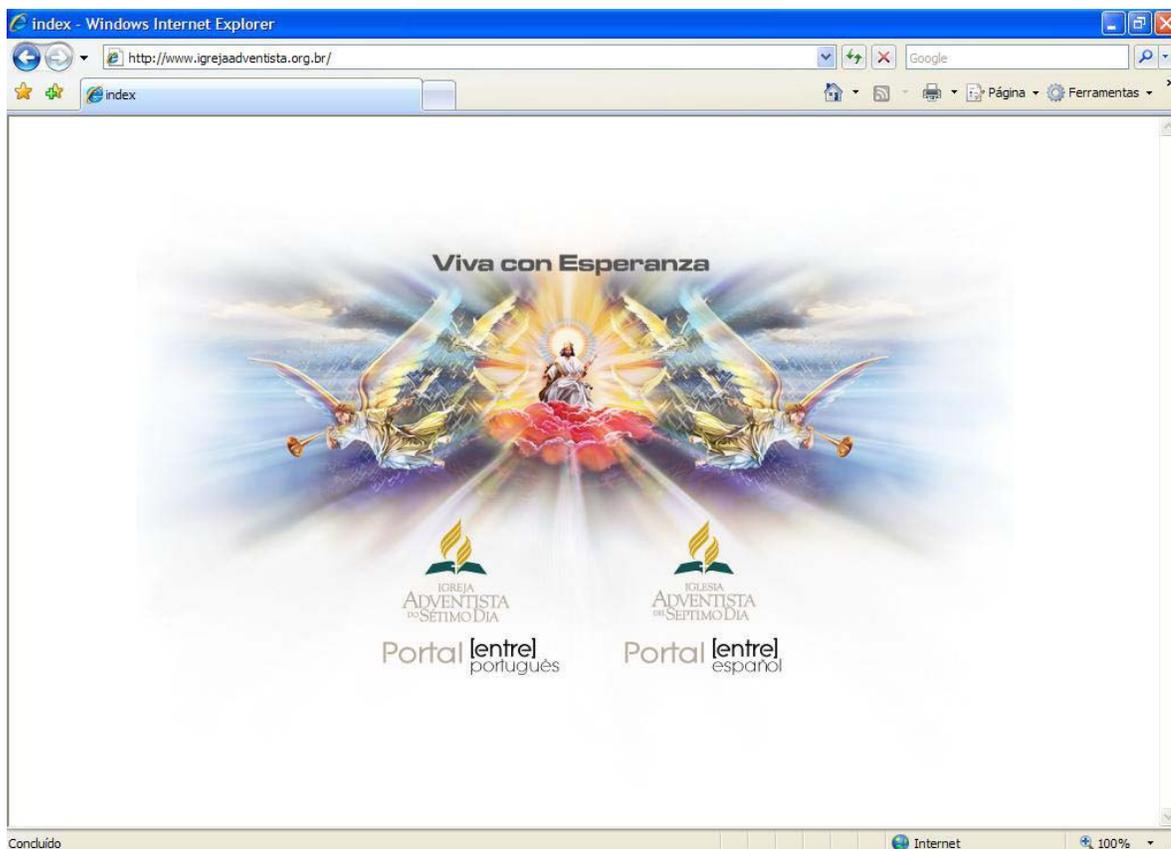


Figura 2: Abertura do Portal da Igreja Adventista do Sétimo Dia
 Fonte: Igreja Adventista. Disponível em: <<http://www.igrejaadventista.org.br>>.

A abertura do portal segue-se o padrão de cabeçalho ilustrativo, menus à esquerda e destaques ao centro. Mas o que diferencia os destaques em relação aos vistos no portal universitário é a variedade de opções que são ofertadas aos usuários. O uso de linguagem radiofônica e televisiva é um deles. O acesso *on-line* à rádio e TV da Igreja Adventista é complementado com uma agência de notícias própria, opções para outros *sites* de estudos bíblicos, além de ícones com sessões de conversa direta com os internautas.

Com a essência de assuntos cristãos, o portal disponibiliza serviços variados como: gastronomia, comunicação (*logos* e *banners* institucionais) e fotos de eventos. Prima, também, pela regionalização de seus ministérios, com *links* diretos para as páginas de sedes das igrejas em regiões diferentes da América do Sul.

Portal da Igreja Adventista do Sétimo Dia - Inicio - Windows Internet Explorer

http://www.portaladventista.org/site/

Portal da Igreja Adventista do Sétimo Dia - Inicio

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

viva com esperança

Português  

Portal Oficial da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Menu

- Início
- Quem Somos
- Estude a Bíblia
- ASN - Notícias
- Pedido de oração
- Localize uma Igreja
- Assista o Novo Tempo
- Lições da Bíblia
- Procurar
- Fale Conosco
- WebMail
- Logos Adventistas
- Links
- Portal da Bíblia
- Rôr-do-Sol
- Metrão de Natal
- Culinária
- HC

Ministérios

- Ministérios da Mulher
- Ministério Pessoal
- Ministério Jovem
- Desbravadores
- Aventureiros
- Educação Adventista
- Ministérios da Criança
- Voluntários
- Mordomia Cristã
- Publicações
- Comunicação
- ADRA
- AFAM
- Liberdade Religiosa
- Metrão de Natal
- Missão Global
- Quebrando o Silêncio
- Pequenos Grupos
- Ministérios da Família

Instituições

- Hospitais/Clinicas
- Ind. de Alimentos
- Escolas
- Universidades
- Centros de Recreação
- Editoras
- Centro de Pesquisa EGW
- TV e Rádio Adventista

Início

Confiemos no poder da oração intercessória

Envie seu pedido de oração. Desejamos orar por você.

NOSSO NOVO NÚMERO DE TELEFONE - 61 3701 1818

ASN - Agência Sul-Americana de Notícias  Vídeos 

Últimas Notícias (21/10/2008)  Aqui Rádio e TV Novo Tempo 

ASN Agência Sul-Americana de Notícias

Seja bem-vindo ao único canal de comunicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Uma rede institucional. Uma rede de pessoas esperançosas. Uma rede de notícias da Palavra. Sua fonte de graça local. Seu recado pessoal.

SUA NOTÍCIA Impacto Esperança SEU RECADO Impacto Esperança

Rádio NT

NOVO TEMPO CANAL DA ESPERANÇA

TV NT

- Igreja no Amazonas lança "Eu conheço a Minha história"
- Gaúchos participam de feira do livro cristão em Porto Alegre
- Família paraense encontra esperança pela internet
- UNASP oferece curso intensivo de inglês nas férias

[Veja ASN]

Evangelismo Integrado - Entre no ritmo!

Comunicação — América do Sul

Aqui você acompanha os principais eventos da igreja na América do Sul. [Veja mais]

Esperança.com.br Mensagens - Cursos - Vídeos Princípios

Portal da Bíblia

Destques das Sedes Regionais da Igreja Adventista

Região Sudeste [União Central Brasileira]

Mestres nas mãos dos mestres - 29 a 31 de julho. Um vento muito especial. [Veja mais]

Região Centro-Oeste [União Centro-Oeste Bras.]

Família por Famílias... Projeto que visa tornar a família o centro das Ações e do Evangelismo na Igreja. [Veja mais]

Região Este [União Este Brasileira]

Notícias e divulgações sobre o projeto Impacto Esperança. [Veja mais]

The screenshot displays the website's interface with a left sidebar and a main content area. The sidebar includes navigation for 'Unibrás', 'Profissionais de Saúde', 'Sedes Regionais' (with buttons for Sul, Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Este, Central, and Países), a 'Login' form with fields for 'Nome de Usuário' and 'Senha', and a 'Lembrar de mim' checkbox. Below the login form are RSS feeds for 0.91, 1.0, 2.0, and Atom 0.3, along with a 'SHARE IT!' button.

The main content area features three regional news cards: 'Região Norte [União Norte Brasileira]' with a photo of flags and text 'Conheça o Hospital Adventista de Manaus'; 'Região Nordeste [União Nordeste Brasileira]' with a photo of a field and text 'Instituto de Crescimento de Igreja'; and 'Região Sul [União Sul Brasileira]' with a photo of a musical performance and text 'Um musical de Jader Santos'. Below these is a banner for 'Site - "Quebrando o Silêncio" - uma campanha mundial da igreja' with a photo of a couple. A red banner for 'NOVO TEMPO TV NOVO TEMPO EM SUA CASA! SKY - CANAL 141' is also present.

The bottom section is titled 'Atualizações, Destaques, Serviços e Variedades - Fique de Olho' and contains three columns of content: 'Destaques' with 'Missão Global' and 'Revista AFAM'; 'Variedades' with 'Site da Família', 'Adventist World', and 'Receitas'; and 'Estude a Bíblia' with 'Ouvindo a Voz de Deus' and 'Princípios'. The footer shows the URL 'http://www.adventistas.org.br/culinaria/' and a search bar.

Figura 3: Portal da Igreja Adventista do Sétimo Dia
 Fonte: Igreja Adventista. Disponível em: <<http://www.igrejaadventista.org.br>>.

5.3 www.e.gov.br – O PORTAL DE SERVIÇOS E INFORMAÇÕES DO GOVERNO

Estruturado pelo Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, o portal de serviços e informações do governo tem por objetivo principal ofertar aos cidadãos

informações práticas a respeito de diversas situações do dia-a-dia. Concebido de forma simples, o portal não apresenta grandes atrativos visuais e limita-se ao uso de recursos como *links* para páginas com mais informações referentes ao serviço que se quer prestar.

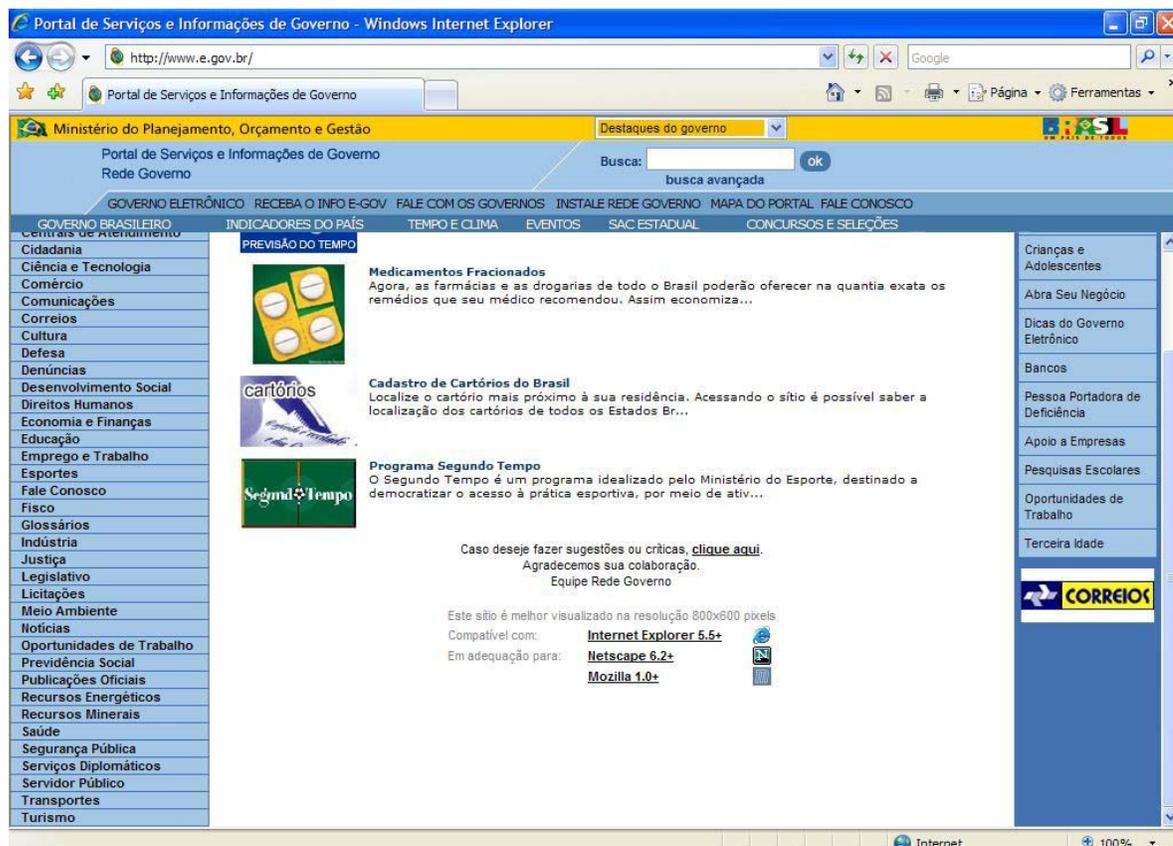


Figura 4: Portal de Serviços e Informações do Governo
Fonte: E.GOV. Disponível em: <<http://www.e.gov.br>>.

Um dos graves problemas do portal é exatamente a poluição de *links*, divididos em duas barras superiores, lateral esquerda, lateral direita e no centro da página. Apesar de serem tratados como destaques, os *links* centrais dispõem de pouca atração ao usuário, mesmo sendo o único espaço em que o portal apresenta uma linguagem diferente da escrita: as ilustrações.

Outra característica de abertura do portal é essa: o uso limitado de recursos hipertextuais. A linguagem padrão é a escrita, com poucas ou quase nulas inserções de imagens, apenas com ícones ilustrativos. Além disto, muitos desses *links* não funcionam, emperrando a navegação e frustrando expectativas de usuários no que tange ao recebimento de informações sobre determinado serviço.

5.4 www.g1.globo.com – PORTAL DE NOTÍCIAS NA INTERNET

Sendo um portal de notícias na internet, o G1 apresenta características similares e contrárias àquelas apresentadas pelos outros analisados a partir das páginas de abertura. São semelhantes quanto à disposição de assuntos: cabeçalho, informações em destaque ao centro, menu de assuntos à esquerda e alguns outros serviços no topo e à direita da página.

Dos quatro portais, é o que mais dispõe de uma linguagem hipertextual e aposta na convergência de linguagens, usando animações, textos, fotos, vídeos, infográficos, entre outros.

Oferece, ainda, uma profusão de serviços e de opções de negócios por meio de *links* de lojas, shoppings, entre outros. Vinculado às Organizações Globo, o G1 faz referência direta a outros produtos da emissora, criando um espaço de divulgação da própria empresa. Sendo um portal de notícias, a obviedade está no destaque à informação; mas, assim como nos outros sites, o olhar sobre os menus revela os assuntos e opções de navegação nos mesmos.

G1 - O Portal de Notícias da Globo - Windows Internet Explorer

http://g1.globo.com/

globo.com notícias esportes entretenimento vídeos

central globo.com assine a globo.com todos os sites

buscar no g1 ok

G1

Governo dá aval para Caixa adquirir ações de construtoras

Medida visa manter setor de construção aquecido, diz Mantega.

- GOVERNO AUTORIZA BB E CAIXA A COMPRAR BANCOS
- "Não tem banco quebrando", diz Mantega
- Bovespa opera em queda superior a 5%

Mantega e Meirelles anunciam novas medidas contra crise

/ plantão

QUA, 22/10/2008

12h05 | economia e negócios
Amorim diz que receita para superar a crise está na integração regional

12h03 | economia e negócios
'Não tem banco quebrando', diz Mantega

11h59 | música
Guns N' Roses lança primeira faixa de novo álbum nesta quarta

» todas as notícias

oferecimento

editorias

Primeira Dáquina
Infográficos
Fotos
Vídeos
Todas as notícias

G1 especiais

Amazônia
Eleições Brasil
Eleições EUA
Guia de carreiras
Mais especiais

serviços

Guia Cultural RJ
Guia Cultural SP
Dicionário on-line
Downloads
Alerta de Notícias
Indicadores financeiros
G1 no seu celular
G1 no seu site
Newsletter
RSS
Guia de ruas
Rotas
Trânsito

BALEADA

Advogado de Nayara quer indenização de R\$ 2 milhões

- Acaba cirurgia e Nayara deve receber alta hoje
- Receptor do coração de Eloá manda recado
- Veja vídeos, fotos e infográficos sobre o caso

Miss presidio
Concurso tem dança do ventre e dança da fita

15 anos
Veja o que pega mal na festa de debutante

fotos, vídeos 1 2 3 4

SEGURANÇA
TSE autoriza envio de tropas para quatro cidades para eleições

Leia mais notícias de Eleições

pop & arte

TIM FESTIVAL
Palco de jazz reúne 3 gerações de cantoras

MOSTRA DE SP
Falar de morte no cinema é tabu, diz Winders

amazônia

EM PACIENTES DE SP
Pela 1ª vez, brasileiros testam planta nativa no combate ao câncer

MP VÊ IRREGULARIDADES
'Maior ponte de madeira do mundo' é alvo de processo no do mundo/Pará processo no Pará

Leia mais notícias de Eleições

1962 vídeo
Mundo assiste à crise dos mísseis em Cuba
Paulo Francis comentou o caso para o Jornal da Globo, de 1992, com imagens históricas.

g1.com.br/videos

/blogs e colunas

Depto. Saúde
Deus não é igual ao

POLÊMICA **MUSEU DE NY**

Ateus fazem propaganda em ônibus londrino **Pernoite no Guggenheim custa R\$ 1.780**

SANDERO STEPWAY. UM NOVO MOVIMENTO URBANO. CLIQUE E DESCUBRA. publicidade

12 E 15 ANOS
Menores são suspeitos de seqüestro no PR
Vítima seria outro garoto, de 11 anos, libertado pela polícia

'AGRESSÕES HUMILHANTES'
Austriaco foi maltratado pela mãe, diz psiquiatra

The image shows the G1 news portal homepage. On the left, there is a navigation menu with categories like 'Rotas', 'Trânsito', 'Fale Conosco', 'tv globo', 'Jornal Nacional', 'Jornal da Globo', 'Jornal Hoje', 'Bom Dia Brasil', 'globo news', and 'Em Cima da Hora'. The main content area is divided into several sections. At the top, there are news articles with images and headlines, such as 'Austriaco foi maltratado pela mãe, diz psiquiatra' and 'Acumulada, Mega-Sena sorteia R\$ 11 milhões hoje'. Below these, there are more articles with images, including 'Rua de lanchonete que desabou é liberada' and 'A ALEMANHIA Melhores amigos, cachorro e cavalo brincam de pega-pega'. There are also featured sections like 'planeta bizarro' and 'tempo na sua região'. At the bottom, there are promotional boxes for 'G1 mapas', 'G1 newsletter', and 'previsão do tempo'. The footer contains the 'globo.com' logo and a search bar.

Figura 5: Portal de Notícias do G1

Fonte: G1.Globo. Disponível em: <<http://www.g1.globo.com>>.

5.5 O UNIVERSO CONTROLADO DO PORTAL ACADÊMICO

O Portal da Universidade Federal da Bahia é o primeiro dos portais a ser analisado, com o olhar nas funcionalidades formadoras, voltado às categorizações do conhecimento pós-moderno e os acordos traçados no primeiro e segundo capítulos deste trabalho. Assim como nos outros portais, é por meio do menu e dos destaques na página de abertura que se dará a análise pretendida.

Como dito anteriormente, a Universidade, por meio do seu portal, deixa, à primeira vista, a idéia de que não se tem muito espaço voltado para a participação do público na produção de conhecimento. Valendo-se disto, parte-se em busca de uma certeza em relação à primeira observação. O menu inicial apresenta mais de uma dezena de assuntos para os usuários optarem. Vai desde *links* comuns e institucionais, passando por referências legais, descrição de cursos, informações sobre concursos, entre outros.



Figura 6: Visão do menu do Portal da UFBA
 Fonte: UFBA. Disponível em: <<http://www.portal.ufba.br>>.

Dentro desse universo de menus, alguns chamam a atenção pelo conteúdo estancado; porém, outros revelam algumas surpresas que contradizem esta observação inicial. Primeiro, configura-se por um portal, por oferecer serviços aos usuários e principalmente ao público direto da Universidade: alunos e servidores. Entre eles, lista de telefones, endereços e localização.

Alguns ícones desse menu revelam potencialidades participativas de usuários na produção do conhecimento. O primeiro deles é o ícone Internet. Nele o usuário é remetido a uma página interna do portal onde encontra, entre outras coisas, a possibilidade de participar de listas de discussões sobre determinados assuntos.

Portal CPD UFBA - Listas de Discussão - Windows Internet Explorer

http://www.cpd.ufba.br/atende/listas_discussao

Portal CPD UFBA - Listas de Discussão

Busca: OK

Centro de Processamento de Dados

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

POP-BA INTRANET

Quem somos
Atendimento
Rede UFBA
Sistemas
Projetos
Parcerias
Fale conosco

Home Page >> Atendimento >> Listas de Discussão

Listas de Discussão

Venha e participe das listas de discussão.

Relação das listas - Inscrição, cancelamento e configurações relacionadas a sua participação na lista.

Administração - Caso seja moderador de alguma lista, utilize essa opção para acessá-la.

Formulário - Solicitação de abertura de nova lista de discussão.

Atenção:

1. As mensagens enviadas para a lista devem estar de acordo com os objetivos da mesma. Mensagens cujo conteúdo não esteja de acordo com estes objetivos não serão liberadas pelo moderador da lista e serão automaticamente descartadas.
2. É proibido enviar mensagens para a lista contendo arquivos anexos ou atachados. Quando você tiver necessidade, recorte o conteúdo do anexo e cole no corpo da mensagem a ser enviada. Mensagens com arquivos anexos não serão liberadas pelo moderador da lista e serão automaticamente descartadas.
3. As mensagens pessoais devem ser encaminhadas diretamente ao destinatário, evite encaminhar as mesmas à lista.
4. Para fazer sua inscrição ou cancelamento em uma lista de discussão não envie mensagem para a lista, utilize a opção que se encontra a partir da relação das listas no endereço www.listas.ufba.br ou encaminhe e-mail para admlist@ufba.br.
5. Não serão permitidas obscenidades nas mensagens, nem pirataria ou qualquer outro tema similar.
6. Se você desejar responder a uma mensagem enviada por uma lista institucional, procure enviar a mesma para quem postou a mensagem e não para a lista.
7. A responsabilidade de Administração / Moderação de uma lista de discussão é do administrador da mesma de acordo com as informações fornecidas no formulário de Solicitação de Abertura de Lista de Discussão.
8. Qualquer crítica à lista encaminhe e-mail diretamente para a conta admlist@ufba.br.

Figura 7: Lista de discussão do Portal da UFBA

Fonte: UFBA. Disponível em: <http://www.cpd.ufba.br/atende/listas_discussao>.

Ao dispor dessa funcionalidade, a Universidade, por meio do portal, abre espaço para manifestações de usuários em assuntos pré-determinados pelos administradores das listas. Todavia, a possibilidade de acompanhamento das discussões e, mais ainda, da participação, é feita por meio de cadastro específico de *e-mail* da universidade. Se, por um lado, o portal fomenta a participação de usuários nas listas de discussão, inibe, de todo o modo, a difusão desta informação para o público em geral.

Adm219-1 -- Lista de discussão de temas da disciplina Tecnologia da Informação

Sobre Adm219-1

Ver esta página em Portugues (Brasil)

Para ver a coleção de postagens anteriores a lista, visite os arquivos da [Adm219-1](#). (OO arquivo atual somente está disponível para a lista de membros.)

Usando Adm219-1

Para postar uma mensagem a todos os membros da lista, envie um email para adm219-1@listas.ufba.br.

Você poderá se inscrever na lista ou modificar sua inscrição existente, nas seções abaixo.

Inscrevendo-se na Adm219-1

Inscreva-se na lista Adm219-1 preenchendo o seguinte formulário.

Será lha enviada uma requisição de confirmação para prevenir que outros o inscrevam sem sua permissão. Uma vez que a confirmação for recebida, sua requisição será posta para aprovação pelo moderador da lista. Você será notificado da decisão do moderador por email. Esta é também uma lista oculta, que significa que a lista de membros está somente disponível para o administrador da lista.

Seu endereço de email:

Seu nome (opcional):

Você poderá entrar com uma senha privativa abaixo. Isto oferece somente uma segurança média, mas deve prevenir outras pessoas de obter sua inscrição. Não utilize uma senha válida pois ela provavelmente será lhe encaminhada de volta em formato texto plano.

Caso tenha escolhido não entrar com uma senha, uma senha será gerada automaticamente para você, e lhe será enviada assim que confirmar sua inscrição. Você pode sempre requisitar um reenvio de sua senha quando editar suas opções pessoais.

Selecione uma senha:

Figura 8: Cadastro para a lista de discussão

Fonte: UFBA. Disponível em: <<http://www.listas.ufba.br/mailman/listinfo/adm2194>>.

Ainda sobre a difusão de conhecimento, no item Sistemas o usuário tem acesso à produção docente. Por sua vez, novamente o acesso às informações é obtido por meio do cadastro de *e-mail*, CPF e senha. Mesmo tratando-se de um espaço onde o conhecimento formal e acadêmico é produzido, a obrigatoriedade de fornecer o *webmail* para acessar o conteúdo, configura, novamente, esta tentativa da Universidade de, por meio desta funcionalidade, inibir a plena difusão e controlar o acesso a estas informações.



Figura 9: Sistemas da UFBA

Fonte: UFBA. Disponível em: <<http://www.portal.ufba.br/sistemas>>.

No portal da UFBA, além dessa particularidade de oferecer espaço de participação, mas ainda assim, inibi-lo à sociedade em geral, uma funcionalidade de busca é destaque no topo da página. Neste ambiente, o usuário tem acesso a conteúdos de seu interesse armazenados de forma cronológica dentro deste universo de assuntos e notícias tratados no portal. Vale ressaltar que, como forma de apresentação do portal, as notícias ocupam lugar de destaque na abertura do portal.

De forma muito discreta, a Universidade disponibiliza, também, um *sublink* dentro do ícone de serviços que remete o usuário à página da editora da instituição. Neste espaço, são apresentados os catálogos de obras publicadas e existe a possibilidade de contato para executar a compra. Todos têm acesso aos conteúdos dos catálogos; porém, a funcionalidade que possibilita a transação comercial não funciona efetivamente, sendo muito pesada e demorando muito para carregar.

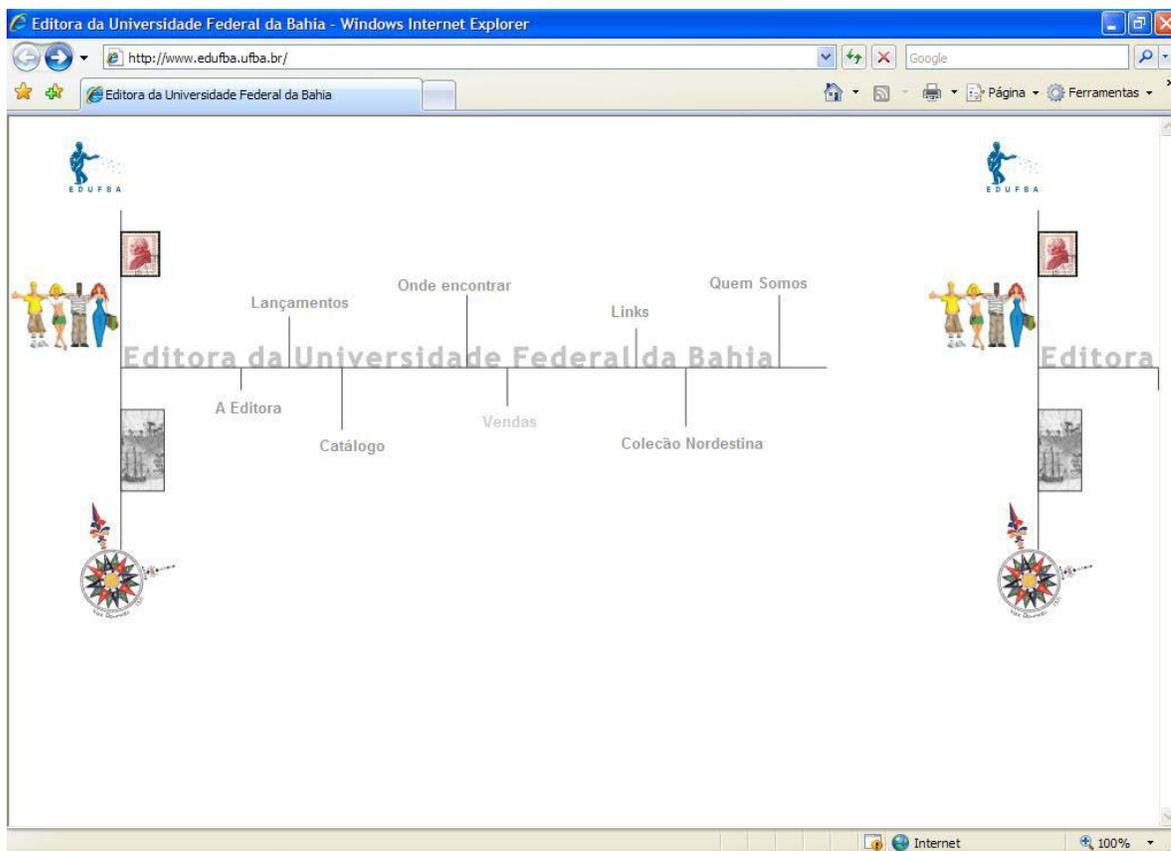


Figura 10: Editora da UFBA

Fonte: Editora da UFBA. Disponível em: <<http://www.edufba.ufba.br>>.

5.6 CONHECIMENTO POR TODOS OS LADOS: A IGREJA E O ESTÍMULO À PARTICIPAÇÃO

A Igreja Adventista do Sétimo Dia, ao representar o portal ligado a uma instituição religiosa, é, sem dúvida, um dos mais completos ambientes de serviços e produtos encontrados nesta busca de funcionalidades formadoras dos portais. Desde o menu inicial, o portal apresenta aos usuários, claras demonstrações de compromisso com a participação do usuário.

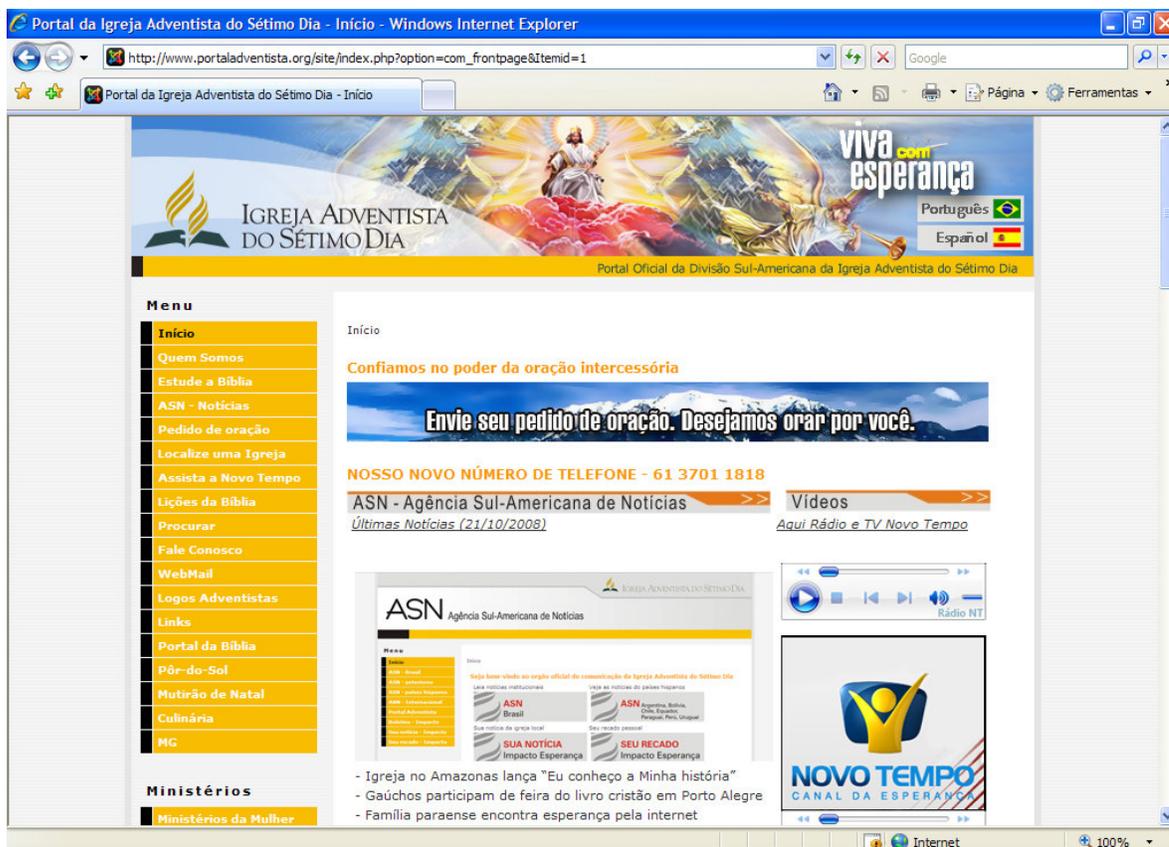


Figura 11: Visão do menu do Portal da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Fonte: Igreja Adventista. Disponível em: http://www.portaladventista.org/site/index.php?option=com_frontpage&Itemid=1.

Ao se navegar no portal, vários exemplos de organização de conteúdos podem ser apontadas. O primeiro *link* do menu, intitulado Quem Somos, remete aquele que se interessa pelo informação institucional, a uma lista de subdivisões referentes à igreja. Nesta lista, além do título do assunto a que se refere cada um dos documentos disponíveis, há a informação do número de pessoas que acessaram os mesmos. Ainda há, no mesmo item, a possibilidade de filtrar os conteúdos institucionais, ordenando-os por ordem de acessos, de postagem, de interesse do usuário, entre outros. Percorrendo o menu inicial, fica explícito o oferecimento da opção de busca de conteúdos para os usuários, no *link* Pesquisa; porém, esta funcionalidade é ofertada, também, internamente em muitos dos *sublinks* apresentados.

Portal da Igreja Adventista do Sétimo Dia - Quem Somos - Windows Internet Explorer

http://www.portaladventista.org/site/index.php?option=com_content&task=category§ionid=2&id=2&Itemid=2

Portal da Igreja Adventista do Sétimo Dia - Quem Somos

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

viva com esperança

Português

Español

Portal Oficial da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Menu

- Início
- Quem Somos
- Estude a Bíblia
- ASN - Notícias
- Pedido de oração
- Localize uma Igreja
- Assista a Novo Tempo
- Lições da Bíblia
- Procurar
- Fale Conosco
- WebMail
- Logos Adventistas
- Links
- Portal da Bíblia
- Pôr-do-Sol
- Mutirão de Natal
- Culinária
- MG

Ministérios

- Ministérios da Mulher

Início > Quem Somos

Quem Somos

Filtro Ordem Título asc Exibir # 50

Título	Acessos
Sobre os Adventistas	9061
Mapa da Igreja Adventista na América do Sul	5923
Crenças Fundamentais	9436
Nossa História	8604
Nossa Logomarca	5269
Nossa Estrutura	4494
Sede Sul-Americana	3521
Sede Mundial	3816
Nossa Administração	3606

<< Início < Anterior 1 Próximo > Fim >>

Resultados 1 - 9 de 9

[Voltar]

http://www.portaladventista.org/site/index.php?option=com_content&task=category§ionid=2&id=2&Itemid=2

Figura 12: Apresentação da Igreja Adventista

Fonte: Igreja Adventista. Disponível em: http://www.portaladventista.org/site/index.php?option=com_content&task=category§ionid=2&Itemid=2.

A relação do portal com a difusão de conhecimentos é fomentada em diversos serviços ofertados. O primeiro, em destaque, é um curso *on-line* de estudos bíblicos. Sem custo algum para os usuários, o curso é montado em módulos e subdivido por assuntos de interesse. O cadastro é aberto a todos, sem a necessidade de ter o *e-mail* vinculado à igreja.



Figura 13: Bíblia On-line

Fonte: Bíblia On-line. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.net/cursos/?lang=BR>>.

Outra forma de difusão de conhecimento é por meio da agência de comunicação da Igreja, um espaço alternativo ao principal, mas com diversos assuntos e temas tratados por meio do acesso a *links* diretos. Na agência de comunicação, assim como na própria chamada de destaque do portal, o usuário acessa fotos, notícias, além dos programas de rádio e TV da Igreja.

O portal relaciona, ainda, uma série de *links* para outros ambientes relacionados ao que se dispõe: evangelizar. Para tal, dá a oportunidade para que os usuários conheçam outras frentes de atuação cristã na América do Sul, por meio de *sites* e portais de outras igrejas e instituições religiosas. Ainda assim, estas funcionalidades tratam de um conhecimento formal e enraizado nos princípios evangelizadores, ou seja, no conteúdo essencial do portal. Por outro lado, uma clara demonstração de espaço para a difusão e produção do conhecimento cotidiano é feita por meio de funcionalidades específicas dentro da plataforma.

Os *sublinks* apresentados nos ministérios têm espaço para a difusão de frentes de atuação de jovens, mulheres, evangelizadores, congregadores, entre outros. Apresentam, ainda, fotos e imagens de ações sociais e públicas dos participantes das igrejas. Além disso, destina um espaço de Variedades dentro dos destaques do portal, com *links* para espaços de receitas, de programação na TV; enfim, de entretenimento ao público.

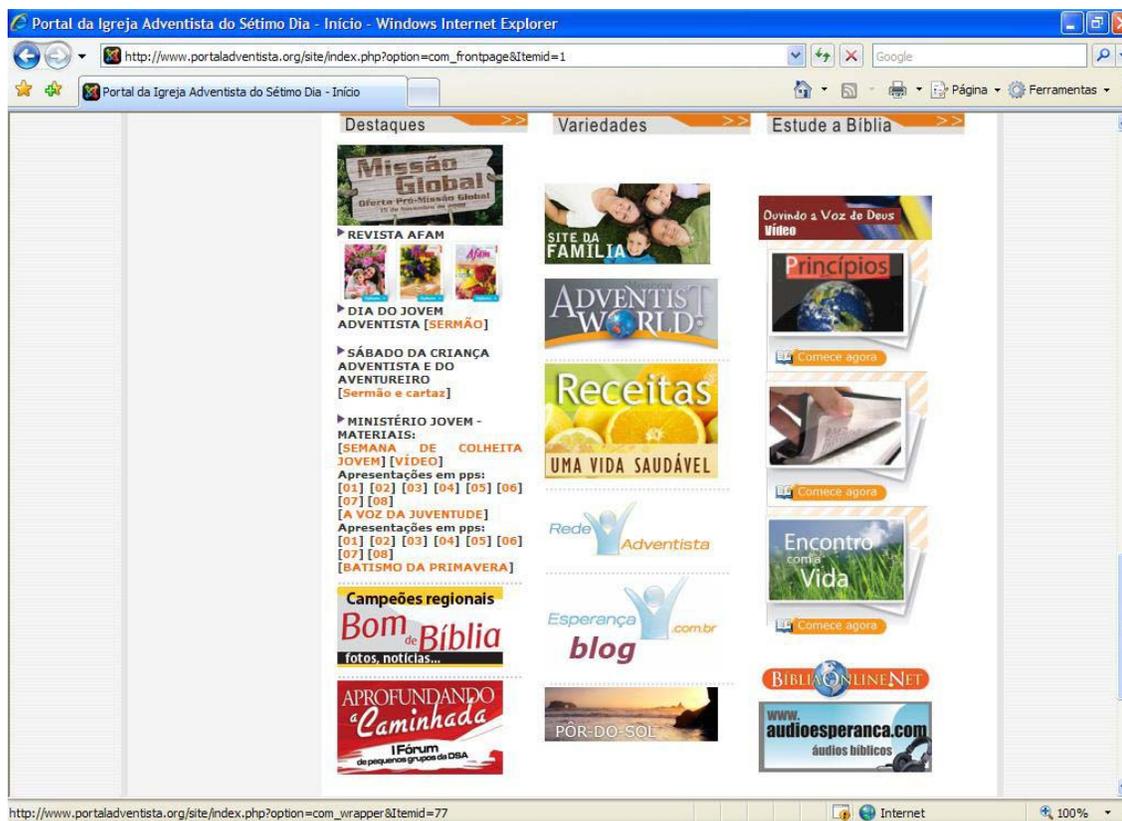


Figura 14: Links de opções da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Fonte: Igreja Adventista. Disponível em: http://www.portaladventista.org/site/index.php?option=com_frontpage&Itemid=1.

O comércio do conhecimento é pouco explorado dentro do portal da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Existe um *link* com acesso às editoras oficiais da Igreja, assim como um menu destinado a todas as frentes de negócios relacionadas à comunidade adventista. Nenhum desses *links* fomenta a transação comercial, nem de conhecimentos formais relacionados ao cristianismo, nem de dicas publicitárias que remetam a produtos indicados pela instituição. A exceção a isto é um *banner* publicitário nos destaques que indica a operadora de canais Sky, a qual oferece telefones e contatos da operadora para os interessados assinarem o canal oficial da Igreja em seu pacote de canais.

Mas o maior destaque que o portal disponibiliza aos frequentadores da plataforma são as funcionalidades que fomentam a produção do conhecimento por parte do público. O mais simples de todos, além da opção do Fale Conosco, é o *link* Pedidos de Oração. O internauta pode contar sua aflição ou desejo, e remeter, via portal, para que sejam feitas orações em seu auxílio.

Um dos mais funcionais *links* dentro do portal é chamado Rede Adventista. Ao clicar, remete-se a um espaço que dispõe, entre outras coisas, de experiências dos fiéis em diversas esferas da vida cotidiana.

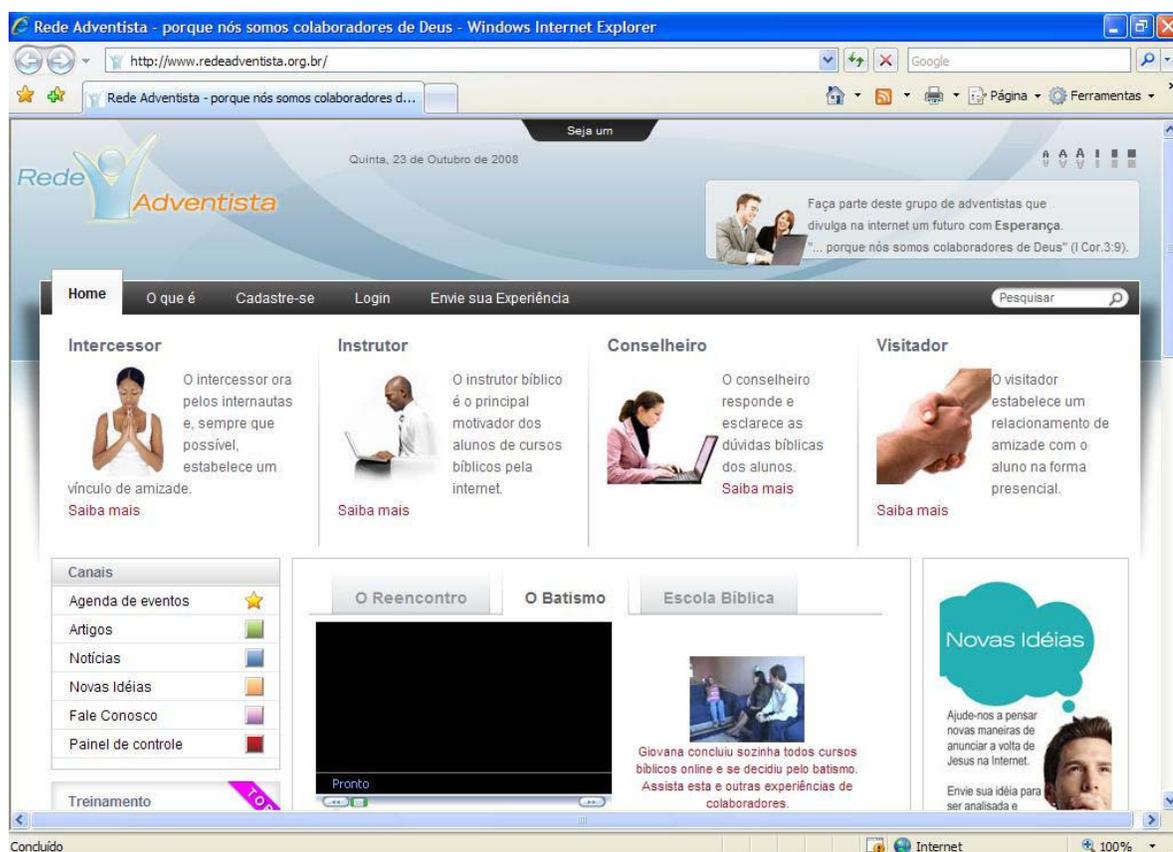


Figura 15: Rede Adventista

Fonte: Rede Adventista. Disponível em: <<http://www.redeadventista.org.br>>.

O usuário pode contar a sua história, ou apenas acompanhar como outras pessoas desenvolvem as suas. É de livre acesso e trata dos mais diversos assuntos. As histórias são publicadas, por textos enviados pelos usuários ou por vídeos. Ainda na Rede Adventista, outra funcionalidade de participação do usuário no compartilhamento do conhecimento comum é o

direcionamento que o portal dá às páginas do Orkut e endereços para a conversas, entre eles, no MSN. Funcionalidades que fomentam a socialização dos pares dentro da essência cristã.

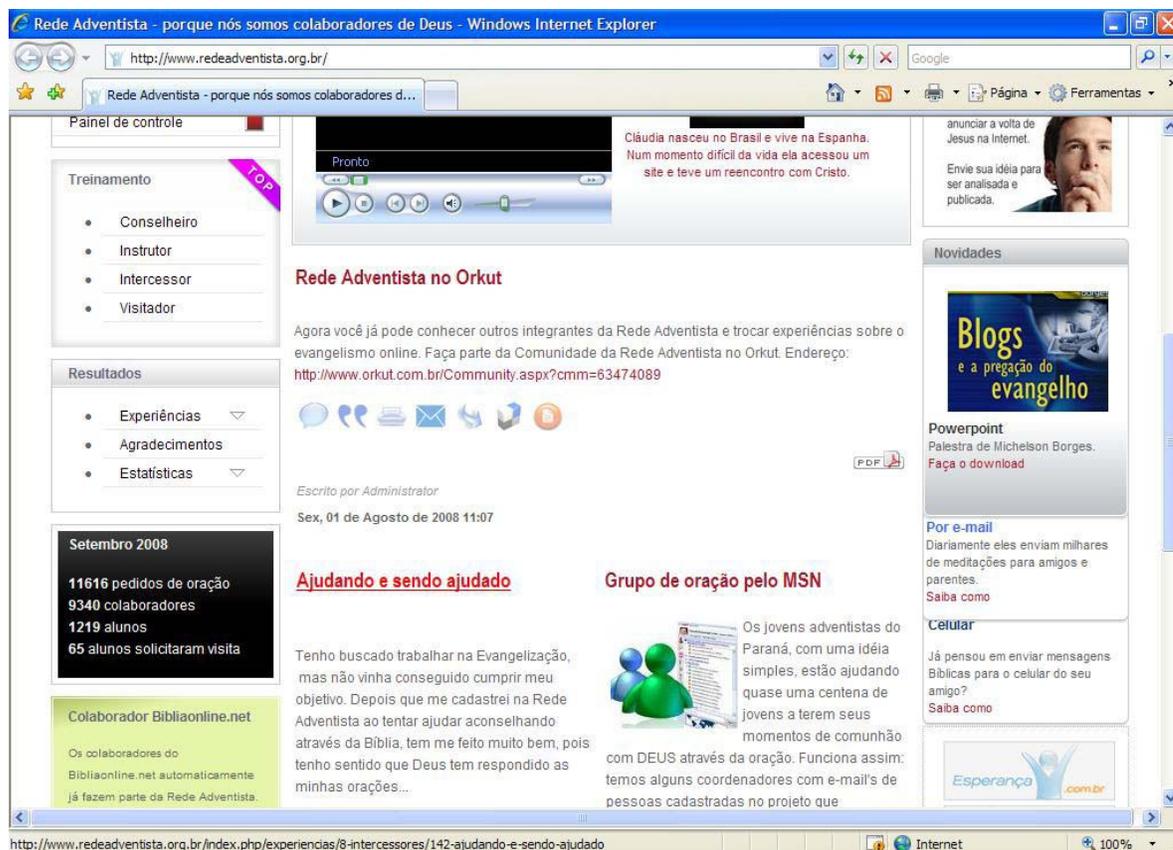


Figura 16: Opções da Rede Adventista

Fonte: Rede Adventista. Disponível em: <<http://www.redeadventista.org.br>>.

Além disso, o portal disponibiliza um *blog*, com oportunidade para que os usuários comentem de forma livre suas opiniões e considerações a respeito dos mais diferentes assuntos. Mesmo com temáticas religiosas e com postagens feitas a partir de um mesmo local, os comentários são livres, a oportunidade de participação é ofertada, e, ainda, é dado um rol de indicações de vídeos, entrevistas (difusão de conhecimento) e de livros e artigos para serem adquiridos (comercialização do conhecimento). Vale ressaltar que são indicações. Em nenhum espaço há o estímulo às transações comerciais via portal.



Figura 17: Esperança Blog

Fonte: Esperança Blog. Disponível em: <<http://www.esperanca.com.br/blog>>.

5.7 PORTAL DO ESTADO: UM PROTOCOLO DE SERVIÇOS AO CIDADÃO

O portal de serviços e informações do governo pode ser, na verdade, comparado a um grande banco de dados à disposição do cidadão. A categorização dentro das plataformas de portais se dá, primordialmente, pelo oferecimento de serviços e esclarecimento de alguns passos para se resolver algumas questões de ordem administrativa do dia-a-dia.

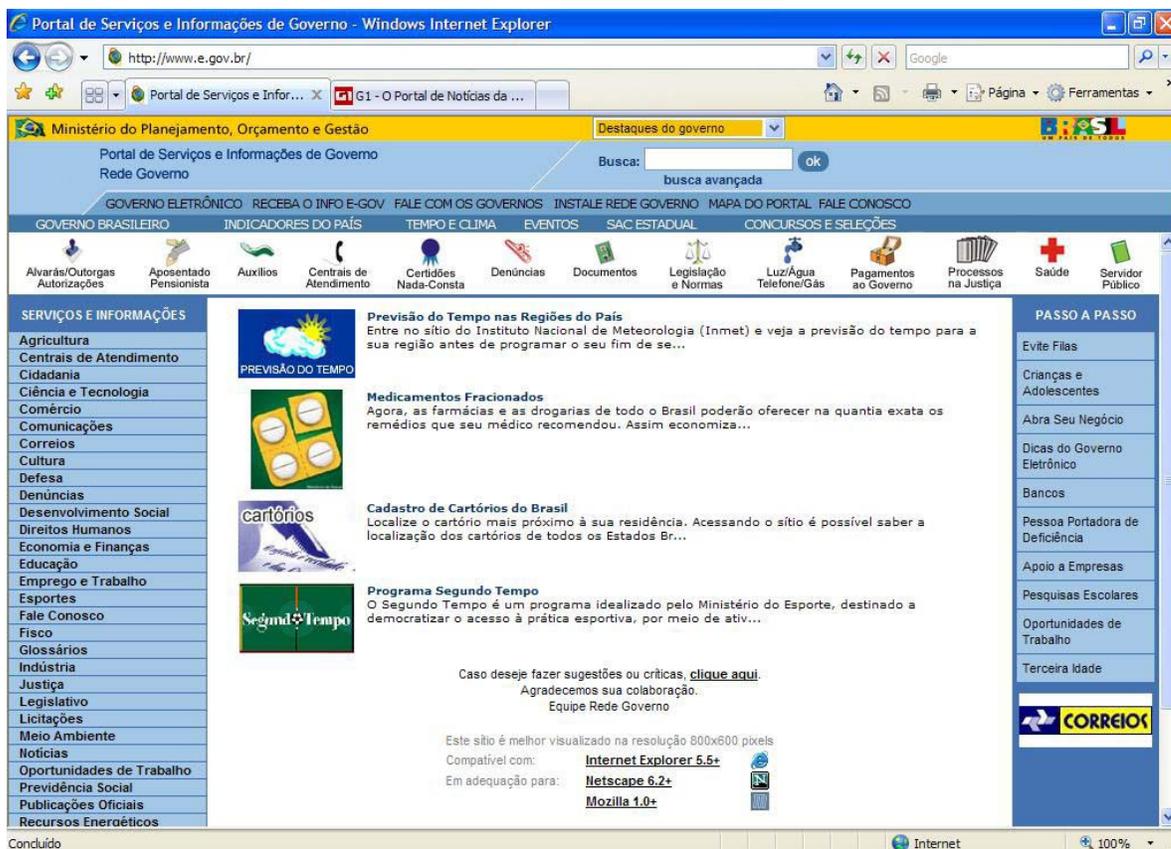


Figura 18: Visão do menu do Portal de Serviços e Informações do Governo

Fonte: E.GOV. Disponível em: <<http://www.e.gov.br>>.

A falta de recursos hipermídiaicos deixa o portal sem atrativos visuais; porém, a disposição de uma listagem de informações constrói esse banco de dados que, por si só, torna-se funcional a quem se dispõe a percorrê-lo. Por se tratar de uma plataforma convergente de serviços, o portal constitui-se em um grande observatório de menus e *links* dos mais diversos assuntos dentro da perspectiva social.

No topo da página, o serviço de busca avançada constitui o grande armazenamento de informações de forma organizada e categórica dentro do portal. Esta categorização, esta organização de assuntos também é comprovada dentro da funcionalidade Fale Conosco, onde, ao clicar neste item, o usuário é remetido a uma lista de opções de envio de sua mensagem.

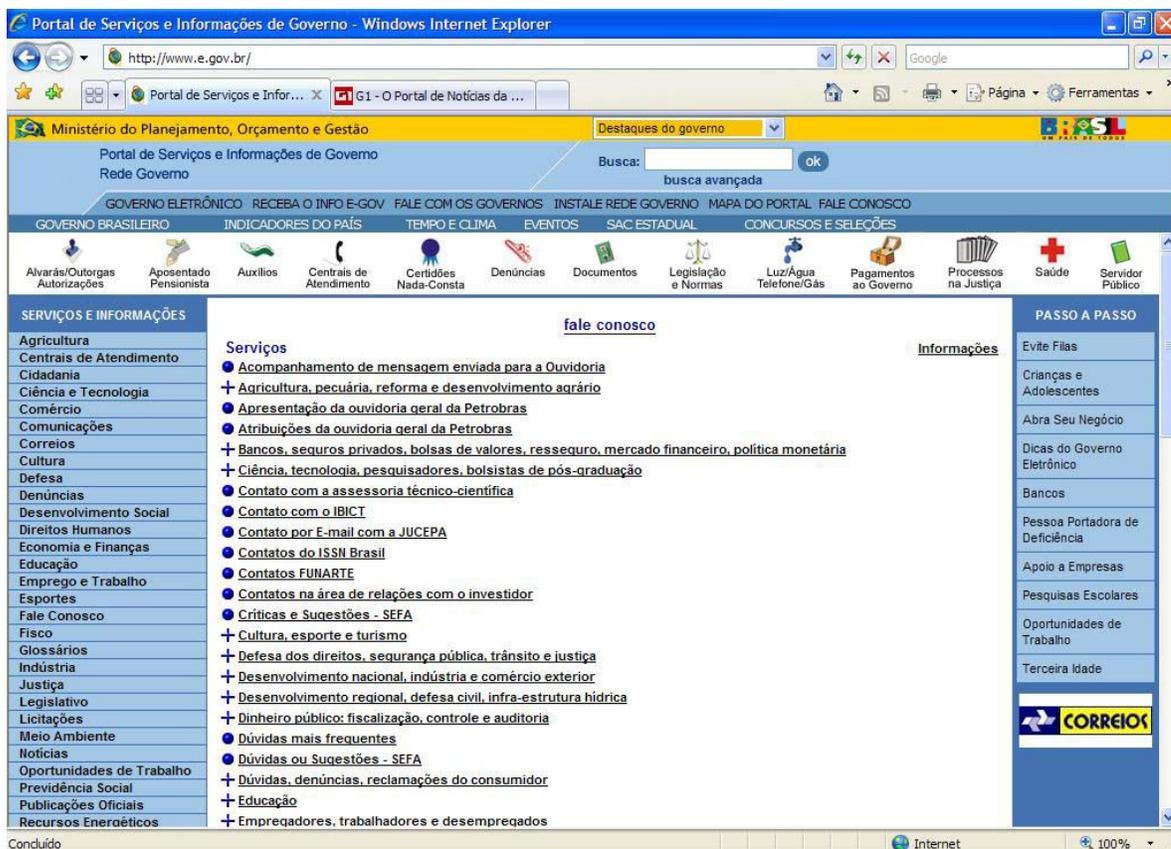


Figura 19: Lista de Serviços

Fonte: E.GOV. Disponível em: <<http://www.e.gov.br>>.

O portal dispõe, também, de um menu à esquerda, com uma diversidade de assuntos onde o usuário pode escolher o que melhor se enquadra dentro de suas necessidades. Neste menu, temos itens como notícias, previsão do tempo, denúncias, transportes, serviços diplomáticos, entre outros. Mesmo oferecendo serviços e informações, os conteúdos são oficiais, protocolares e estanques.

Não existe nenhuma funcionalidade de participação do usuário na construção do conteúdo. O máximo são as possibilidades de fazer denúncias ou reclamações, por meio de ouvidorias alojadas dentro do portal, mas que não permitem o compartilhamento dos pares nestas informações. O único *link* de compartilhamento de conhecimento é o de Pesquisas Escolares, em um menu à direita do portal, onde se encontram uma lista de assuntos tratados em sala de aula, mas em conteúdos fechados e sem a possibilidade da participação do usuário nessa construção.

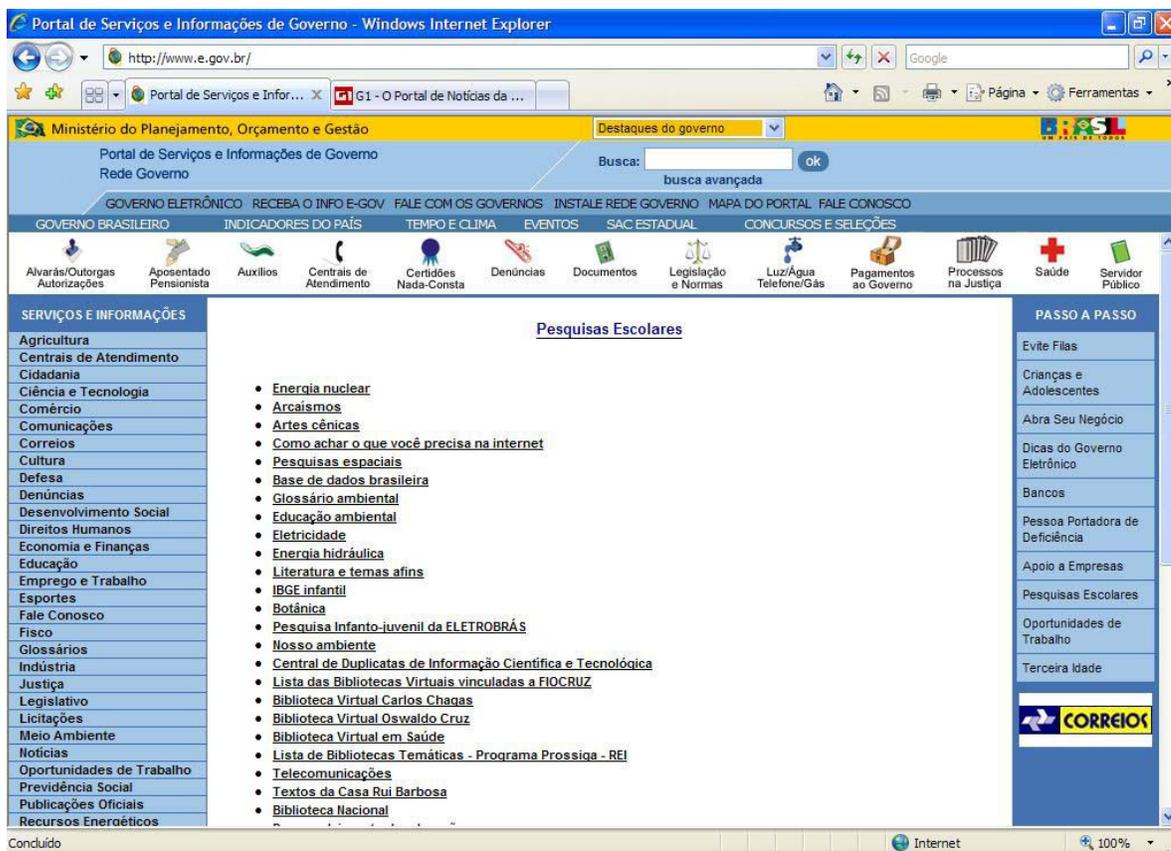


Figura 20: Lista de pesquisas escolares
 Fonte: E.GOV. Disponível em: <<http://www.e.gov.br>>.

Como nos outros portais analisados, o de Serviços e Informações do Governo veicula os destaques no centro da página, remetendo o usuário a uma sessão interna que contém um *link*. Ali abre-se um *site* com informações específicas, mas igualmente estancado e sem possibilidades de participação do usuário. Apesar disso, os conteúdos gerais estão aptos a serem consultados por qualquer um. Apenas dentro de *links* específicos de consultas pessoais é necessário o cadastramento e identificação do usuário.

5.8 BALCÃO DE CONTEÚDO, DE LINGUAGENS, DE INTERAÇÃO: A DIVERSIDADE NO PORTAL DE NOTÍCIAS

Com certeza o site do G1, vinculado ao www.globo.com, tem por grande diferencial a diversidade de assuntos tratados em seus destaques e *links*. Por sua vez, tratar estes

conhecimentos sob forma de notícia, caracteriza o portal por sua essência, mas apresenta peculiaridades em relação aos outros analisados até então. A primeira verificação clara é em relação ao próprio menu. Existem dois tipos de lista de assuntos ao dispor do usuário do portal. A primeira, na barra superior, é a divisão de assuntos por quatro grandes temas eleitos pela administração do portal: notícias, esportes, entretenimento e vídeos.



Figura 21: Visão do menu superior do Portal de Notícias do G1

Fonte: G1. Disponível em: <<http://www.g1.globo.com>>.

A opção notícias remete ao conteúdo diário e às notícias anteriores, guardadas no banco de dados do portal. Mais uma vez difusão e organização do conhecimento são trabalhadas de forma conjunta, como no portal da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Os outros três menus levam o internauta aos assuntos específicos de suas categorias. Um exemplo do que se encontra nestes itens é a sessão de esportes. Ao direcionar o público a esta plataforma, o portal condiciona todo o assunto tratado ali dentro para a categoria esportes. Lá, assim como nos outros, novamente aparecem notícias, fotos, vídeos e espaços para a participação efetiva da audiência na produção de conhecimento.

The screenshot shows the website <http://globoesporte.globo.com/> in a Windows Internet Explorer browser. The page features a navigation bar with categories: **noticias**, **esportes**, **entretenimento**, and **videos**. A search bar is located below the navigation. The main content area includes a large article titled "Um incrível 'jejum' para ser que brado" with a sub-headline "Dos adversários da Série A, além do Ipatinga, Vitória é o único em que Ceni não fez gol". To the right, a "RANKING MUNDIAL" section highlights "Palmeiras x Corinthians está entre os 10 maiores clássicos" with a sub-headline "Rivalidade é a 9ª do mundo, segundo a CNN". Below this, there are three small articles: "Inspiração" (Adolescente olímpico salta com golfinhos), "Arte" (F-1 ganha exposição em São Paulo), and "Pelé" (Mais perto dos 70, Rei chega aos 68 anos). A "plantão" (live news) section on the right lists updates: "15h07 Inglês: Mesmo com vitória do Chelsea, imprensa britânica critica Felipeão", "15h06 Atlético pr: Vitória do Vasco sobre o Goiás joga Furacão para a vice-lanterna", and "15h06 Ibrasiléiro: Rubro-negro baiano adota lei do silêncio antes de enfrentar o São Paulo". A "globoesporte.com" logo is on the left, and a "globoesporte.com" logo is at the top left. The browser's address bar and search bar are visible at the top.

Figura 22: Globo Esporte no Portal

Fonte: Globo Esporte. Disponível em: <http://www.globoesporte.globo.com/>.

O portal, nas sessões específicas, oferece a oportunidade de o público enviar, via celular, portal ou *e-mail* sua notícia pessoal e ainda faz a chamada para que as pessoas se assistam no portal de notícias. Esta interação remete às funções interativas e participativas que o usuário tem na produção do conhecimento veiculado no portal. Esta mesma lógica é percebida em outros *links* que estão publicados nesta plataforma.



Figura 23: Envie a sua notícia

Fonte: Globo Esporte. Disponível em: <<http://www.globoesporte.globo.com>>.

A busca por informações também é priorizada nesse portal. Como dito anteriormente, não apenas as notícias anteriores dispostas no G1 estão ao dispor de quem visita o portal, mas existe a opção de se escolher em qual banco de dados o usuário quer que seja feita a busca. Estão indexados os arquivos do portal, da *web* no geral, da plataforma globo.com ou ainda do shopping de vendas da instituição. Neste sentido, em todo o portal é percebida a forte influência e presença publicitária, por meio de *banners* e chamadas que estimulam a transação eletrônica de bens e serviços. Prova disto é a opção que o usuário tem de comparar preços de diversos produtos dentro de uma ferramenta que o portal oferece a todos.

Voltando aos menus, à esquerda, as notícias são subdividas em editorias que dão os nomes aos *links*. Fora isto, ao longo de todo o corpo do portal, outros menus mais específicos de serviços, produtos, editorias, assuntos, entre outros, são ofertados de forma organizada e sempre estimulando a visitação dos internautas. Aliás, o estímulo é o grande destaque do portal. Não só funcionalidades e oportunidades de participação e acesso ao conhecimento por

meio de colunas, notícias e *blogs*, mas o uso de recursos hipertextuais e hipermediáticos são outras das características do portal.

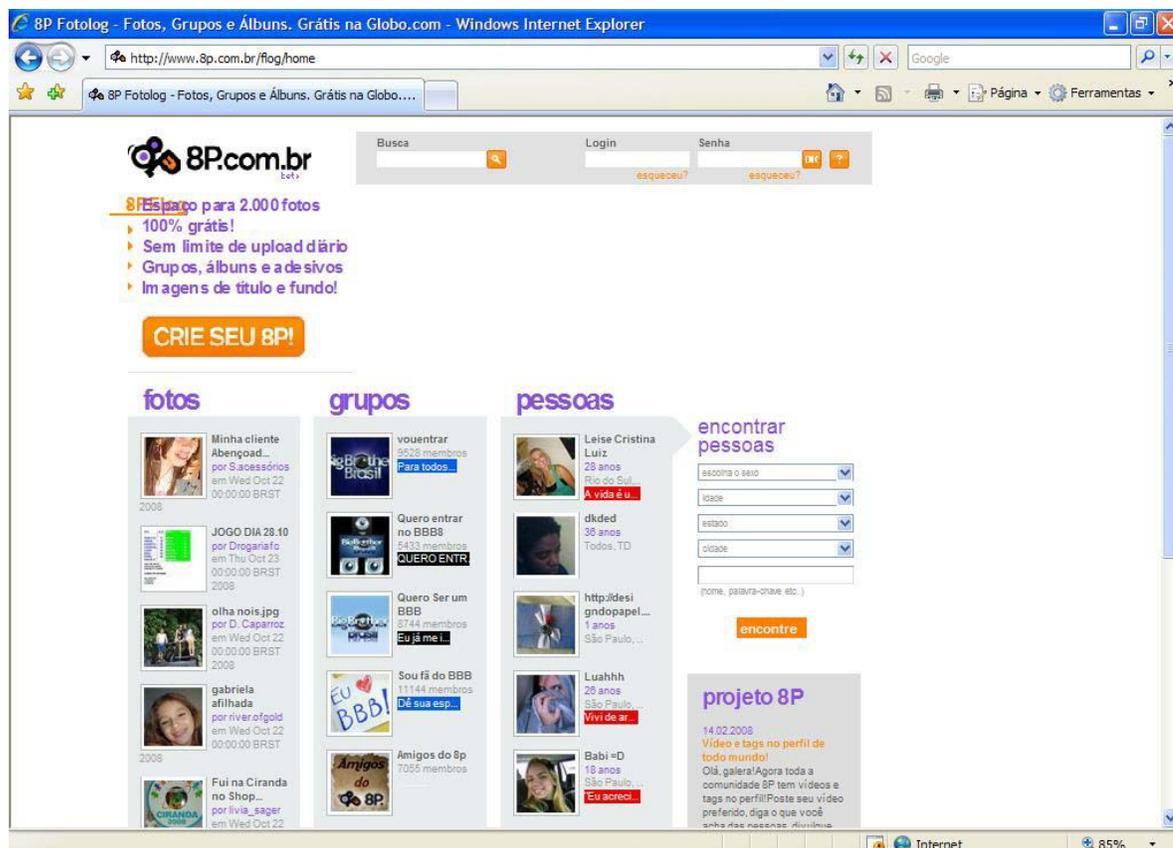


Figura 24: Fotolog no G1
 Fonte: G1. Disponível em: <<http://www.8p.com.br/flog/home>>.

Infográficos, vídeos, animações, fotos, textos, enfim, uma profusão de linguagens que se complementam e se auxiliam na difusão das notícias é utilizada na plataforma. Existe, ainda, dentro desta visão multifacetada, a opção para que usuários se cadastrem para o recebimento destas informações por *e-mail* e celular, sem que se faça nenhum controle de acesso a isto. Com um simples cadastro, qualquer um pode receber e compartilhar desta informação.

O compartilhamento, por sua vez, também é estimulado via funcionalidades do portal. Esta proximidade que o portal constrói junto ao público que o visita é representada pela diversidade de serviços que podem ser utilizadas no portal. Dos mais comuns, como *e-mail*, dicas, fale conosco, até os mais específicos, como previsão do tempo, guia cultural,

informações de trânsito, classificados, concursos, ou ainda, o serviço de acesso a todos os *sites* das organizações Globo, um verdadeiro banco de dados eletrônicos à disposição do usuário.

Entre esses *sites* que estão dispostos no banco de dados, um deles comprova, ainda mais, a disponibilidade do portal G1 na participação e produção do conhecimento comum entre seus participantes: o <http://www.8p.com.br/flog/home>. Este é um *fotolog* onde, sem custo e com um simples cadastro, o público cria suas páginas pessoais vinculadas ao portal do G1, nas quais podem disponibilizar seus conhecimentos, suas experiências e seus registros fotográficos.

5.9 OS PORTAIS E OS ACORDOS PRÉ-DEFINIDOS

Tendo em vista a descrição dos portais apresentada anteriormente, neste sub-capítulo ressurgem algumas observações expressas na estruturação teórica do trabalho, a fim de se estabelecer o diálogo entre conceitos e objeto de análise. Justificam-se, então, as considerações sobre os acordos metodológicos, sobre a definição da cibercultura e suas particularidades, sobre os portais e, mais precisamente, sobre as funcionalidades de produção, controle e comércio de conhecimento nesta nova realidade.

A descrição apresentada no escopo deste capítulo é o argumento utilizado desde o princípio da pesquisa. Observar por meio da forma tornou-se o caminho inicial e constante deste trabalho, com a intenção clara de, assim, suscitar o interesse por estudos mais direcionados sobre o tema. Justifica-se o formismo como representação da própria essência.

Essa estratégia embasa a aplicabilidade do estudo, uma vez que, qualitativamente, busca-se a estrutura representativa do conhecimento pós-moderno dentro dos portais. E, para tal, antecede a descrição, a compreensão do todo social, a fenomenologia, onde se configuram tanto o portal (cultura digital, cibercultura, entre outros) quanto o conhecimento (pós-modernidade, história da produção, controle e comércio de conhecimento).

A estrutura da pós-modernidade, embasada pelas definições de vários autores, como Harvey (2000), que sugere a emergência dos meios de comunicação como exemplos de mediadores da sociabilidade e da representação da realidade. Neste sentido, encontra-se nos portais (ambiente representativo da realidade) uma série de funcionalidades (instrumentos de mediação) que aproximam os seres e os incitam a participar, a fazer parte daquele contexto (relação social).

Essas funcionalidades são configuradas e analisadas como as principais manifestações formistas que interessam a esta pesquisa. Sob a luz dos conceitos do ciberespaço, como o apresentado por Santaella (2004), são as mínimas infra-estruturas que formam este universo paralelo representativo da realidade. Mas precisamente é por meio de hipertextos – Lévy (1999) – que se organiza o conhecimento ou dados sem uma cartografia definida. Somados à multimídia (SILVA JÚNIOR, 2001), formam uma nova linguagem da ciberespaço, a hipermídia (SANTAELLA, 2004).

A breve revisão acima ajuda a ressaltar as condições em que os portais foram percebidos dentro da realidade digital e, mais especificamente, como a oferta de funcionalidades por meio de *links* e espaços indicativos de serviços configura uma nova linguagem neste universo. Destes elementos funcionais dos portais são trazidas as categorias de tratamento do conhecimento. Da história busca-se os parâmetros e, com o equivalente na cultura digital, faz-se a análise da produção, do controle e do comércio do conhecimento pós-moderno nos portais.

Especificamente, os portais analisados apresentam, entre tantas características, argumentos que, conforme a divisão apresentada (Quadro 1), os categorizam da seguinte forma:

- a) Igreja Adventista, G1 e UFBA – portais interativos que oferecem aos usuários vários serviços como *e-mail*, *chats*, notícias, blogs, entre outros.
- b) Portal de Serviços e Informações do Governo: portal referencial que serve como catálogo de outros conteúdos da *web*.

Sobre as funcionalidades específicas, Castells (2003) abre o caminho da produção do conhecimento por meio da socialização, ressaltando a comunidade virtual como ícone das relações sociais. As comunidades virtuais apresentam-se nos portais analisados sob as formas mais subjetivas, ou seja, os usuários que compõem o público cativo de exploração de conteúdo e que não são mensurados, e aqueles mais objetivos, fruto do estímulo dos próprios portais na construção de grupos em torno dos assuntos.

Visivelmente os espaços de conversa em torno de um assunto em comum, aquelas tidas como as primeiras manifestações de uma comunidade virtual, são encontradas por meio de funcionalidades oferecidas pelos portais da UFBA, da Igreja Adventista e do G1. Estas plataformas integram, no sistema de serviços, espaços de discussão e encontro dos usuários, seja com *chats* convencionais (salas de bate-papo) ou por meio de outros instrumentos de conversa e troca de experiências: *blogs*, *fotologs*, MSN, grupos de discussão, entre outros.

Oferecendo espaço para que o usuário colabore e participe da construção de conteúdo ou apenas o receba e transmita (*e-mails*), os portais estimulam a cultura dos *hackers*, defendida por Castells (2003) como a cultura da liberdade, da apropriação e distribuição livre de conhecimento. Esta forma de produção por meio da socialização alavancada por funcionalidades de troca de experiências entre usuários são as ilustrações apontadas por Santaella (2004) como as extensões da vida que, por meio da interatividade, pulverizam nexos e os redistribuem, ou, como afirma Lemos (2004), contribuem para a comunhão de idéias e o compartilhamento de sentidos.

Dessa forma, verifica-se que os portais apontados como estimuladores da produção do conhecimento pós-moderno utilizam a função das trocas de idéias e informações por meio das salas de conversação ou de correio eletrônico. Ressalta-se que esta funcionalidade detém, entre outros estímulos, a efetiva produção compartilhada de conhecimento. A opinião do senso comum, entendido aqui como o grande público, tem espaço nestas plataformas e, mesmo que não façam parte do escopo central de conteúdo do portal, configuram uma importante funcionalidade que concretiza a definição das comunidades virtuais.

O controle e a busca do conhecimento dentro dos portais são analisados pelos mais diversos autores como um dos maiores desafios dos gestores da informação *on-line*. Neste sentido, Lévy (1999) lembra que o excesso é, na verdade, a junção de pequenas totalidades de informações que formam o grande banco de dados da *web*. Assim, os quatro portais analisados entram, ao dispor de ferramentas de busca, neste catálogo de organizadores do conhecimento. Porém, com peculiaridades relevantes a serem observadas.

Todos os quatro são, de certa forma, *index* de catalogação de conteúdos próprios. Fora isso, o G1 e o Portal de Serviços e Informações do Governo funcionam como agentes inteligentes (COSTA, 2003), ou seja, são estruturas que possibilitam a busca de conteúdos fora dos parâmetros do portal e refinam os critérios de pesquisa dos usuários. Os agentes inteligentes são desdobramentos avançados que recortam especificamente as necessidades de cada um na busca por informações. Sobre esta categorização do conhecimento e direcionamento das buscas dos usuários por meio das funcionalidades de rastreamento, Lévy (1999) fala que o processo de construção do conhecimento passa pelo acesso a estes grandes bancos de dados com informações prévias que servem como base para a formulação de outros conhecimentos.

Os acessos restritos também fazem parte do serviço que os portais oferecem para disponibilizar conteúdos. Desta maneira, percebe-se que o G1 oferece aos assinantes da *globo.com* esta exclusividade, assim como o portal da UFBA aos alunos, via solicitação de *login*. No caso da Universidade, o acesso é restrito nas informações trocadas dentro dos grupos de discussão. Todavia, ao mesmo tempo em que para os participantes destas comunidades a funcionalidade serve como produtora do conhecimento, para o grande público, cujo acesso é negado, serve como controladora do conhecimento.

Como nova forma de comércio e de expressão publicitária, Diniz (1999) fala da prática de se aproximar pessoas de serviços e produtos por meio da internet. Castells (2003) complementa dizendo que o computador media estas transações por meio de inovações. Estas, por sua vez, são apontadas como as possibilidades de compra que os portais oferecem aos usuários, assim como a própria veiculação publicitária nos mesmos.

Essa manifestação publicitária é facilmente identificada nos portais G1 e da Igreja Adventista. Porém, com a diferença que neste último são produtos e serviços ligados à essência cristã, enquanto no primeiro são ligados ao grande comércio no geral.

Ter *links* e propaganda acessíveis em seus portais de conteúdo comprova as afirmações de Castells (2003) sobre as negociações eletrônicas. Elas estão vinculadas à disponibilização de informações, ao uso de recursos como imagens e conexões e da inovação, ou seja, adquirir determinado bem de consumo ou serviço por meio do portal onde se busca a informação, o conhecimento.

Todavia, mais discretamente, a UFBA não entra nesse caráter inovador (publicidade na capa por meio de recursos hipermidiáticos) do comércio eletrônico por disponibilizar um *link* sem atrativos para a editora própria da Universidade. Contudo, disponibiliza o acesso a catálogo de livros, sem a possibilidade de se efetuar a transação por meio do próprio portal. Pode-se, então, sugerir que é um catálogo organizado (organização do conhecimento) de produtos editados e vendidos pela Universidade (comércio). Contudo, apenas o conhecimento formal, aquele produzido por meio de pesquisas ou obras literárias, faz parte da lista de produtos.

Sem muita dificuldade, percebe-se que desde a categorização até a própria descrição de conteúdo, o Portal de Serviços e Informações do Governo é o que oferece menos possibilidades aos usuários, no que se refere à produção e comercialização de conhecimento. Contudo, nele identifica-se o que a história já havia mostrado: o governo sempre se preocupou na organização das informações, com a diferença que o acesso e a disponibilização à sociedade são mais livres.

Ainda referenciando a história, os outros três portais utilizam-se do formato de notícias jornalísticas para difundir seus conteúdos. Novamente a prática da imprensa é vista como forma de difusão, mesmo que o valor comercial mostre-se diferentemente configurado daquele apontado pelo passado. Fora o portal da Universidade, que não demonstra a presença da publicidade, os outros têm, junto às notícias, espaços para os anunciantes. Ou seja, a publicidade patrocina estas notícias.

Outra ocorrência dentro dos portais analisados tem relação direta com a utilização dos recursos hipermediáticos, enquanto forma de atrair o usuário pelas interfaces (COSTA, 2003). Verifica-se que aqueles cujas funcionalidades de produção e comércio do conhecimento se estabelecem entre os serviços ofertados são os mesmos que exploram a comunhão de linguagens sonoras, visuais estáticas, visuais em movimento, escrita, animação, entre outros. Aponta-se um novo referencial de percepção que é atrelar a utilização dos recursos à oferta de serviços. Este argumento ganha ainda mais força quando compara-se com o portal da academia e o de serviços e informações do governo, que basicamente utilizam a escrita e dispensam o uso de outros atrativos.

A análise das funcionalidades dos portais com a revisão dos argumentos dos autores utilizados na construção teórica fecha este panorama de observação que foi proposto neste trabalho. Assim, percebe-se na prática a instauração de alguns conceitos e pensamentos utilizados. Com os pressupostos que por meio dessa funcionalidade o conhecimento pós-moderno pode ser produzido, controlado ou comercializado, considera-se que os portais, como meios de comunicação provenientes da pós-modernidade, servem de referência para apontarmos as possibilidades de tratamento do conhecimento.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estruturar uma pesquisa como esta, acerca de um assunto pouco comentado e analisado, tornou-se um grande desafio, ainda mais quando alguns elementos ímpares, como o conhecimento, a pós-modernidade, a história e o formismo, são escolhidos como norte de observação. Traçar uma linha lógica onde estes termos e conceitos possam ser analisados na prática de navegação dos portais, por outro lado, foi o facilitador deste processo todo. Assim, revisitar algumas escolhas complementará esta observação das funcionalidades dos portais, trazendo, novamente, ao final deste trabalho, os pressupostos determinantes para a composição das considerações.

6.1 REVISITANDO AS ESCOLHAS APÓS A ANÁLISE

Desde o princípio, a grande preocupação deste trabalho foi deixar bem estruturados os conceitos escolhidos como base da caminhada proposta. Um dos mais importantes foi o próprio conhecimento, dentro da perspectiva da pós-modernidade. Analisá-lo é tarefa das mais difíceis, por isto, constituir o entendimento do mesmo foi o objetivo do início desta pesquisa.

Assim, voltando-se ao que Maffesoli entendeu por conhecimento, fica claro que em nenhum momento são dispensados os formalismos e cientificismos, típicos da definição do mesmo, mas se buscou um olhar mais generalista sobre as condições de percepção do conhecimento cotidiano, fruto das experiências pessoais, dentro das plataformas analisadas.

Todavia, caracterizou-se essas plataformas como portais pela disponibilização de funcionalidades de serviços aos navegadores da *web* e percebeu-se que o suscitar desta pesquisa poderia ser estruturado a partir da idéia destas próprias opções formadoras das páginas. Neste sentido, as arestas do trabalho foram construídas por meio da concepção histórica da apropriação do conhecimento e das instituições que promoveram esta situação.

Definidos os compromissos assumidos no início da pesquisa, a análise dos portais, escolhidos por meio de buscadores indicativos da popularidade dos mesmos, torna-se o foco de percepção a que se pretende. Entendendo a produção do conhecimento como uma situação fomentada pela interatividade e socialização na internet, verifica-se que os portais estão atentos a estas funcionalidades. Com exceção do portal do governo federal, os outros disponibilizam espaços para a troca e composição das experiências comuns.

Mesmo que o portal acadêmico demonstre a preocupação em selecionar os participantes desses espaços de produção, existe a funcionalidade e compõe-se em uma opção de serviço atrativa e formadora do portal. Acrescenta-se a isto o fomento dos mesmos na afirmação em compor comunidades virtuais em seu entorno, uma vez que *blogs*, *fotologs*, grupos de discussão e fórum são encontrados nestas plataformas.

O conhecimento comum, por outro lado, tem menos espaço que o conhecimento formal, dentro dos portais. Nos quatro casos, percebe-se que o espaço destinado a publicações relacionadas à essência do portal é muito mais significativa. Os espaços de discussão pública e participativa aparecem nos arredores, nos *sublinks*. Uma tendência que possibilita um pensamento onde se entende que o conhecimento comum ainda está à margem do conhecimento constituído por bases de estudos e informações.

Em outro sentido da análise, o comércio de conhecimento continua sendo bastante explorado pelo portal de notícias. Explícito e rodeado de publicidades gerais, entende-se que, pela diversidade de assuntos, a propaganda e o fomento às transações comerciais são mais apropriadas no portal em questão. Universidade e Igreja compõem um universo onde o conhecimento é comercializado por meio de estruturas acordantes com o sentido estrutural de conteúdo dos mesmos.

No que tange à administração, retenção, armazenamento e organização do conhecimento, os portais estruturam-se das seguintes maneiras: todos oferecem serviços de busca e constroem uma lógica de apropriação e armazenamento. Todavia, é no portal da academia que se percebe o controle de acessos a determinados conteúdos, julgados exclusivos para a comunidade comum do portal. Mesmo o G1, portal de notícias das Organizações Globo, disponibiliza o conteúdo a todos os usuários, e os que julga exclusivo podem ser

acessados por meio de cadastro simples, sem a necessidade de vínculo direto. O mesmo ocorre no portal da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Mas, ao se rever essas escolhas e perceber a ocorrência de uma ou outra funcionalidade, algumas considerações sobre tendências e estruturas do conhecimento pós-moderno podem ser suscitadas, sem que se perca o caráter de exploração adotado desde o princípio desta análise.

6.2 PERCEBENDO O HOJE E OLHANDO PARA O FUTURO

A primeira consideração que se faz é sobre a incidência de conhecimentos formais e comuns dentro dos portais analisados. Percebe-se que a publicação daquilo que é fruto de experiências pessoais está sendo trabalhado pelos portais que constituem sua lógica de acessos na atenção dos usuários. Pela lógica, pode-se supor que os portais que apresentam maior preocupação com os recursos hipertextuais são os que entendem a importância de disponibilizar espaços para a produção de conhecimento por parte de seus frequentadores.

Também é de valia considerar que os portais se utilizam do formato da notícia para difundir o conhecimento. Este recurso, percebido na maioria dos portais analisados compõe a lógica de Robert Park (1940)⁶, ao ser o pioneiro em perceber que a notícia é um conhecimento sustentado pelo olhar do jornalista e difundida pelo meio de comunicação de massa.

Ainda sobre o compartilhamento e produção do conhecimento, as comunidades virtuais são os recursos mais utilizados para a construção dessa proximidade participativa que alguns dos portais pretendem. O fomento aos *blogs*, *fotologs*, MSN, grupos de discussão, sugerem o princípio de reunir, virtualmente, entes com interesses comuns para discutir determinado assunto de interesse comum.

⁶ PARK, Robert. *A notícia como forma de conhecimento*. In: STEINBERG, Charles. **Meios de comunicação de massa**. São Paulo: Cultrix, 1940

Pode-se considerar, também, que o recurso de administração do conhecimento é uma das maiores incidências dentro dos portais. Percebe-se a preocupação de ser detentor do maior número de informações, disponibilizando, a partir de banco de dados internos, aos usuários. Apropriar-se e gerir o conhecimento pode ser visto como a manifestação de poder sobre as informações e a preocupação em ter uma gestão do mesmo para disponibilizá-lo ao público. Tendência de constituição superlativa no portal do governo federal, que se caracteriza por um grande banco de serviços organizados. Vê-se, neste caso, uma população de *links* organizados por assuntos e construídos para servir aos cidadãos de forma objetiva, direta e protocolar.

Não é errado perceber, então, que os portais se voltam para a produção e controle do conhecimento pós-moderno, mesmo que ainda seja pontual a presença de ferramentas formadoras do mesmo. Por outro lado, percebe-se que a comercialização do mesmo continua sendo uma essência da instituição noticiosa e pouco explorada pelas outras vertentes exploradas.

Neste sentido, produzir e administrar o conhecimento pós-moderno é a grande similitude dos portais analisados, conduzindo às previsões que os portais informativos e participativos seguem a tendência das tecnologias da informação e dos estudos da ciência da informação que se voltam para a produção compartilhada de conhecimento e a gestão dos bancos de dados.

Assim, constitui-se um pensamento que percebe a incidência de ferramentas formadoras dos portais que estimulem a produção e o controle, ao mesmo tempo em que se verifica a hipótese de pouca exploração comercial nos mesmos. Mesmo que exista um caráter de promoção dos serviços e produtos institucionais dos portais, o fomento às trocas comerciais é pouco explorado, à exceção do portal de notícias.

Assim, sugere-se, ao final desta pesquisa, que os estudos se voltem cada vez mais para a análise aprofundada dessas ferramentas de produção e controle do conhecimento, baseadas em preceitos de socialização, interatividade, tempo e espaço na cibercultura, assim como na utilização de recursos hipermidiáticos para construir essa lógica. Além disto, considera-se que cada um destes segmentos de instituições historicamente envolvidas na produção, retenção,

difusão e comércio do conhecimento recebam um olhar mais atento sobre as transformações delas enquanto organizações e do conhecimento, enquanto produto da pós-modernidade.

Atrever-se a considerar a experiência cotidiana e passional como conhecimento pós-moderno não é novidade. Perceber a institucionalização do conhecimento por meio de organizações acadêmicas, estatais, religiosas e de imprensa, também não. Porém, construir por meio do formismo uma análise da cibercultura e utilizar os portais como exemplificadores das manifestações do conhecimento pós-moderno é a particularidade desta pesquisa. Suscita-se, aqui, um primeiro olhar e pretende-se, assim, estimular percepções mais aprofundadas sobre o conhecimento pós-moderno e suas manifestações na cibercultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Suzana. **Jornalismo Online: dos sites noticiosos aos portais locais**. In: Labcom - Laboratório de Comunicação e Conteúdos On-line, Covilhã, 2001 [online]. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/texto.php3?html2=barbosa-suzana-jornalismo-online.html>>. Acesso em: 6 jun. 2008.

BRUNO, Fernanda. Mediação e interface: incursões tecnológicas nas fronteiras do corpo. In: SILVA, Dinorá Fraga e FRAGOSO, Suely. **Comunicação na cibercultura**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg à Diderot**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CARDOSO, Cláudio. Cadeira cooperativas nos negócios eletrônicos. In: LEMOS, André e PALÁCIOS, Marcos. **Janelas do ciberespaço: comunicação e cultura**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____; ARDÈVOL, Mireia Fernández; QIU, Jack Linchuan; SEY, Araba. **Comunicación móvil y sociedad: una perspectiva global**. Barcelona: Ariel, 2007.

COSTA, Rogério da. **A cultura digital**. São Paulo: Publifolha, 2003.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1995.

DIAS, Cláudia Augusto. **Portal corporativo: conceitos e características**. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/viewFile/223/198>>. Acesso em: 11 set. 2008.

DINIZ, Carlos Henrique. **Comércio eletrônico: fazendo negócios por meio da internet**. Disponível em: <http://64.233.179.104/scholar?hl=pt-BR&lr=&q=cache:tgnkMLaic9IJ:www.anpad.org.br/rac/vol_03/dwn/rac-v3-n1ehd.zip+Na+prática,+a+Internet+criou+uma+revolução+nos+meios+de+comunicação+global%3B+está+alterando+dram>. Acesso em: 18 set. 2008.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. São Paulo: Contexto, 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2007.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2000.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva – por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. **As tecnologias da inteligência – o futuro do pensamento da era da informática**. São Paulo: Ed. 34, 1993.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. O ciberespaço e a economia da atenção. *In*: PARENTE, André. **Tramas da rede**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcelona, 2004.

LYON, David. **Pós-modernidade**. São Paulo: Paulus, 1998.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **O conhecimento comum – compêndio de sociologia compreensível**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MATTELART, Armand. **Diversidade cultural e mundialização**. São Paulo: Parábola, 2005.

MOREIRA, Herivelto, CALLEFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&IA, 2006.

MORIN, Edgar. **O método 3 – o conhecimento do conhecimento**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

NOJOSA, Urbano Nobre. Da rigidez do texto à fluidez do hipertexto. *In*: FERRARI, Pollyana. **Hipertexto, hipermídia** – as novas ferramentas da comunicação digital. São Paulo: Contexto, 2007.

NUSSBAUMER, Gisele Marchiori. Fora do armário: a cibernsialidade em um lista de discussão GLS. *In*: LEMOS, André e PALÁCIOS, Marcos. **Janelas do ciberespaço** / comunicação e cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2001.

RIBEIRO, José Carlos S. Um breve olhar sobre a sociabilidade no ciberespaço. *In*: LEMOS, André e PALÁCIOS, Marcos. **Janelas do ciberespaço** / comunicação e cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2001.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e pesquisa** – projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Hacker, 2001.

_____. **Cultura e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

SILVA JÚNIOR, José Afonso da Silva. Do hipertexto ao algo mais: usos e abusos do conceito de hipermídia pelo jornalismo online. *In*: LEMOS, André e PALÁCIOS, Marcos. **Janelas do ciberespaço** / comunicação e cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2001.

SILVA, Lídia Oliveira. A internet – a geração de um novo espaço antropológico. *In*: LEMOS, André e PALÁCIOS, Marcos. **Janelas do ciberespaço** / comunicação e cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2001.

SOUZA, Mauro Wilson. **Novas linguagens**. São Paulo: Salesiana, 2001.

TEIXEIRA, Elisabeth. **As três metodologias**: acadêmica, da ciência e da pesquisa. Petrópolis: Vozes, 2005.

Sites:

Grupo de Educação e Comunicação NEPEC/FACED/UFBA. Disponível em: <http://www.faced.ufba.br/~dept02/sala_interativa/texto_grupo.html>. Acesso em: 11 set. 2008.

Portal de Serviços e Informações do Governo. Disponível em: <<http://www.e.gov.br/>>. Acesso em: 20 out. 2008.

Portal da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Disponível em: <<http://www.portaladventista.org/portal/>>. Acesso em: 21 out. 2008.

Portal da Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <<http://www.portal.ufba.br/>>. Acesso em : 23 out. 2008.

Portal de Notícias G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/>>. Acesso em: 24 out. 2008.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P222p Parada, Augusto Rodrigues
Portais: plataformas de produção, controle e comércio
do conhecimento pós-moderno / Augusto Rodrigues Parada.
– Porto Alegre, 2008.
114 f.

Diss. (Mestrado) – Faculdade De Comunicação Social,
Pós-Graduação em Comunicação Social, PUCRS.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Márgda Rodrigues da Cunha.

1. Cibercultura. 2. Internet. 3. Pós-Modernidade.
3. Comunicação e Tecnologia. 4. Conhecimento. I. Cunha,
Márgda Rodrigues. II. Título.

CDD 301.243

Bibliotecário Responsável
Ginamara Lima Jacques Pinto
CRB 10/1204